CAMILLO CASTELLO BRANCO
OBRAS
PARCERIA A. M. PEREIRA — EDITORA

RB169,917

OBRAS DI[...]ANCO

Cada vol. b[...] 320

I Coisas esp[...]geitada. — IV. Doze ca[...]. O bem e o mal. — VII[...]athema. — IX. A mulh[...]II. Correspondencia e[...]C. Branco. — XIII. Di[...]ndal. — XV. Duas hora[...]I e XIX. Novellas do M[...]II. Agulha em palheir[...]nnos de prosa. — XXV. [...]Bruxa de Monte-Cordova[...]atro horas innocentes. [...]a portuguez ... rico! — [...]. Estrellas propicias. — [...]XXXIV. O demonio do [...]filha do arcediago. — X[...]II. Delictos da Mocid[...]XL. Um homem de bric[...]naral. — XLII, XLIII e [...]LVI. Livro negro de p[...] — XLIX. Duas epocas d[...]agrimas abençoadas. — [...]emorias do carcere. — LV. Mysterios de Fafe. — LVI. Coração, cabeça e estomago. — LVII. O que fazem mulheres. — LVIII. O retrato de Ricardina. — LVIX. O sangue. — LX. O santo da montanha. — LXI Vingança — LXII. Vinte horas de liteira. — LXIII. A queda d'um anjo. — LXIV. Scenas da Foz. — LXV. Scenas contemporaneas. — LXVI. O Romance d'um rapaz pobre. — LXVII. Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado. — LXVIII. Noites de Lamego. — LXIX. — Scenas innocentes da comedia humana. — LXX e LXXI. Os Martyres. — LXXII. Um Livro. — LXXIII. A Sereia — LXXIV. Esboços de apreciações litterarias. — LXXV. Cousas leves e pesadas — LXXVI Theatro: I. Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres Novas. — LXXVII. Theatro: II. Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flores. — Purgatorio e Paraizo. — LXXVIII. Theatro: III. O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

NOVA COLLECÇÃO PEREIRA

A 50 RÉIS O VOLUME BROCHADO

Pelo correio 60 réis

Ultimos volumes publicados

- **N.º 20 — O tio Scipião, de André Theuriet, 1 vol. de 196 pag.**
- **N.º 21 — Diario de uma mulher, de Octavio Feuillet.**
- **N.º 22 — O crime do juiz, de Paulo Féval, 1 vol. de 170 pag.**
- **N.º 23 — A Inundação, de Emilio Zola, 1 vol de 187 pag.**
- **N.º 24 — Os Rantzau, de Erckman Chatrian, 1 vol. de 200 pag.**

COLLECÇÃO ECONOMICA

Volumes de in-16.º, de 240 a 320 paginas

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

A 100 réis o volume (pelo correio 120 réis)

Eis os titulos dos ultimos volumes publicados:

N.º 25 — **Sua Magestade o Amor**, por A. Belot.
N.º 26 — **Magdalena Férat**, por Emilio Zola.
N.º 27 — **Os Reis no exilio**, por A. Daudet.
N.º 28 — **Divida de odio**, por Jorge Ohnet.
N.º 29 — **Mentiras**, por Paul Bourget.
N.º 30 — **Marinheiro**, por Pierre Loti.
N.º 31 — **A montanha do Diabo**, por Eugenio Sue.
N.º 32 — **A Evangelista**, por A. Daudet.
* N.º 33 — **Aranha Vermelha**, por R. de Pont Jest.
N.ºs 34 e 35 — **Odio antigo**, por Jorge Ohnet.
N.º 36 — **Parisienses!...** romance, por H. Davenel.
N.º 37 — **Ao entardecer!...** rom., por Iveling Rambaud.
N.º 38 — **A confissão de Carolina**, romance.
N.º 39 — **Um casamento no mosteiro**, por Alfredo Assolland.
N.º 40 — **Os Parias**, original de Francisco da Rocha Martins
N.º 41 — **O abbade de Favières**, romance, por J. Ohnet.
N.º 42 — **A agonia de uma alma**, romance, por Ossip Fchubin.
N.º 43 — **Memorias d'um burro**, por Madame Ségur.
N.º 44 — **A nihilista**, por Catulle Mendès.
N.º 45 — **O grande Industrial**, por George Ohnet.
N.º 46—**Morta d'amor**, por Albert Delpit.
N.º 47—**João Sbogar**, por Carlos Nadier.
N.º 48—**Viagem sentimental**, por Sterne.
N.º 49—**O milhão do tio Raclot**, por Emile Richebourg.
N.º 50—**A confissão de um rapaz do seculo**, por Musset.
N.º 51—**O romance de um principe**, por Pierre de Lano.
N.º 52—**O castello de Lourps**, por J. K. Huysmans.
N.º 53—**Amor de Miss**, por J. Blain.
N.º 54—**A sogra**, por Dubut de Laforest.
N.º 55—**Colomba**, por Próspero Merimée.
N.º 56 — **Katia**, pelo Conde Leon Tolstoï.
N.º 57 — **Alma simples**, por Dostoiewsky.
N.º 58 — **Duplo amor**, por J. H. Rosny.
N.º 59 — **Contos fantasticos**, por Hoffmann.
N.º 60 — **A princeza Maria**, por Lermontoff, traducção de Alberto de Oliveira.
N.º 61 — **Rosa de maio**, por Armand Silvestre.
N.º 62 — **Manon Lescaut**, pelo Abbade Prevost.
N.º 63 — **O romance do homem amarello**, (costumes chinezes), pelo General Tcheng-Ki-Tong.
N.º 64 — **A dama das violetas**, (imitação), por F. Guimarães Fonseca.
N.ºs 65 e 66 — **Nemrod & C.ª**, por J. Ohnet, traducção de Luiz Cardoso.
N.º 67 — **Prisma de amor**, por Paul Bonhome.
N.º 68 — **Historia d'uma mulher**, por Guy de Maupassant, traducção de Domingos Guimarães.
N.º 69 — **Educação sentimental**, por G. Flaubert, traducção de Arnaldo da Fonseca.

Os vol. com este signal * estão esgotados mas vão ser reimpressos.

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUESA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viajens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas, em corpo 8 ou 10, excellente edição, em optimo papel.
Preço de cada volume 200 réis brochado, ou 300 réis elegantemente encadernado em percalina.
Para as provincias accresce o porte do correio, 20 réis cada vol.

Eis os titulos dos ultimos volumes publicados :

N.º 28 — **Vida airada**, por Alfredo Mesquita.
N.º 29 — **O Bacharel Ramires**, por Candido de Figueiredo.
N.ºs 30 e 31 — **Amor á antiga**, romance de Caïel.
N.º 32 — **As Notas do Padre Eterno**, por Alberto Pimentel.
N.º 33 — **Contos**, por Pedro Ivo.
N.º 34 — **O correio de Lyão**, por Pierre Zaccone.
N.º 35 — **Vida de Lisboa**, por Alberto Pimentel.
N.º 36 — **Historias de Frades**, por Lino d'Assumpção.
N.º 37 — **Obras primas**, por Chateaubriand.
N.º 38 — **O Exilado**, romance historico, por Mauricia C. de Figueiredo.
N.º 39 — **Poema da Mocidade**, por Pinheiro Chagas.
N.ºs 40 e 41 — **A vida em Lisboa**, por Julio Cesar Machado.
N.ºs 42 e 43 — **Espelho de Portuguêses**, por Alberto Pimentel.
N.º 44 — **A Fada d'Auteuil**, por Ponson du Terrail, traducção de Pinheiro Chagas.
N.º 45 — **A volta do Chiado**, por Beldemonio (Eduardo de Barros Lobo).
N.º 46 — **Séca e Méca**, por Lino d'Assumpção.
N.º 47 — **Ninho de guincho**, por Alberto Pimentel
N.º 48 — **Vasco**, por Arthur Lobo d'Avila.
N.º 49 — **Leituras ao serão**, por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.
N.º 50 — **Luz coada por ferros**, por D. Anna Augusta Placido.
N.º 51 — **A flôr secca**, por M. Pinheiro Chagas.
N.º 52 — **Relampagos**, por Armando Ribeiro.
N.º 53 — **Historias Rusticas**, por Virgilio Varzea.
N.º 54 — **Figuras Humanas**, por Alberto Pimentel,
N.º 55 — **Dolorosa**, por Francisco Acebal, traducção de Caïel.
N.º 56 — **Memorias de um Fura-vidas**, por Alfredo Mesquita.
N.º 57 — **Dramas da Côrte**, por Alberto de Castro.
N.º 58 — **Os Mosqueteiros d'Africa**, por J. da S. Mendes Leal.
N.º 59 — **A divorciada**, por José Augusto Vieira.
N.º 60 — **Phototypias do Minho**, por José Augusto Vieira.
N.º 61 — **Insulares**, contos e historias, por Mendo Bem (Moniz de Bettencourt).
N.ºs 62 e 63 — **Historia da civilisação na Europa**, por Mr. Guizot, versão portugueza do Marquez de Sousa Holstein.
N.º 64 — **Triplice alliança**, romance, de Raul de Azevedo.
N.º 65 — **Retalhos de verdade**, por Caïel.
N.º 66 — **A Pasta d'um Jornalista**, pelo Visconde de S. Boaventura.
N.º 67 — **Os argonautas**, por Virgilio Varzea.

Requisições á Parceria Antonio Maria Pereira

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta, 44 a 54 — LISBOA

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

LXXX

THEATRO

V

VOLUMES PUBLICADOS

Eis os titulos dos ultimos volumes:

N.º 27 — Carlota Angela.
N.º 28 — Quatro horas innocentes.
N.º 29 — As virtudes antigas — Um poeta portuguez... rico!
N.º 30 — A filha do Doutor Negro.
N.º 31 — Estrellas propicias.
N.º 32 — A filha do regicida.
N.ºs 33 e 34 — O demonio do ouro.
N.º 35 — O regicida.
N.º 36 — A filha do arcediago.
N.º 37 — A neta do arcediago.
N.º 38 — Delictos da Mocidade.
N.º 39 — Onde está a felicidade.
N.º 40 — Um homem de brios.
N.º 41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
N.ºs 42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
N.ºs 45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
N.ºs 47 e 48 — O judeu.
N.º 49 — Duas épocas da vida.
N.º 50 — Estrellas funestas.
N.º 51 — Lagrimas abençoadas.
N.º 52 — Lucta de gigantes.
N.ºs 53 e 54 — Memorias do carcere.
N.º 55 — Mysterios de Fafe.
N.º 56 — Coração, cabeça e estomago.
N.º 57 — O que fazem mulheres.
N.º 58 — O retrato de Ricardina.
N.º 59 — O sangue.
N.º 60 — O santo da montanha.
N.º 61 — Vingança.
N.º 62 — Vinte horas de liteira.
N.º 63 — A queda d'um anjo.
N.º 64 — Scenas da Foz.
N.º 65 — Scenas contemporaneas.
N.º 66 — O romance d'um rapaz pobre.
N.º 67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
N.º 68 — Noites de Lamego.
N.º 69 — Scenas innocentes da comedia humana.
N.ºs 70 e 71 — Os Martyres.
N.º 72 — Um livro.
N.º 73 — A Sereia.
N.º 74 — Esboços de apreciações litterarias.
N.º 75 — Cousas leves e pesadas.
N.º 76 — Theatro: — I Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.
N.º 77 — Theatro: — II. Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flores. — Purgatorio e Paraizo.
N.º 78 — Theatro: — III. — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
N.º 79 — Theatro: — IV. — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
N.º 80 — Theatro: — V. — O Lubis-Homem — A Morgadinha de Val-d'Amores.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

THEATRO

V

O LUBIS-HOMEM

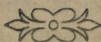
Comedia original em 3 actos

COM UM PREFACIO

POR

ALBERTO PIMENTEL

A MORGADINHA DE VAL-D'AMORES

COMEDIA EM 3 ACTOS

1908

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

PREFACIO

No drama ingente em que Camillo Castello Branco foi protogonista, quer se trate da sua vida ou da sua obra, que não é senão o reflexo da sua vida, todos os dias se nos depara uma nova revelação e surpreza.

Por mais que se estude Camillo, parece que nunca está estudado sufficientemente—tão grande elle foi.

Ha menos de um anno publicava eu *Os amores de Camillo* e ahi, a proposito do processo movido pelo marido de D. Anna Placido, dizia que o advogado dos réos propozera em audiencia as bases de uma conciliação.

Acrescentava que não seria facil imaginar o teor d'essas bases.

Pouco tempo depois, lia eu, por acaso, um livro intitulado *Penafiel,* escripto pelo sr. Coriolano de Freitas Beça e estampado em 1896: pois ahi, onde menos o podia esperar, encontrei interessantes cartas de Camillo ao dr. Rodrigo de Beça (na antiga imprensa do Porto *Padre Serapião d'Algures*) e entre ellas uma que falla de um

«accordo de convento», proposto ainda antes do réo se entregar á prisão.

Encontrando este fio conductor, ficamos inclinados a acreditar que durante o julgamento se teria insistido na proposta de recolher-se D. Anna Placido a um convento e de Camillo se ausentar de Portugal, pelo menos do Porto, talvez.

Mas, a breve trecho, maior e melhor achado vinha surprehender-me.

Appareceu uma comedia inédita de Camillo, inteiramente desconhecida, a respeito da qual jámais o grande escriptor me fallára.

Foi uma surpreza para mim, como o será para toda a gente.

E não ha duvida de que essa comedia é de Camillo, pois que legalmente o prova o documento, reproduzido n'este livro, em que Camillo, por seu proprio punho, trespassa o respectivo direito de propriedade ao sr. Jorge Augusto de Sousa, que mais tarde o cedeu ao editor Campos Junior, já fallecido.

De mão em mão, o manuscripto veio parar ás dos srs. Guimarães, Libanio & C.ª, que felizmente o vão salvar do esquecimento.

Póde affirmar-se com inteira segurança que a lettra d'esse documento é de Camillo.

Reconheci-a logo que a vi; o mesmo aconteceu a Antonio de Azevedo Castello Branco, sobrinho do grande escriptor.

Eu posso servir de tabellião ou de notario, como agora se diz, para o effeito de reconhecer a assignatura de Camillo, tanto lhe conheço a lettra.

Pelo documento referido se vê que ha ainda uma comedia inédita, em um acto, *O preço de um capricho*, que oxalá appareça algum dia como appareceu agora o *Lubis-homem*.

Antonio de Azevedo Castello Branco, ouvindo-me ler esta comedia, encontrou na sua memoria uma vaga recordação de Camillo lhe ter fallado n'ella, parece que com o proposito de refundil-a.

E' certo que o *Lubis-homem* não vem acrescentar a gloria litteraria do grande escriptor, o que aliás seria inutil, porque a opinião publica já lhe concedeu o titulo de primaz.

Mas tem essa comedia um alto valor psychologico, sobretudo biographico, porque o autor, retratando-se a si mesmo no papel de protogonista, o estudante disfarçado em lubis-homem, faz-se rodear de todo o scenario que circumscreveu a sua vida em Ribeira de Pena, no tempo em que ali casou com Joaquina Pereira, do logar de Friume.

Deixem-me dizer, com certo desvanecimento, que eu, não conhecendo esta comedia, a adivinhei, quando pintando o Camillo das ribaldarias aldeãs de Ribeira de Pena, o estudante travêsso e conquistador, serandeiro entre as raparigas, discursador entre os velhos, auctor e ensaiador de entremezes, conclui por dizer: «Que pena não chegarem até nós alguns d'esses picantes entremezes, por elle escriptos, que hoje despertariam uma alta estimação bibliographica! [1]»

Appareceu um, com o que eu não contava. Estou

[1] *Os amores de Camillo*, pag. 64.

convencido de que o *Lubis-homem* foi, na sua ideia inicial, um d'esses entremezes; mais tarde refundido muito á pressa, em Lisboa, para acudir a qualquer falta de dinheiro—tanto á pressa que o grande escriptor nem sequer reviu a copia que, feita por outra pessoa, entregou a Jorge Augusto de Sousa.

Não se tendo a comedia publicado nem representado, Camillo, quando a sua cotação litteraria começou a subir, pensaria em reconstruil-a com mais folego e em melhores condições theatraes, para o que lhe seria facil descobrir o paradeiro do manuscripto.

Como peça de theatro é effectivamente muito ingenua a factura do *Lubis-homem*. O publico não a supportaria hoje, nem talvez em 1850.

Mas como primicia de um talento que depois foi colossal e, sobretudo, como auto-biographia referida aos vinte e cinco annos do auctor, tem esta comedia um valor inestimavel.

Não foi a primeira peça de Camillo, porque a precederam o *Agostinho de Ceuta*, em 1847, e *O marquez de Torres Novas*, em 1849, mas o que sabia Camillo da arte de construir peças, o que conhecia elle do theatro, depois da sua estreia na provincia como auctor dramatico?

Elle mesmo responde a esta pergunta quando diz no prologo á segunda edição do *Agostinho de Ceuta*: «Ha doze annos que um rapaz, sem leitura, sem meditação, sem critica, nem gosto, escreveu um drama para ser representado em theatro de provincia.»

Em 1850, achando-se em Lisboa, encontrou-se em plena actividade intellectual, fascinado pelo «meio» lit-

terario que encontrára aqui. Na casa de hospedes da da rua do Ouro [1], planeou investir com o romance, começando a escrever *O anathema*, e com o theatro, aproveitando porventura a idéa de um entremez, composto e representado em Ribeira de Pena.

Precisava afogar no trabalho e no bulicio o desgosto que trazia na alma quando fugira do Porto, porque D. Anna Augusta ia desposar outro homem.

Então, como todos os que se sentem infelizes, recordava o passado que se lhe affigurava um paraiso se o comparava com o presente. Eram-lhe bonança, n'aquelle temporal desfeito d'essa hora, as recordações do tempo que passára em Ribeira de Pena.

A comedia *Lubis-homem* é nada mais e nada menos que a historia provavelmente exacta do seu galanteio e casamento com Joaquina Pereira. O disfarce em *lubis-homem* talvez seja exacto tambem. O namôro fôra um desenfado de estudante, sem previsão das consequencias que podia trazer. Mas as circumstancias complicaram-se perante a attitude severa do pai de Joaquina Pereira e da gente do campo, que costuma resolver á valentona as questões que põem em jogo a honra das familias. A pobre camponeza sustentava com lagrimas, em vez de palavras, o seu direito a uma rehabilitação. Camillo viu-se rodeado de ameaças, e a consciencia gritou-lhe que quem faz o que deve, deve o que faz. As lagrimas de Joaquina Pereira apressaram a solução do

---

[1] *O romance do romancista*, pag. 193; *Os amores de Camillo*, pag. 188.

conflicto. Camillo casou. Deve ter sido esta a historia do seu primeiro casamento, contada por elle mesmo.

Tal é o valor biographico da comedia que hoje se publica.

Além d'esta circumstancia, que por si só importa uma subida estima como «documento humano», acresce o facto, não menos importante certamente, de se encontrar dentro d'esta comedia uma serie de quadros da vida campestre na região d'Entre-Douro-e-Minho: serões, encamisados, esturdias, danças, cantigas á desgarrada, bôdas, arraiaes, crenças e preconceitos populares.

A superstição do *lubis-homem,* ponto de apoio do elemento biographico introduzido na comedia, é uma das superstições mais arreigadas em todo o paiz, especialmente nas provincias do norte.

A sua antiguidade prova-se pelo *Cancioneiro* de Rezende:

> Sois damnado lobishomem,
> Primo d'Isac nafu.

Sá de Miranda diz:

> Que ha cem mil lobishomens
> Cuidava eu que eram patranhas.

Adoptámos a orthographia *lubis-homem,* que é a mais corrente, e está auctorisada por Herculano.

Camillo, no documento que publicou, escreveu *lobis-homem;* mas na copia apparece quasi sempre *lubis-homem,* com uma insistencia que seria respeito ao original.

Filinto Elysio graphou *lobisome,* aproximando a orthographia, o mais que pôde, da pronuncia popular.

Por uniformidade, adoptamos *lubis-homem.*

Alexandre Herculano, que percorreu quasi todo o nosso paiz, descreve esta superstição no *Panorama:* «Os *lubis-homens* são aquelles que têm o fado ou sina de se despirem de noute no meio de qualquer caminho, principalmente encruzilhada, darem cinco voltas espojando-se no chão em logar onde se espojasse algum animal, e em virtude d'isso transformarem-se na figura do animal ahi *pre-espojado.* Esta pobre gente não faz mal a ninguem, e só anda cumprindo a sua sina, no que tem uma cenreira mui galante, por que não passam por caminho ou rua, onde haja luzes, dando grandes assopros e assobios para que lh'as apaguem, de modo que seria a cousa mais facil d'este mundo apanhar em flagrante um *lubis-homem,* accendendo luzes por todos os lados por onde podesse sair do sitio em que fosse presentido. E' verdade que nenhum dos que conta semelhantes historias fez a experiencia.» [1]

---

[1] *Panorama,* vol. IV, pag. 164.

Ferdinand Denis, no seu livro *Portugal,* só teve o trabalho de traduzir as palavras de Herculano, citando lealmente a origem onde as colheu:

«Les *lubis-homems* (sic) sont entraînés par un destin, *fado,* ou portent un sort, *sina.* Certaines circonstances particulières les font différer de nos loups-garous, et ils sont plus innocents qu' eux, tandis que les sorcières portugaises sont plus féroces; ils s'en vont la nuit dans le milieu des grands chemins, ordinairement aux carrefours. Après avoir fait cinq voltes, ils se roulent sur la terre, au *lieu* où se sera roulé quelque bête sauvage; il suffit de cette action pour que la

A minha velha criada Joanna, que me educou no Porto e era natural de Santo Thyrso, muitas vezes me affirmou que se uma mulher tinha uma serie de sete filhos varões, o ultimo corria fado de *lubis-homem*, durante a noute, transformando-se em lobo, burro, porco, etc., e que era preciso alguem fazer-lhe sangue para que tornasse á sua forma natural.

Theophilo Braga relaciona esta superstição com o caracter magico da meia-noite, e quer vêr ahi o vestigio de um mytho solar; até pretende dar quinau em Consiglieri Pedroso, que no *Positivismo* recolheu muitas noticias sobre o *lubis-homem*, sem descobrir essa relação.

Quanto á superstição aproveitada por Camillo, não será preciso maior noticia para que o leitor a entenda, com relação mythica ou sem ella.

Restará dizer que se tem conservado no paiz até nas povoações circumvisinhas dos centros mais illustrados. [1]

Vamos agora a uma rapida analyse da comedia.

Abundam n'ella os provincianismos, que mereciam a Camillo especial predilecção, por effeito de educação

---

métamorphose soit accomplie, et qu'ils prennent l'apparence de l'animal qui les aura précedés dans ce lieu. En obéissant *au sort* ces pauvres gens ne font de mal à personne ; ils ne passent du reste par aucun chemin ni même par aucune rue où il y aurait de la lumière ; ils font entendre de grandes aspirations et de longs sifflements pour qu'on l'éteigne. C'etait au quinzième siècle la chose du monde la plus facile que de surprendre des *lubis-homems* dans leurs courses vagabondes ; il suffisait pour cela d'allumer tout à coup une chandelle, et cela suffirait encore aujourd'hui, mais on se garderait bien de le faire.»

[1] *Almanach de Lembranças*, anno de 1893, pag. 275.

certamente. Este apêgo ficou-lhe para toda a vida. N'uma nota ao romance *O bem e o mal,* diz elle: «Eu leio muito pelo diccionario inédito do povo d'aquellas provincias (Traz-os-Montes e Beira Alta), que sabe a lingua portugueza como fr. Luiz de Sousa.»

A palavra «espadada», que significa o acto de estomentar o linho, pertence ao vocabulario de Traz-os-Montes; n'outras regiões se diz «espadellada».

E' por este episodio da vida aldeã que a comedia principia, retinta de côr local.

A rubríca contem interessantes pormenores sobre o processo de «espadar» e os trages dos camponezes.

A trova cantada por Miquelina, logo ao subir o panno, representa uma persistente recordação no espirito de Camillo, [1] porque apparece mais tarde nas *Vinte horas de liteira:*

Já fui canario do rei,
Já lhe fugi da gaiola;
Agora sou pintasilgo
D'estas meninas d'agora.

Confundem-se, ligam-se no espirito de Camillo as memorias saudosas de Villarinho da Samardan e de Ribeira de Pena. Era este o mundo que em 1850 conhecia melhor, e onde tinha passado o tempo mais feliz da mocidade, amando as camponezes.

---

[1] «Em Camillo acontece, muitas vezes, que uma forte impressão se reproduz em mais de um livro.» Esta these, que sustentei nos *Amores de Camillo,* fica mais uma vez demonstrada.

Uma das raparigas da comedia affirma que o lubis-homem appareceu na eira do tio Manoel do Quinchoso.

Ora «Manoel do Quinchoso» era um visinho da casa de Camillo em Villarinho da Samardan.

A palavra «fachoqueiro» tambem pertence ao vocabulario transmontano: significa o facho de palha de centeio que os camponezes preparam para se allumiar de noite nos caminhos. Estão no mesmo caso o vocabulo «gramelho», especie de gancho de ferro que, descendo, segura o trinco das portas; e o termo «quinteiro» no sentido de terrado que rodeia as casas de habitação. [1]

Os «encamisados», que vale tanto como dizer «mascarados», são rapazes de Escarei. Ora Escarei é um logar na freguezia de S. Salvador de Ribeira de Pena.

Consoante o costume dos serões transmontanos, os encamisados trazem musicata: *esturdia*. [2]

Tocam a *chula*, palavra que designa tanto o conjuncto phylarmonico de um agrupamento de individuos como certa dança popularissima em todo o norte do paiz. [3] Faustino Xavier de Novaes, poeta portuense, allu-

---

[1] «...Peregrina e o vigario entraram no quinteiro...» — *O bem e o mal*, cap. III.

[2] «Os mais enthusiastas fizeram fogueiras como em noute de S. João, e correram a freguezia com esturdias instrumentaes, e foguetes de lagrimas.» — *O bem e o mal*, cap. VIII.

[3] «Chulas chamam lá ao complexo do instrumental que fórma o essencial das festas. Em outras partes da provincia dizem «ronda», e «esturdia» n'outras.» — *Ao anoitecer da vida.*

de á chula, servindo-se dos termos deturpados pela incorrecta prosodia do povo:

> Bem repenicadà a chula,
> Tem p'ra mim *maor* valia
> Ver a moça quando pula,
> E a rabeca quando chia...
> E a *saranda* na viola...
> Isto é trigo sem *mastura!*

Começa a desgarrada, a compita dos cantadores. No Porto diz-se «cantar ao desafio».

Manoel do Portêllo, fazendo o elogio dos improvisadores que se réptaram, refere-se á festa da Senhora da Guia, dizendo: «quando elles cantaram, ficou ensilveirada a romaria por este par d'annos».

A villa de Ribeira de Pena compõe-se de duas freguezias, Santa Marinha e S. Salvador, na primeira das quaes existe a capella de Nossa Senhora da Guia.

Diz Pinho Leal: «N'esta freguezia do Salvador se faz todos os annos, a 15 de agosto, uma grande festa a Nossa Senhora das Angustias, em despique á de Nossa Senhora da Guia, que se faz na freguezia de Santa Marinha, e que tambem é sumptuosa. Este despique tem por vezes sido causa de grandes desordens.»

Em todas as festas transmontanas, especialmente nas romarias e serões, explude habitualmente uma rivalidade guerreira entre os rapazes de differentes freguezias e entre as *esturdias* e *rondas* de differente *partido*.

E' o que lá chamam *rópia* (basofia, emulação), palavra que tambem apparece no 1.º acto do *Lubis-homem*. No prologo do livro *Ao anoitecer da vida,* diz Camillo:

«A ronda, a que eu ia associado, não quiz ceder o passo á outra, que era de rópia e basofia.» Segundo a expressão de Manoel do Portêllo, os dois cantadores da Senhora da Guia deixaram «a romaria ensilveirada por este par d'annos»: corresponde a dizer que tão bem cantaram, que o mesmo foi deixar difficultada com silvedos a concorrencia de futuros cantadores.

O leitor ouvirá exclamar Marianna: «eu sei-te!» E' uma expressão vulgarissima em Traz-os-Montes; vale como: «eu sei lá!» ou «eu sei-te lá dizer se sim ou não!»

No decurso da peça apparece outro modismo local: «pouco irás», que equivale a dizer: «isso não vais».

Manoel do Portêllo desconfia logo de que um dos encamisados seja o «estudante que está em casa do sr. *vigairo* a aprender as *grammálegas*».

Esse estudante é o proprio Camillo, o endiabrado Camillo d'esse tempo, que esteve a estudar latim na Granja Velha, freguezia de Santa Marinha de Ribeira de Pena, em casa do padre-mestre Manoel Rodrigues ou padre Manoel da Lixa. [1]

Camillo retrata-se a si mesmo pela bôcca de Manoel do Portêllo: «O homem anda amarello como o entrecasco do bucho; traz os cabellos arripiados como os bigodes d'um gato.»

Mais adeante chama-se «magricellas» (magrizella).

Marianna da Eira é, na vida real, Joaquina Pereira, a namorada de Camillo; depois sua primeira esposa.

As espadeleiras cantam o conhecido amphigurí «Du-

---

[1] *Amores de Camillo*, pag. 77.

zentos gallegos», que se tinha generalisado em todo o paiz.

D'este amphigurí escreveu Filinto Elysio: «O auctor é incerto, mas não incerta a fama, que de tão abalisada poesia resulta aos portuguezes. A obra é unica n'este genero (entre nós); mas unica como é, bastaria a acreditar-nos entre os francezes mesmos, se elles entendessem a nossa lingua, ou se nós menos descuidados da nossa propria gloria, o houvessemos traduzido em francez, com a gala e bizarria que elles têm no original.» [1]

Temos ainda a notar o emprego da palavra *pelêgo,* que no vocabulario transmontano significa — pateta; e a exclamação — Élé — que tambem se encontra no *Anathema:* «Élé!... Élé! ha *ámeno* ou não ha *ámeno!*» [2]

A rubríca que se refere á *siranda* é muito interessante sob o ponto de vista da choreographia aldeã.

No 2.º acto estamos deante da egreja de S. Salvador de Ribeira de Pena, egreja de que eu dei a photographia n'*O romance do romancista.*

Festejam-se umas bôdas, com flôres e tiros, porque não ha festa rija em Traz-os-Montes sem bombardadas estrondosas.

Entra em scena o vigario, isto é, o padre Manoel da Lixa, sempre moldado n'aquelle ideal de evangelica bondade que Camillo encontrou no padre Antonio de Azevedo, seu educador em Villarinho da Samardan.

Nos meus dois livros sobre Camillo, colhi varias re-

---

[1] *Versos de Filinto Elysio*, edic. de Pariz, tom II, pag. 143. nota.

[2] Primeira edição, 1851, pag 67.

ferencias do grande escriptor a padre Antonio d'Azevedo. Ainda me esqueceu uma; é a que se encontra nos *Doze casamentos felizes* (8.º casamento).

«—O senhor é d'estes sitios? perguntou o padre.

«Disse-lhe a minha residencia e o nome da familia (*Azevedo*) com quem estava aparentado. N'esta familia havia um sacerdote, conhecido de padre João.

«—Escusava de sair de sua casa para conhecer um padre digno d'este nome, disse elle».

Aproveito a occasião para contar dois episodios relacionados com a vida de padre Antonio d'Azevedo e de Camillo.

Padre Antonio era um abstemio: passava o dia a tomar chá, como sua cunhada, a mãe de Camillo.

Os criados da casa, *caseiros*, riam-se e diziam:

—Lá andam elles com a «agua morna» a tombos!

Por occasião da exposição internacional de 1865, padre Antonio foi ao Porto, como quasi todos os provincianos do norte do paiz, para vêr a exposição.

Camillo estava então residindo com D. Anna Placido em Leça da Palmeira, n'uma casa junto ao Castello: a mesma casa d'onde datou a dedicatoria do romance *Lucta de gigantes*.

Padre Antonio, acompanhado por seu sobrinho Antonio d'Azevedo Castello Branco, quiz ir visitar Camillo.

Mal que elle entrou na casinha de Leça, disse Camillo ao sobrinho, chamando-o á puridade:

—Se o padre perguntar se eu casei, diga-lhe que sim.

Queria occultar o *faux ménage* com D. Anna Placido, para não desgostar padre Antonio, cuja austeridade conhecia e respeitava.

Voltando á comedia. Logo no principio do 2.º acto, quando Miquelina canta a trova da *Donzella por que não casas?* diz o vigario; «Então, cachopas, vós d'antes cantaveis como em nenhuma freguezia d'estes arredores se cantam as nossas modas».

Mais uma vez se patentea n'esta phrase o enthusiasmo de Camillo pelas glorias aldeãs da provincia de Traz-os-Montes, que lhe fôra patria adoptiva.

O estudante (Camillo) pretexta ir passar as sextas feiras com a sua familia a Villa Real, isto é, a Villarinho da Samardan. (Villa Real dista da Samardan apenas 13 kilometros).

João da Eira, referindo-se aos pavores causados pela apparição do lubis-homem, diz ao vigario: «A mulher lá a tenho emprégadinha...»

E', no vocabulario do norte do paiz, sinonymo de—entrévada.

No dialogo, o estudante trata o vigario por padre-mestre, como certamente Camillo trataria na Granja Velha o padre Manoel da Lixa.

João da Eira é natural de Reboriça e Reboriça é um logar de cincoenta fogos na freguezia de S. Salvador de Ribeira de Pena.

Todo o dialogo do Fantasma com João da Eira é um trecho de genuina farça portugueza, que tem um fundo de observação e realismo, porque põe em evidencia a credulidade cega dos nossos camponezes e o terror com que elles encaram o problema do *Alem*. E ao mesmo passo esse dialogo retrata a mocidade inquieta, endiabrada de Camillo, a cujo respeito Julio Cesar Machado escrevia n'esse mesmo anno de 1850: chegou a Lisboa um *diabo*.

Camillo, posto escrevesse algumas peças de theatro, não foi nunca um dramaturgo. O seu talento era tão espontaneo e fluente, que mal se compadecia com a demorada architectura de um drama. Contou-me Antonio de Azevedo Castello Branco que o grande escriptor, para satisfazer um pedido da actriz Josepha Soller, escrevêra *O ultimo acto* desde as nove horas da manhã até ás tres da tarde. Na comedia, melhor talvez, na farça, toda a graça luzitanissima de Camillo brotava em liberdade, achando facilmente situações hilariantes, como no *Morgado de Fafe em Lisboa,* que João Anastacio Rosa não comprehendeu, por ser um artista do sul, no papel de protogonista, mas que, interpretada com a verdadeira côr local perante qualquer platea do norte do paiz, ainda hoje a fará rebentar de riso.

Abre o 3.º acto com a romaria de S. Bartholomeu — outro quadro vivissimo de costumes populares.

Está a gente a vêr que é a romaria de Cavez, descripta por Camillo n'esse delicioso conto intitulado *Como ella o amava!* [1]

«Aos 24 de agosto — diz Camillo — na povoação chamada Cavez, cuja ponte, sobre o Támega, extrema pelo norte as duas provincias do Minho e Traz-os-Montes, celebra-se a festa de S. Bartholomeu, santo gravemente infesto a Satanaz. Vem aqui, de muitas leguas em volta, dezenas de creaturas obsessas. E' para notar que raro homem ali vá incubado de demonio. As mulheres é que, por cima de muitas outras penas, soffrem o dissabor de serem visitadas pelos espiritos infernaes, caso

[1] *Noites de Lamego*, pag. 162.

unico, a meu vêr, em que os sobreditos espiritos se mostram espirituosos».

João da Eira, suppondo a filha obsessa, leva-a á romaria de S. Bartholomeu para ser exorcismada.

Toda a scena em que Marianna é compellida a deixar que o padre lhe ponha fóra do corpo o diabo, copiou-a Camillo do natural—é uma descripção fiel de um facto a que têm assistido todos quantos concorreram já, no norte do paiz, a uma romaria de S. Bartholomeu.

Através d'esta scena ri nas gargalhadas do estudante a ironia de Camillo, fazendo claro-escuro ao quadro. E' que em todo o arraial apenas duas pessoas sabem que os effeitos do diabo são os symptomas da gravidez: d'essas duas pessoas, uma, ri—é o estudante; outra, chora—é Marianna da Eira. Em toda a obra de Camillo avulta, em alto relevo, o contraste da ironia com a commiseração, das lagrimas com o riso, da condolencia com o sarcasmo.

Aqui está, pois, bem assignalada, n'esta scena, a individualidade de Camillo.

O estudante tenta ainda soccorrer-se do seu genio folião, n'esse apertado lance, para urdir mais um logro, fazendo-se substituir pelo criado; mas o seu coração de poeta, a vibração sentimental dos seus nervos, cede mais facilmente ás lagrimas de Marianna do que ás ameaças do povo: casa.

A breve trecho, sobre este generoso impulso de honra e piedade, cai um golpe de habitual ironia de Camillo.

Diz elle pela bôcca do estudante:

«—O homem casado tem maior fadario a cumprir que o lubis-homem; anda mais sombrio que uma alma

penada; torna-se mais aparvalhado que um Manoel Pitosga... Está dito; quero reunir tudo—vou casar comtigo.»

E somos levados a crêr que foi exactamente n'estas condições que Camillo Castello Branco desposou Joaquina Pereira, ali mesmo, em S. Salvador de Ribeira de Pena.

Mais duas palavras apenas, a respeito de vocabulario.

João da Eira, offerecendo vinho á patrulha, diz—que lhe faça bom *proficio*. E' o verbo latino «proficio» substantivado pelo nosso povo. Tambem pergunta ao vigario se a filha já está *desobrigada*. Quer dizer—confessada. Nas provincias do norte chamam á confissão «desobriga».

Miquelina, em dialogo com Marianna, na scena XI, falla de segadas e bessadas. No *Minho pittoresco* (vol. I, pag. 121) José Augusto Vieira orthographou «bessadas» induzido pela pronuncia da gente do Minho, e outras provincias septentrionaes, que troca o *v* pelo *b* e vice-versa. Eu mesmo, na *Princeza de Boivão,* empreguei aquella graphia. Sem embargo, a etymologia ensina que se deve dizer «vessada», de vessar, lavrar a terra.

Bastará decerto a leitura d'este prologo para convencer o leitor do alto interesse biographico que valorisa a factura, litterariamente inferior se a compararmos com os melhores livros de Camillo—da comedia *O lubis-homem,* até hoje inédita.

Sob este ponto de vista prestam um excellente serviço á historia litteraria de Portugal os srs. Guimarães, Libanio & C.ª, dando ao prelo a comedia que eu estou prefaciando.

Tenho pena de que me falte o tempo e o espaço para fazer mais detido estudo sobre o theatro de Camillo, onde quasi sempre se encontra, salvo talvez em outras comedias e no drama *O condemnado,* a mulher que lhe preoccupava o espirito no momento em que escrevia.

Ficará isso para melhor occasião—se puder ser.

Lisboa, 3 — 2 — 900.

ALBERTO PIMENTEL.

PERSONAGENS

JOÃO DA EIRA.
MARIANNA, sua filha.
CARLOS DE ATHAYDE.
O VIGARIO DE S. SALVADOR.
MANOEL DO PORTÊLLO.
MIQUELINA DO PRADO.
UM PADRE.
SEIS OU MAIS ENCAMISADOS.
DOUS FANTASMAS, que correspondem ao 1.º e 4.º encamisados.

Gente do povo sem numero designado,
alguma da qual falla pouco.
Patrulhas, e o mais que fôr designado nas enunciações
da scena.

1846

A scena passa-se na provincia d'Entre-Douro-e-Minho

O LUBIS-HOMEM

ACTO I

E' noute d'espadada. Representa-se n'uma eira, onde se abre, ao rez-do-chão, e ao fundo, uma porta de carro, inferior a trez velhas janellas de cantaria. N'estas, brilham algumas lampadas, formadas de papel-pintado, com seus bocados de vela no interior. Cada moça tem o seu cortiço, e mólho de linho em rama, que castiga com a espadela, na borda do cortiço. Ao lado de cada uma, sentado no chão, está um rapaz, quebrando o feixe de linho, que passa depois á respectiva rapariga para espadelar. Ellas vestem de saias e jaqués de chita, com lenços vermelhos elegantemente apertados na cabeça. Elles, em mangas, e pela maior parte de chapeus de palha. Sobre um escabello, ao lado do semicirculo, composto pelas espadeleiras, estão os rapazes que afinam rabeca, viola e outro com uma varêta e chave.

SCENA I

JOÃO DA EIRA, MARIANNA, MANUEL DO PORTÊLLO, MIQUELINA *e os mais descriptos*

(Ao correr do panno canta Miquelina :)

Já fui canario do rei,
Já lhe fugi da gaiola.

Côro

Sim, sim, eu vou lá,
O' Marianninha,
Sim, sim, eu lá vou
O' pequerruchinha.

Agora sou pintasilgo
D'estas meninas d'agora

Côro

Sim, sim, eu vou lá,
Etc., etc.

O sete-estrello vai alto,
Alto vai o pensamento.

Côro

Sim, sim, eu vou lá,
Etc., etc.

Eu não quero mais amôres,
Tenho amôres mais d'um cenco.

Côro

Sim, sim, eu vou lá...

João da Eira

Assim é que eu quero vêr-vos, cachopas!... Vivam as cantadeiras, e viva toda a rapaziada!

Vozes

E viva o thio João da Eira!

João da Eira

Deus vos ouça, gente! Tendes vós mastigado e bebido que farte?

Vozes

Temos, temos, louvado Deus!

Uma voz

Aqui não se pergunta, thio João. Oxalá que d'hoje a um anno vocemecê e nós *estéjamos* aqui todos juntos, e de saude.

João da Eira

Oxalá, rapazes. Então *(para os tocadores)* vós não cantaes ao desafio? Ora vá, Antonio da Rita, dá ahi duas rabecadas.

Os tocadores

Lá vamos. *(Começam a afinar com umas posturas que lhes são especiaes).*

João da Eira, *para a filha*

Então, rapariga, estás ahi para um canto, que ninguem te vê?!

Marianna, *triste*

Estava aqui a conversar com a Miquelina.

João da Eira

Estavas... mas era lá com as tuas maginações... Nada de tristezas... Canta com as outras cachopas... Já te não ouço cantar ha tanto tempo...

Marianna

Ahi está muito quem cante... Eu vou p'r'ó pé da mãe, que está lá sósinha na cama...

João da Eira

Não está sósinha, não: ha lá gente de sobra.

Miquelina

E' verdade, thio João, como está a thia Maria?

João da Eira

Como hade ella estar!... assombrada... não quer sahir dos lençoes.

Uma das raparigas

Não q'elle a fallar a verdade...

Outra

Não sabe, thio João? O lubishome appareceu hontem na eira do thio Manoel do Quinchoso.

João da Eira

Que me dizes?

Manoel do Portêllo

Isso é verdade... Vi-o com estes dous que a terra ha de comer.

João da Eira

Então sempre tem razão a minha Maria...

Miquelina

O' Marianna, tu tambem viste o lubishome

Marianna

Deixai-me...

João da Eira

Olha a tôla, a não querer dizer que o viu, com medo que elle lhe appareça... Conta lá isso, rapariga.

Marianna

Tenho medo... Sempre ouvi dizer—lubishome fallado, lubishome ao lado.

João da Eira

Quer sim, quer não, eu vos conto. Faz hoje 8 dias que a minha Maria vinha do serão da thia Brazia com a minha Marianna...

Marianna

Eu tinha sahido um poucachinho adiante...

João da Eira

Certamente, tu tinhas sahido um poucachinho adiante, e tua mãe estava a accender o fachoqueiro á porta da thia Brazia... foi assim, rapariga?

Marianna

Foi, sim, senhor.

João da Eira

E vae depois, n'isto vem o lubishome a correr, passa de *súpeto* por ó pé da minha Maria, e apaga-lhe o fachoqueiro.

Vozes, *de mulher*

Credo! Credo!

João da Eira

E a minha velha tomou tal pasmo, que se metteu p'ra casa, pôz o gramelho na porta, e gritou, gritou, até que a vieram buscar ao quinteiro, enfiada como se tivesse maleitas!!!

Miquelina

Não, que uma cousa assim, ó raparigas!...

Uma d'ellas

E tu p'ra onde fugiste, ó Marianna?

Marianna

Eu!...

João da Eira

Essa veiu muito ó depois p'a casa, e entrou-me na cosinha, toda arrepiada, c'os cabellos cahidos, e a tremer como varas verdes!

Manoel do Portêllo

Eu sempre queria conhecer o tal lubishome... Estou cá a desconfiar... emfim, não quero dizer nada...

João da Eira

Que desconfias tu? diz lá, homem...

Manoel do Portêllo

Eu lhe direi a vocemecê...

Marianna

Ora não falem n'essas cousas... Estavamos tão contentes, e vêm metter mêdos á gente...

Manoel do Portêllo, *vergando o cajado*

Não... eu, se elle por aqui passasse.. não sei, mas, se é fado, eu sempre era homem de lh'o cortar...

Uma das moças

Era uma obra de caridade fazer-lhe sangue... Dizem que se lhe quebra o encantamento...

Marianna

Vamos nós cantar, raparigas?

João da Eira

E' melhor, é... *(Para os da esturdia)* Então esses *estrumentos* estão afinados?

Um d'elles

Estão aqui, estão promptos. *(Continuam a afinar com muitas visagens e gatimanhos. Ouve-se o estrépido cadenciado das espadelas. Vem de longe um som de buzinas de monte*).

Vozes

Ahi vêm os encamisados...

João da Eira

São os rapazes d'Escarei, querem vossês vêr?! Deixal-os vir com bem... O' rapaziada, eu não quero bu-

lhas a troco de *questans* na minha espadada... Deixem-n'os brincar, e brinquem vossês tambem...

Alguns rapazes, *erguendo-se e espreguiçando-se*

Não hade haver nada, thio João.

João da Eira

Isso é o que se quer... Mas onde ides vós?

Um d'elles

Vamos cá p'r'ó pé da *esturdia.*

Uma rapariga

Antonio!... olha lá se... senta-te aqui, anda...

Outra

O' Zé, senta-te p'r'á qui... Vós, quando lá ides ás espadadas d'elles, tambem não gostaes que vos façam apupadas...

Manoel do Portêllo

Não ha de haver sangue, se Deus quizer...

Marianna, *com aversão*

Não qu'elle, se te parece... dá-lhe...

Manoel do Portêllo

Não hade haver nada, Marianna.

João da Eira

Afinastes isso, rapazes? O' homem!....

Tocadores

E' como diz.

(Tocam a chula. O da rabeca, principalmente, desengonça-se em variadas attitudes; o da vareta, como orgulhoso de si, dá ao instrumento as inflexoens de uma harpa; o da viola, depois de tossir com as costumadas formalidades, descanta a seguinte trova:)

Ainda agora aqui cheguei,
Mentir não sei.
Mais cedo não pude vir.

(*Pausa*).

Mas inda venho a tempo,
E's meu tormento,
De tuas falas ouvir.

João da Eira

Então, Miquelina, aquillo é comtigo... Venha de lá essa resposta, e não te demores... Olha que elle já lá tem outra...

O mesmo cantor

Se me não queres responder,
Eu t'o vou dizer,
Eu t'o vou explicar.

(*Pausa*).

João da Eira

Vês, Miquelina, eu que te disse?

Cantor

E' por eu ter fraca voz,
Beicinhos de retroz,
Para comtigo cantar.

(*Os rapazes gesticulam em ar de approvação; o cantor revela todo o enthusiasmo do seu triumpho*).

João da Eira

Então, deixas-te ficar mal, rapariga?

As moças

Responde, Miquelina.

Miquelina, *canta*

Para comtigo cantar,
Rapaz da vida,
Não é preciso aprender.

(*Pausa*).

Eu não canto porque saiba,
Ai la ri ló léra,
E' porque quero saber.

João da Eira, *e as raparigas*

Foi boa, foi boa... Responde-lhe agora, se tens alma...

Manoel do Portêllo, *com intimatíva*

Qualquer d'elles sabe o que diz... No outro anno, na Senhora da Guia, quando elles cantaram, ficou ensilveirada a romaria por este par d'annos... Aquillo é que foi... até lá estava a ouvil-os o sr. *vigairo!*...

(*As buzinas sôam perto*).

João da Eira

Elles ahi vêm. O' Marianna, vae á pipa da aduella rachada tirar um pichel de vinho para os encamisados... Traz uma brôa e a faca de cabo d'osso, se elles quizerem mastigar.

Manoel do Portêllo, *arcando o páo com a perna*

Eu queria mas era mastigar-lhe os ossos... Raios me partam se...

João da Eira

Que estás tu ahi a dizer, Manuel do Portêllo? Tu estás com ruim *fylosofia* de rosto... Ora anda com as tuas rópias e chulices... que eu bem sei o que heide fazer...

Um dos moços, *a meia voz*

Toma conta, Manoel, que elle é capaz de te não dar a Marianna...

Manoel do Portêllo

Eu tenho cá meus *alvitres* de descascar este carvalho nas costas d'aquelle *casaca* lá da villa... Se elle vier...

SCENA II

OS MESMOS *e os* ENCAMISADOS

Encamisados são seis ou mais rapazes, mascarados da seguinte maneira: O 1.º vem de croça, que é um manto de capuz, tudo de palha: traz uma carêta de cão. O 4.º cavalga uma canastra, terminando anteriormente em um longo focinho, mais ou menos parecido com o de jumento. Traja casaca de seda do seculo XVIII, calção e tamancos com esporas de correia. O 2.º vem de chapéo de bicos, casaco d'immensa gola, e botas de montar. O 3.º veste-se de mulher: chapéo de palha com pennas de perú, vestido de chita muito cingido ao corpo, e immensos tamancos. O 5.º é um antigo miliciano, com o supplemento de uma pasta á moderna. O 6.º, para conservar a derivação d'esta usança immemorial, traz a camisa por fóra das calças, e um lenço furado no logar dos olhos, sobre a cara. (*O ensaiador póde imaginar os mais que quizer.*) *Quando entram, fazem uma ruidosa in-*

gresia de falsetes, que mais ruidosa se torna com as risadas das raparigas, exceptuando Marianna, que recebe, assim como os rapazes, impassivel, os encamisados. Nota-se nos rapazes um ciume feroz e estupido. Os encamisados trazem páos.

João da Eira, *rindo como um idiota*

Vocês vêm bem arranjados... Ora, com effeito!... E' a melhor encamisada que pisa o Minho!... Rapazes são o diabo... Vejam vossês isto!... Olha este! parece-me o sr. capitão-mór... Deus lhe fale n'alma (*apontando para o* 2.º)

4.º Encamisado

Vocemecê não me conhece, thio João da Eira? (*falam sempre em falsete*).

João da Eira

Eu não... e mais olha que...

4.º Encamisado

Quem sou eu?

João da Eira

Tu?... tu és... és, por mais que me digam, és o Manoel da Pitosga...

(*Os mascaras riem-se, e as raparigas estão em aceonados, como quem adivinha os encamisados*).

João da Eira

E este, ó Marianna?

Marianna, *erguendo-se d'onde estava conversando com o 1.º encamisado*

Senhor pai...

João da Eira

Olha este (*apontando para o 4.º*) parece o sr. regedor quando anda aos votos pela freguezia... E esse... (*apontando para o 1.º, que está fallando ao ouvido de Marianna*) que está elle a dizer á rapariga?

1.º Encamisado

Estava a perguntar-lhe como está a mãe, depois que viu o lubis-homem.

João da Eira

Tambem já lá appareceu no teu povo o lubis-home?!

1.º Encamisado

Elle já!... Tem demonio!...

João da Eira

Então sempre é certo que elle anda por hi?!

1.º Encamisado

Se é certo!... houve já quem lhe fallasse...

(*As raparigas olham umas para as outras com um ah d'espanto*).

João da Eira

Olha o milagre! Um lubis-home, depois de se espójar na encruzilhada, toma outra vez o *carátele* da sua propria pessoa, e falla com a gente como eu aqui estou fallar comvosco...

Manoel do Portêllo

Não... elle sempre tem sua áquella de differença...

As raparigas

Que é, que é?

Manoel do Portêllo

Anda amarello como um pecego maduro, e ás sextas-feiras ninguem o pilha em casa.

João da Eira

Que me dizes?—e eu á sexta-feira que vou sempre dormir para o meu cazal da *Portella!!* Olha se eu o encontro por lá!...

1.º Encamisado

Os lubis-homens não fazem mal a ninguem, não é assim, ó Marianna!

Marianna

Eu sei-te!...

João da Eira, *para o 1º. encamisado*

Isso és tu que o dizes... Olha a minha companheira que está na cama tolhida de pernas e braços!... Ora o tôlo não está máo!...

Manoel do Portêllo

Olhe aqui, ó thio João... (*As raparigas vão sentar-se nos seus banquinhos espadelando; os encamisados vão com ellas. Manoel e João ficam separados*).

João da Eira

Que queres, homem?

Manoel do Portêllo

Eu não lhe disse ha bocadinho que tinha cá umas desconfianças?...

João da Eira

E d'ahi?

Manoel do Portêllo

Eu... (e Deus me perdôe se pécco)... o lubis-home cá para mim acho que é o estudante que está em casa do sr. *vigairo* a aprender as *grammátegas.*

João da Eira

Calla-te lá, rapaz...

Manoel do Portêllo

E' o que lhe digo a vossomecê. O homem anda amarello como o entrecasco do bucho; traz os cabellos arrepiados como os bigodes d'um gato... e sabe que mais?... á sexta-feira não está em casa...

João da Eira

Isso nem eu... Então tambem eu sou lubis-home...

Manoel do Portêllo

Homem! Vossemecê é mais velho, e como o outro que diz tem visto muita cousa; mas sempre lhe digo que olhe para a verónica do estudante quando o vir...

1.º Encamisado

Thio João, venha vinho!

João da Eira

Lá vou, lá vou, rapazes... O' Marianna, que é do pichel?

Marianna

Está aqui, está aqui, sr. pae... (*João da Eira junta-se ás espadeleiras e ficam sós o 1.º encamisado e Manoel do Portêllo*).

SCENA III

1.º ENCAMISADO *e* MANOEL DO PORTÊLLO,
emquanto JOÃO DA EIRA *não torna a approximar-se*

1.º Encamisado

Que fazes tu, Manoel do Portêllo? andas atraz da Marianna da Eira?

Manoel do Portêllo

E tu que t'importa atraz de quem eu ando! *O' por ora* não dou *stifaçoens* a ninguem.

1.º Encamisado, *zombando*

Stifaçoens!!! Que estás ahi a dizer, meu pelêgo? (*ri-se muito e quer dar-lhe uma chapelada*).

Manoel do Portêllo

Pelêgo! Não me toques, olha que t'arrumo pela cernêlha!... *Acajo* que me pareces...

1.º Encamisado,
rindo cada vez mais e apontando

Acajo!! Acajo!! que grande parrano! O meu gosto era dar-te um revez de cascudo.

Manoel do Portêllo, *medindo-o d'alto a baixo*

Os diabos me levem se tu não és o estudante...

1.º Encamisado

Que estudante!? meu gebo! diz, gebissima creatura!...

Manoel do Portêllo

Aquelle magricellas que veio da villa estudar as *grammátegas* p'ra casa do senhor *vigairo*...

1.º Encamisado, *com seriedade*

Deixas-me dar-te uma penantada n'esse tambor que trazes na cabeça?

Manoel do Portêllo

Pois olha... se eu soubesse que eras o estudante...

1.º Encamisado

Não sou, palavra de honra! mas tu se o visses atiravas-lhe, meu *Manél?!*

Manoel do Portêllo

Não sei o que seria... (*O encamisado vai-se retirando*). Elle é este diabo!... (*á parte*).

1.º Encamisado

Vou beber á saude da tua Marianna... (*Retira-se para o grupo*).

Manoel do Portêllo

Em veneno se te faça no *estámego!*... Eu não sei, mas elle não é outro... ó thio João, olhe aqui, que já vai... (*Chamando João da Eira, que estava entre as espadeleiras*).

João da Eira

Que queres, homem? Acaba lá com isso d'uma vez...

Manoel do Portêllo

Em cortezia... Olhe que o lubis-home anda ahi...

João da Eira, *sobresaltado*

Tu que dizes, Manoel? Jesus!... O' gentes!...

Manoel do Portêllo

Olhe cá, thio João, em cortezia; anda aqui o lubis-home, mas está no *carátele* da propria pessoa, como vossemecê disse...

João da Eira

Ora vai destampar gamellas... E's um tôlo, um fracalhão...

Manoel do Portêllo

O que? ó thio João... inda o meu centeio da chan o comam as cabras, s'isto não é tal e qual.

João da Eira

Então, diz lá quem ê... quem é o lubis-home?

Manoel do Portêllo

E' o estudante que anda ahi com a croça... vê-o a fallar com a Marianna?

João da Eira

Tu sabes lá quem é!... Eil-o ahi vem...

1.° Encamisado

E o lubis-homem? *(João, muito espantado, a olhar para elle)*.

João da Eira

E o lubis-home!... Tu quem és, ó carêta?...

1.° Encamisado

Eu sou o *Zé* da *Zefa*, filho da *Zefa* e do *Zé*, neto do *Manel* da *Brigida*, e da *Brigida* do *Manel*...

João da Eira

O que me pareces é que és um grande bréjeiro... Olha que me disseram umas cousas que não te são mui boas se forem como por ahi se diz...

1.º Encamisado

O' thio João, vossemecê deixa-me *metter ferro* aqui ao Manoel?

João da Eira, *formalisado*

Metter ferro!! queres-lhe dar alguma facada?!...

Manoel do Portêllo,
fazendo roda com o páo e cuspindo nas mãos

Arrede d'ahi, thio João, arrede, que eu sempre quero ver quem são os homens.

João da Eira

Victo serio... Não haja nada...

(As raparigas cantam e espadam ao mesmo tempo. O 1.º encamisado, sem dar importancia ás ameaças do Manoel do Portêllo, vai sentar-se ao pé de Marianna, que o recebe muito risonha. João da Eira e Manoel do Portêllo vão-o seguindo, e aceonando de longe).

Canto

Duzentos gallegos
Não fazem um homem,
Porque quando comem
Seu dinheiro, meu dinheiro,
Homem embusteiro,
Que arriscado andas... etc.

(Findo o canto, o 1.º e 4.º encamisados vêm á bôcca da scena, conversam, ao passo que os outros se entretém em volta da esturdia, que afina os instrumentos).

SCENA IV

1.º e 4.º ENCAMISADOS, JOÃO DA EIRA, MARIANNA, MIQUELINA, RAPARIGAS

1.º Encamisado

Ouviste?

4.º Encamisado

Sim, senhor.

1.º Encamisado

D aqui a pouco retiro-me álem para aquelle souto... vês?

4.º Encamisado

Vejo, sim, senhor, n aquella clareira... (*apontando*).

1.º Encamisado

E tu como has de gritar?

4.º Encamisado

Fujam, fujam, fujam!...

1.º Encamisado

Justamente.

4.º Encamisado

Mas cuidado com o Manoel, que não é bom...

1.º Encamisado

Não tem duvida—*(vão para os grupos).*

Marianna

Senhor pae, não temos mais que fazer.

João da Eira

Pois brincai, raparigas, brincai...

As raparigas,
erguendo-se e sacudindo as arestas do linho

Vamos dançar...

João da Eira

Olha aqui, Marianna... Vês aquelle encamisado de cara de cão?

Marianna

Vejo, sim, senhor.

João da Eira

Cuidado com elle!... a modo que ouvi dizer que é o lubis-home... não te chegues muito, ouviste?

Marianna

O senhor pae está a querer metter-me mêdo...

João da Eira

A'gora estou... olha que o lubis-home ali onde o vês é o estudante que anda nas *grammátegas* em casa do senhor *Vigairo*... Conheces?...

Marianna

Conheço de o ver andar á caça por aqui...

João da Eira

Ouviste? Cuidado ás sextas-feiras, que eu cá não estou... Olha que elle então anda por fóra a cumprir o fadario...

Miquelina

Anda, Marianna, que estás ahi a fazer?

Marianna

Ahi vou, ahi vou... Dançai vós...

Vozes

A sirandinha! a sirandinha!

Marianna

Pois vamos lá á sirandinha.

1.º Encamisado

E eu vou p'r'ó meio!

(A sirandinha é uma dança em circulo, e de mãos dadas homem e mulher, alternadamente. No fim da correspondente cantiga, o que anda no meio deve haver-se com muita cautella para agarrar uma das raparigas, no breve intervallo em que a cadeia se quebra. A copla é a seguinte:)

«O' siranda, sirandinha,
«Vamos nós a sirandar.
«Meia volta dareis vós,
«Meia volta...

(O 1.º encamisado agarra-se á mão de Marianna antes de fechada a quadra do canto. Manoel do Portêllo sahiu do circulo, pegou no páo e fez-se ao largo).

SCENA V

MANUEL DO PORTÊLLO, RAPARIGAS, ENCAMISADOS, JOÃO DA EIRA

Manoel do Portêllo

Élé, seu amigo da croça! olhe que eu faço-lhe tamanha estadulhada á cabeça, que vossê não torna a erguer-se d'ahi!...

As raparigas

Então porque foi isto agora?

Manuel do Portêllo, *com emfase*

E' porque elle agarrou na mão da Marianna antes de chegar ao fim da cantiga...

4.º Encamisado,
galopando com o burro fantastico por deante de Manoel do Portêllo

Então por isso mata-se um homem?

Manoel do Portêllo

Olha que eu bem te conheço... és o *Igidro* da thia *Brigida*... Não me estejas cá com chanças, porque eu não sou o *Zé* da Polinaria, a quem tu na romaria da Senhora da Livração quebraste um canêllo com um calháo... ouviste?

(Os rapazes vão pegando em páos).

3.º Encamisado

(Despindo o vestido de mulher e ficando em mangas de camisa, com o chapéo de mulher na cabeça, sahe para o terreiro com o seu páo em rijas partidas).

Cá um homem é para outro... Aqui é que se vê quem tem alma... Então quem é aqui que renta? Quem tiver amargores de bôcca...

João da Eira

O' diabo! eu não te conhecia com esse alguidar na cabeça... Eras tu, João Almocreve? Dá cá esse abraço...

3.º Encamisado

com a dignidade de quem dá a razão do seu dito

Não quero cá saber de desgraças... Todas as vezes que um homem é homem e que diz a outro, com o seu *carátele* descoberto, eu sou homem p'ra vossê... é que não ha senão dizer—«aqui está o meu peito!» Quem é amigo, e vê o seu amigo, como diz o dictado, em *re-*

gistencia da sua *propia* natureza, eu, se sou amigo do meu amigo e tenho o meu páo, vou-me pôr á beira do meu amigo—entende vossê?...

João da Eira

Tens razão... mas não haja aqui nada...

Manoel do Portêllo

Arrede lá, que eu já não vejo esse homem. Arrede, thio João, que esse é meu...

(Os encamisados, á excepção do 1.º, que tem desapparecido, começam a fazer roda com os páos. O da canastra faz suas pontuadas sêcas, athé que um dos môços d'aldeia lhe decepa o jumento com uma paulada. As raparigas abraçam-se com os da bulha, conseguem sustêl-os entretanto que o 3.º encamisado mostra com aceonados que está dando as suas razoens ao João da Eira).

4.º Encamisado

Venham ver... venham ver...

Vozes

Que é? (*desorganisando-se inteiramente o tumulto*).

4.º Encamisado, *muito aterrado*

A ispo... ispo... li... nhar... se!

João da Eira, *apontando aterradissimo*

O lu... lu... bis... home!

As raparigas

Credo! Jesus! S. Bento! Senhora da Guia!...

4.º Encamisado

Elle ahi vem... Elle ahi vem! Fujam! Fujam!...

João da Eira

Elle ahi vem!... Elle ahi vem!... Fujam, fujam.

Raparigas

Ai Jesus! ai Jesus! ai Jesus!

(*Entram em magote pela porta de carro, á excepção de Marianna, que se esconde a um lado da eira. O lubis-homem apparece effectivamente em correrias, á laia do procurador do Duende. Vem com um vestido justaposto ao corpo, negro, com rabo de cavallo muito comprido, e o mesmo focinho de cão que ha pouco trazia na qualidade de 1.º Encamisado. Faz algumas piruêtas na scena, entretanto que o tumulto se engolfa pelo portal do lavrador. Fechada a porta, Marianna apparece; o lubis-homem pega-lhe da mão, e foge com ella*).

João da Eira

Olhem se a Marianna entrou... Marianna! Marianna! *(Apparece na janella bradando por a filha. O lubis-homem torna á scena, e João fecha rapidamente, bradando:*—Oh diabo! que elle ahi torna!—*O lubis-homem desapparece).*

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

A' esquerda a frontaria da egreja de S. Salvador, deixando vêr um dos pannos da parede, com passagem contigua. Ao fundo, a casa da residencia do vigario, com entrada ao rez-do-chão. A maior parte do palco é uma alamêda ou adro.

SCENA I

VIGARIO, RAPAZES, RAPARIGAS, JOÃO DA EIRA

Alguns rapazes dos que vimos no 1.º acto, vestidos de festa, disparam os seus bacamartes, e mostram-se muito azafamados n'este entertenimento. Ouve-se o sino da egreja repicando. Depois, do interior do templo, sahem uns esposados, a quem muitas moças lançam flôres, entre ruidosas acclamações de flôres á desposada! *Os moços continuam o seu tiroteio, com grande garbo e aprazimento de suas pessoas. Entre a multidão avulta a pessoa do sr. João da Eira, com o seu immenso casaco azul e sem gravata. A desposada e desposado podem ser quaesquer figurantes. Accresce aos designados o reverendo parocho da freguezia, d'estolla e sobrepeliz.*

Vigario, *sorrindo*

Callai lá a bocca a esses bacamartes, rapazes! Quem vos ouvir cuidará que anda por cá revolução popular...

Rapazes

Vivam os desposados!

Vigario

Vivam, e sejam venturosos, por larga vida e felizes annos.

O desposado

E v. s.ª, que os conte, sr. reverendo *vigairo*, na companhia de quem mais seu gosto fôr.

Vigario

Então, cachopas, vós d'antes cantaveis como em nenhuma freguezia d'estes arredores se cantam as nossas modas. Naturalmente, estaes tristes por não cazardes tambem!...

As raparigas

Agora estamos...

Vigario

Pois, então, cantai alguma coisa em honra da vossa companheira.

Miquelina

Que havemos nós cantar?

Vigario

O que quizerdes.

Uma das moças

O' Miquelina, começa lá aquella da *Donzella porque não casas?*... Gosta, sr. reverendo *vigairo?*...

Vigario

O que quizerdes, o que quizerdes.

Miquelina

(*Canta*)—Donzella, porque não casas,
Com rapaz que bem te queira?
Coitadinha! não te querem
Porque não és cantadeira?
Coitadinha! não te querem
Porque não és cantadeira?

Côro

Tenho uma casa de meu,
E tambem tenho uma leira,
Tenho bragal, tenho ouro,
Ten hoalma verdadeira.

Côro

Coitadinha, etc.
Tambem canto umas cantigas,
Que eu só sei cantar na aldeia;
Mas ninguem me quer... paciencia!
Já sei que morro solteira...

Côro de homens

Queres tu comigo casar,
Donzella, se és cantadeira?
Sólo—Casarei, se me tu queres
Com affeição verdadeira.

Côro geral

(*Alegro*)—Ora, pois, seja louvado
O Senhor que vos juntou;
Quem quiz cantar p'ra casar,
Sempre no mundo casou.

Vigario

Deus vos abençõe, meninas! Ide, ide, que já não é cedo... Inda agora reparo!... O' sr. João da Eira, a sua Marianna não veiu!?

João da Eira, *com tristeza*

A minha Marianna, sr. reverendo *vigairo*... a esse respeito temos que falar em particular.

Vigario

Sim?... pois n'esse caso ficaremos... Ide, ide na paz do Senhor... Que lembrança foi a vossa em guardar este casamento para tão tarde, n'estes dias de inverno!?

O desposado

Foi o alfaiate da villa que me fez este *casaco,* e mandou-m'o depois do meio dia.

Vigario

Deixa lá vêr... Anda lá, que está como se quer... Adeus, adeus.

Muitas vozes alternadas

Adeus, sr. *vigairo.* Fique com Nossa Senhora; passe muito bem, até outra vez, etc.

(*O sino e os tiros recomeçam e callam-se rapidamente*)

SCENA II

O VIGARIO *e* JOÃO DA EIRA

Vigario

Ora diga lá o que temos de má nova, que já vejo que não vae dizer-me cousa alegre...

João da Eira

O certo é que não, sr. reverendo *vigairo*... e bem me custa, porque, emfim, a coisa é com a minha mulher e com a minha filha.

Vigario, *estupefacto*

Que dizes, homem! com sua filha e com sua mulher!! eu!! eu!!

João da Eira

Eu queria dizer que lhe toca pela roupa...

Vigario

Explique-se, que eu não o entendo...

João da Eira

Pois, emfim, saberá o sr. reverendo *vigairo* que tem um lubis-home de portas a dentro.

Vigario

Este homem endoudeceu!... Eu tenho um lubis-homem de portas a dentro!

João da Eira

Assim me Deus salve em como tem...

Vigario

Não jure, creatura... Vocemecê está fóra do seu juizo...

João da Eira

Agora estou! oxalá que mentisse... Eu lhe conto...

Vigario, *benzendo-se*

Jesus! Santo nome de Jesus, que lembrança!

João da Eira

O lubis-home, sr. *vigairo,* é o estudante das *grammátegas* que v. s.ª cá tem a ensinar.

Vigario

O estudante!... eu cada vez o percebo menos!...

João da Eira

Quer o sr. *vigairo* saber se elle é ou não é lubis-home?... Olhe se elle está em casa á sexta feira...

Vigario

N'esses dias vae elle visitar a familia a Villa Real.

João da Eira

Não cômo essa, sr. *vigairo,* e perdoará em lh'eu ir á mão. Olhe (*apontando para os olhos*) com estes vi-o eu a espolinhar-se no meu souto da Reboleira, e depois...

Vigario

Que diz, sr. João, que está vocemecê ahi a dizer disparates!..

João da Eira

Deus me não ajude, se isto assim não é... A mulher lá a tenho emprégadinha, que se não me mexe; a filha está que ninguem a conhece, engelhada, magra, e cheia d'ossos, e tudo isto foi... faz no sabbado tres mezes que eu fiz a minha espadada.

Vigario

Homem, eu estou abysmado! Então o rapaz bateu-lhe na familia?

João da Eira

Foi o lubis-home, por que v. s.ª bem sabe que os lubis-homes, estando no *carátele* da sua *propia* pessoa, não fazem mal; mas como eu vinha dizendo, no fim da minha espadada appareceu o lubis-home, e fugimos todos; só a minha Marianna ficou de fóra, por não poder entrar, e tal medo apanhou que me está tolhidinha. Não tem vontade de comer, anda sempre a chorar, não vai ao campo, e diz o barbeiro-çurgico que ella tem uma obstrução, no corpo, salvo tal logar.

Vigario

E como sabe vocemecê que é o meu estudante o lubis-homem?

João da Eira

E' porque dizem por ahi todos; veja-lhe v. s.ª a cara e verá como elle a tem amarella.

Vigario

Aquella é a côr d'elle, creatura de Deus... E não tem outra razão melhor que essa?

João da Eira

Sei que elle esteve na minha espadada... inda quer outra razão, sr. *vigairo?*

Vigario

Esteve!?

João da Eira

Tal e qual, e sabe que mais? A minha rapariga, ás vezes, a sonhar, falla n'elle... Elle não se chama Carlos?

Vigario

Chama, sim.

João da Eira

Vê? olhe se lh'o eu digo...

Carlos, *fóra, assobiando e chamando os cães*

Perdigueiro! bóca! aqui! Preguiça! Ladina! cadella de mil diabos! aqui... péga...

Vigario

Elle ahi vem.

João da Eira

Eu estou capaz de m'ir embora, que não vá elle tolher-me como me tolheu a mulher e a filha...

Vigario

Não, senhor, deíxe-se estar.

João da Eira

Homem!... eu não sei o que faça...

Carlos, *fóra e mais perto*

Neptuno! Os diabos te levem! Cassandra! Tito-Livio!... bóca... diabo!... (*chegando á scena sem reparar*). Os infernos te confundam, espingarda de guerrilheiro... Este demonio errou tres vezes... (*Bate a arma, que se dispara—João da Eira dá um grito e fica em convulçoens*).

João da Eira

Eu... eu... eu que lhe disse, sr. *vigairo?*... Estou tolhido...

SCENA III

OS MESMOS *e o* ESTUDANTE

Vigario, *com severidade*

Que modos são estes, sr. Carlos?

Carlos

Boas tardes... eu não os via... passou bem, sr. padre mestre?

Vigario

Passei bem, muito obrigado.

Carlos, *áparte*

Oh diabo! cá está o pai de Marianna!...

Vigario

O' sr. Carlos d'Athayde, conhece este senhor?

Carlos

Não me recordo de o ter visto... Naturalmente é o mestre-eschola cá da freguezia...

João da Eira

Nada, eu não sou mestre-eschola, não senhor.

Vigario

Com que então não conhece?

Carlos

Mas tenho a honra de ficar conhecendo... E' o sr. padre-mestre que m'o apresenta...

Vigario

Sim, senhor—sou eu que lh'o apresento... E' o sr. João da Eira, natural da Reboriça, que costuma ter a sua espadada... Olhe se se recorda por esta circumstancia...

Carlos

Nada... eu não estou certo... Mas emfim... (*querendo apertar-lhe a mão, que João da Eira mette na algibeira*). Muito gosto em conhecer... Passou bem? e a familia, boa?

João da Eira, *áparte*

A familia?... que maroto!... (*alto*) Vai indo... Deus louvado... nunca peior... vamos por lá vivendo... E lá a sua obrigação como vai?

Carlos

Soffrivelmente... passageiramente... satisfatoriamente...

Vigario, *com severidade*

Sr. Carlos! E' preciso que o sr. seja muito mau membro da sociedade, mau christão, e muito mau filho, para que illudindo as diligencias paternas e as minhas, se sirva de falsidades que lhe assentam pessimamente...

Carlos

Então, que ha de novo?

Vigario

Não seja, além de indocil, motejador. O sr. estudante, por motivos desairosos, foi mandado para aqui estudar, visto que em Villa Real se tornava um mau membro de sua virtuosa familia. Chegando aqui, illudiu seus pais, dizendo-lhes que não ia lá uma vez por semana para escurecer a memoria de certos factos, e para aproveitar no estudo; e a mim dizia-me que ia vêr seu pae ás sexta--feiras e parte dos sabbados... Que fazia o sr. n'estes dias?

Carlos, *com humildade ironica*

A vida contemplativa, sr. padre-mestre...

Vigario

Não zombe, senhor! A vida que o senhor levava pelas espadadas, e por... que sei eu? por onde o sr. semeou talvez o grão da immoralidade, em aldeias pobres e innocentes...

Carlos

Sr. padre mestre: terminou a sua verrina? Marat, Danton e Robespierre nunca falaram com a barriga horrorosamente peripatetica... isto é, vasia. Eu prometto uma tocante defesa: peço-lhe que suspenda o seu juizo; mas permitta-me que vá primeiro á cosinha buscar inspiraçoens.

Vigario

Seja cortez, sr.!... Que foi fazer á espadada d'este lavrador?

Carlos, *para João da Eira*

Vossemecê viu-me lá?

João da Eira

Vi, sim, vi, e o senhor é o lubis-home. (*Carlos ri ás gargalhadas*). Bem se lhe vê na cara...

Carlos

Vê-se na cara um lubis-homem!!! Deixe-me ir ao espelho... Com licença... (*quer sahir*).

Vigario

Espere! E' necessario sabermos se fez alguma das suas crueis brincadeiras para atemorisar a familia d'este senhor...

João da Eira

Isso é que é verdade.

Carlos

Ai! este senhor tem uma familia atemorisada!? Exorcismos, meu amigo, exorcismos, e muita somma d'agua benta... Sr. padre-mestre! (*dignidade caricata*). A minha consciencia repelle a injusta e calumniosa aggressão que impiamente lhe fazem. Invoco os cadaveres que ahi estão no chão da morte, dormindo o somno eterno, para que, envoltos na sua mortalha, venham aqui dizer se eu, Carlos d'Athayde e Valladares Tinôco, sou lubis-homem. (*Correndo á porta do templo*). Erguei-vos, mortos, do vosso leito de pedra! Erguei-vos, honrados anciãos!... erguei-vos...

João da Eira, *benzendo-se apavorado*

Credo! Santo nome de Jesus. Credo! Ave Maria!...

Vigario

Basta de ridiculo, senhor!...

Carlos, *dramatico*

Eu quero o depoimento dos mortos!...

Vigario

Retire-se!

Carlos

Boas noutes. (*Sahe*).

SCENA IV

JOÃO DA EIRA *e o* VIGARIO

João da Eira

Que mau homem, sr. *vigairo,* que mau homem!...

Vigario

Falemos serio, meu amigo, olhe que isto de lubis-homens é mentira.

João da Eira

Homem! essa não esperava eu de quem tem cartilhas e missaes como o sr. rev. *vigairo!*...

Vigario

Pois creia no que lhe digo. Deus condemna os culpados no outro mundo, não é n'este. Quem faz o mal irá para onde o pague, mas n'este mundo, justos e criminosos, todos são homens com figura humana, não ha lubis-homens, nem outras visoens, que nossos avós inventaram sentados ao lar...

João da Eira

Pois se eu o vi!... quer-me o sr. *vigairo* metter os dedos pelos olhos... Meu amigo, o que disseram os velhos é escriptura...

Vigario

Pois como o senhor viu uma cousa que se lhe pareceu com outra, é que eu chego a acreditar que este maldito rapaz, para assustar a boa gente d'estas aldeias, andasse por lá a fazer arruido...

João da Eira

Mas elle tinha um rabo como a minha egua, e uma cabeça de jumento, com licença das suas barbas honradas...

Vigario

Teria, teria, que os rapazes d'este seculo têm tudo quanto querem, logo que não têm a religião de seus pais... Vá vossemecê para sua casa, diga a sua filha e a sua mulher que esse fantasma que ellas viram não foi mais que a travessura de um estudante, com o fim de assustal-as, e mais nada...

João da Eira

Mas a minha Marianna está chupadinha de todo!...

Vigario

Pois ahi tem—foi mêdo, cujos effeitos passarão com o desengano que vossemecê lhes vae dar.

João da Eira

Parece-lhe então que não seria lubis-home, ó sr. *vigairo?*

Vigario

Não era, dou-lhe a minha palavra de sacerdote.

João da Eira

Isso agora é outra cousa... vou descançado, e com isto fez-se-me noute; estimarei que passe muito bem athé avista.

Vigario

Adeus, sr. João, console a sua familia, e leve-lhe as minhas bençãos. (*O vigario recolhe-se e fecha a porta*).

(*É noute*).

SCENA V

JOÃO DA EIRA *e depois* UM FANTASMA

João da Eira

Ora não ha duvida... Foi o maroto do estudante que me assustou a mulher e a filha!... Pobre rapariga! nem eu sei como o maldito lhe não... Ora vamos lá para casa.

(Ao virar-se dá de cara com um vulto embrulhado n'um lençol, que vem rente com a parede da egreja, a passo solemne e cadenciado. João da Eira solta um grito,

recúa, ataranta-se e foge para a porta do vigario. Chama, e bate primeira e segunda vez, quando o fantasma estende um braço, pintado de óca, fóra do lençol).

Fantasma, *com voz sepulchral*

Suspende-te! (*João da Eira cáe de joelhos*). Os brados d'um innocente chegaram ás profundidades do meu jazigo eterno! Tu condemnaste um justo de lubis-homem, e esse justo invocou o testemunho dos mortos!

João da Eira

Perdão, perdão, já aqui não está quem falou...

Fantasma

Ergue-te, mortal calumniador!

Joâo da Eira

Alma, quem quer que sejaes, em nome do Padre e do Filho e do *Esprito* Sancto!...

Fantasma

Escuta! E' preciso que chames o vigario d'esta freguezia e lhe digas que uma alma do outro mundo te annunciou que Carlos d'Athayde é um sancto, um anjo perdido na terra, uma perola desengastada da corôa de um cherubim.

João da Eira

Senhora alma, se lhe não custa, v. s.ª faz favor de me dizer outra vez essas cousas?...

Fantasma

Quod dixi, dixi!

João da Eira, *á parte*

Aquillo é latim: como ellas sabem!

Fantasma

Outrosim pedirás perdão á victima innocente pela calumnia atroz que lhe imputaste! Os mortos acordaram do seu somno! O mysterio dos tumulos foi rasgado no seu seio! *(João da Eira está resando um credo em cruz).* O inferno revoltou-se nas suas chammas! E os espiritos de Satanaz vagueam sobre a tua cabeça em turbilhoens... *(João da Eira sacode com as mãos os turbilhoens).*

João da Eira

Jesus! Jesus! em turbilhoens!

Fantasma

Oh!... oh!...

João da Eira

Eu peço perdão... peço perdão... Digo isso tudo o mais que vossemecê quizer...

Fantasma

Adeus! até o dia do Juiso!

João da Eira

Passe muito bem... Athé lá... athé... lá...

SCENA VI

JOÃO DA EIRA, *e depois o* VIGARIO

João da Eira

Agora é que eu fico tolhidinho de pernas e braços!... Dóe-me a barriga! Tenho calafrios nas canellas... Estou tolhido, não ha duvida, estou tolhido!...

A voz do fantasma, *ao longe*

Não te demores, misero mortal.

João da Eira

Ah!... Cá vou, cá vou!... (*Bate desesperadamente á porta*) Ó sr. *vigairo!* ó sr. *vigairo!* ó sr. estudante!...

Vigario

Que tem, homem?!

João da Eira

Dá licença? dá licença?... deixe-me entrar...

Vigario

Que é?... que é?!

João da Eira

Deixe-me entrar... Lá dentro, lá dentro, lhe direi... deixe-me entrar (*olhando sempre para traz*).

Vigario, *vindo fóra e tomando-lhe o braço*

Ha de dizer-me o que tem... vossemecê está aterrado!... viu o lubis-homem?

João da Eira

Não me fale mais em lubis-home... Foi uma alma do outro mundo... (*apontando para traz da egreja*).

Vigario

Pobre homem! Vossemecê é bem desgraçado com as suas visoens... venha cá... (*quer leval-o atraz da egreja*).

João da Eira

Nada, nada, seu fôra tolo!... Tenho um recado a dar-lhe da alma...

Vigario, *sorrindo*

Um recado para mim?

João da Eira

E' como diz... A alma veiu ao reclamo do estudante... (*o padre benze-se como quem se compadece da loucura estranha*). Amen. Amen... (*benzendo-se tambem*) e disse-me que lhe dissesse que o estudante não era lubis-home, que era um anjo perdido, uma *pedra gastada* na corôa (*fazendo menção de uma corôa clerical*) dos serafins, e não sei que mais em latim... ah! é verdade, disse-me que era um sancto...

Vigario

Uma pedra gastada na corôa dos serafins?!...

João da Eira

Tal e qual...

Vigario, *com sentimento*

O' sr. João, aquelle rapaz quer a nossa desgraça...

João da Eira

Qual rapaz?

Vigario

Qual ha de ser? esse maldito que ahi anda...

João da Eira

Sancto nome de Jesus! não diga isso que se levantam as almas...

Vigario

A alma era o estudante... Vá com Deus p'r'a sua casa...

João da Eira

A alma era o estudante!... O sr. *vigairo* é que quer a minha desgraça... Era uma alma, tal e qual, amortalhada, com o braço amarello e os dentes negros.

Vigario, *comsigo*

Que bondade e que maldade!!

João da Eira

Faz favor de chamar-me o estudante, que lhe quero pedir perdão!

Vigario

Creatura de Deus! vá p'r'a sua casa: dou-lhe outra vez a minha palavra de sacerdote de Christo, e ministro do altar, que a alma era esse atravessado com um lençol pela cabeça...

João da Eira, *meditando*

Sabe que mais... parece-me que tem razão... O sr. *vigairo* dá-me a sua palavra?

Vigario

Dou, dou, vossemecê é muito medroso; não me parece um homem...

João da Eira

Quem... eu?! medroso! Eu lhe digo, sr. rev. *vigairo*; d'aqui por diante más terçans me côlham se eu tiver medo a trasgos e aventesmas.—*Prá môr* d'isso, vá-se o sr. *vigairo* embora, que eu hei de aqui ficar no adro um bom pedaço...

Vigario

Pois fique, e encommende-se a Deus... Boas noutes.

João da Eira

Passe muito bem...

SCENA VII

JOÃO DA EIRA *e depois* CARLOS

João da Eira

Quero ver agora!... Aqui estou!... que venham as almas... por que não vêm? eu aqui estou!... Aquelle marôto!... é já duas vezes que me engana... Ah! elle ahi vem... Ora anda... não sei, mas chêgo-te...

Carlos, *solemne*

Ouvi uma voz do outro mundo que me disse: «Vae á alamêda do adro, onde um homem te espera para pedir-te perdão de uma calumnia». Será o senhor esse homem?

João da Eira, *rindo materialmente*

Sou eu mesmo, para o servir, e vossemecê era a alma, que aqui andou ha bocado embrulhada n'um lençol...

Carlos

Era eu a alma!? Está bom. Levantai-vos, mortos!

João da Eira,
primeiro aterrado, e depois emendando-se

Tenha lá mão, tenha lá mão!... Chame... póde chamar... chame lá quanto quizer...

Carlos, *apontando para o lado da egreja*

Veja, senhor!

(*João da Eira repára, e vê outro fantasma que vem. Aterra-se, cae de joelhos*).

João da Eira

O sr. *vigairo* foi que me enganou *(o fantasma pára a alguma distancia)*. Perdão, sr. estudante. V. s.ª não é lubis-home.

Carlos

Levante-se!

João da Eira

Muito obrigado, por muitos annos...

Carlos, *apontando para fóra*

Mirre-se!

João da Eira

Se eu prestar p'r'a alguma cousa, não tem mais que escrever para João da Eira da Reboriça...

Carlos

Evapore-se! (*João da Eira sahe*).

(*Carlos e o criado tirando o lençol*).

Carlos, *rindo*

Foi bem apanhada!... agora posso lá ir, inclusivamente...

Criado

Isso é que é verdade.

SCENA VIII

OS MESMOS *e uma* CRIADA

Criada, *á porta*

Sr. Carlos, onde pôz um lençol da sua cama?

Carlos

Está aqui; péga lá...

Criada

Dê cá... faz andar a gente douda a procurar!...

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

O palco, na sua maior extensão, representa a descahida de uma serra, formando uma esplanada em que assenta um arraial ou romaria. A encosta da montanha é accessivel e praticavel. O arraial no Minho varia, em costumes, muito pouco das outras provincias. Compete ao ensaiador idear o que lhe parecer além dos taboleiros de beberagens, casas de pasto abarracadas, pipas de vinho dispersas, taboleiros da *roda da fortuna,* jogadores de *vermelhinha,* cercados de parvos, turbas circulando em romaria á egreja. D'esta, a frontaria deve ser bem reintrante nos bastidores para não empecer a extensão do arraial. A' porta da mesma está S. Bartholomeu, santo volumoso, de ferro, e orágo da freguezia, com o seu taboleiro de flôres, e moedas de cobre, que os romeiros devotamente lançam quando passam. Este santo é escoltado por dous homens d'opa vermelha e lenços atados á cabeça. E' immenso o estrepito de bombos, rabecas, violas, e varetas. Duas *esturdias* (que são organisadas por aquelles instrumentos e grande séquito de povo) atravessam a scena e fazem romagem em torno da capella. Na 1.ª avultam os representantes do 1.º acto; na 2.ª, outras figuras. As cantigas são ao arbitrio da direcção pela parte musica. As *esturdias,* depois de algumas voltas, fazem junção ao pé das pipas de vinho. João da Eira destaca-se então dos grupos com sua filha, cuja physionomia é abatida e magra.

SCENA I

JOÃO DA EIRA *e* MARIANNA

João da Eira

Então, rapariga, vamos aos *inzorcismos?*

Marianna

Não, sr. pai... deixemo-nos d'essas cousas... eu não quero *inzorcismos*... quero-me ir embora p'ra casa...

João da Eira

Pouco irás... A que te trouve eu cá? E' o que faltava, vires á reza p'ra botar fóra esse *esprito* que se te metteu no corpo, e ires-te embora como viestes... Olha tua mãe como está melhor desde que lhe leram os *inzorcismos*...

Marianna

Deixal-a estar... não quero e tenho dito... não quero... Eu bem sei que não tenho cousa ruim no corpo...

João da Eira

Pois quer queiras, quer não, hão de se te rezar, e ha de ser já... *(Pegando lhe do braço)* Vamos... anda d'ahi...

Marianna

Não vou, não vou!...

João da Eira, *á parte*

Então é *esprito* ou não é *esprito?* (*Chamando*) O' Manoel, ó Manoel do Portêllo! (*Cuspindo nas mãos*).

SCENA II

OS MESMOS *e* MANOEL DO PORTÊLLO

Manoel do Portêllo

Que é cá preciso?

João da Eira

Ajuda-me a levar a Marianna alli á porta da capella...

Manoel do Portêllo

E mais não é preciso muito... (*fila-lhe um braço*).

Marianna

Não me magôem, que eu grito *aquedelrei*... Deixem-me, larguem-me...

João da Eira

Pega bem, Manoel, que isto é o diabo que falla n'ella...

Manoel do Portêllo

Pois ha de sahir p'ra fóra...

Marianna, *gritando*

Ai Jesus, que me matam!... Deixem-me... que me quebram os braços...

SCENA III

OS MESMOS, *mais povo e* UM PADRE

(*Aos gritos de Marianna apinha-se povo; acode uma patrulha e um padre de sobrepeliz, com um ripanso e caldeirinha*).

Patrulha

Que é isto aqui? que fazem a esta mulher?

João da Eira

E' minha filha que tem o diabo no corpo... Aqui está um sr. padre... Faz favor de rezar-lhe os *inzorcismos?*

Marianna, *debatendo-se nos braços d'elles*

Não quero, não quero, deixem-me respirar, que estou abafada. Pelo amôr de Deus...

Padre

Benzam-se todos (*executam com grande apparato de devoção*). Espirito diabolico, eu te requeiro! Que queres d'esta creatura?

Marianna

Quero ir p'ra minha casa...

Padre

Ha quanto tempo te metteste no corpo d'esta creatura?

(*Um mancebo bem trajado, com meio rosto tapado por um lenço branco, solta uma desatada risada, e some-se na multidão. Aquella gente assusta-se, e Marianna grita com grande esforço*).

Marianna

E' elle... E' elle a rir-se de mim!

Padre

Elle... quem?

Vozes

E' o *esprito* que sahiu...

Padre

Tragam o sancto! Tragam o sancto!

(*O povo põe-lhe o sancto na cabeça*).

Marianna

Tirem-me este pêso da cabeça... tirem-me isto... aï que me abafam!

João da Eira

Olha o *esprito* a estrebuchar... Anda, que has de sahir p'ra fóra...

Manoel do Portêllo

Isso é que é verdade... ou elle não entrasse...

Padre

Callem-se vossês.

Marianna

Senhor pae... eu que mal lhe fiz? Manoel! não me apertes... que me quebras este braço... T'arrenego, t'arrenego!...

João da Eira

Então, é ou não é *esprito?*

Povo

E', é, cruzes... (*fazendo cruzes com os dedos a Marianna*).

Padre, *aspergindo agua benta*

Espirito! eu te requeiro, em nome das trez pessoas da Santissima Trindade. Ou tenhas entrado de telhas abaixo, ou portas acima, de noite ou de dia, ás claras ou ás escuras, na agua ou na terra, na comida ou na bebida, no vestir ou calçar, em seda ou linho, ou estôpa, ou qualquer materia de fiação...

(*Ouve-se outra risada do mesmo que se rira anteriormente, e que outra vez se some*).

Marianna, *apontando*

E' elle!... é aquelle!

João da Eira

Ande, sr. padre, que me parece que ellle já se foi...

Padre

Demonio! deixa a creatura; eu te exorciso, eu te requeiro, eu te condemno para as profundidades do inferno.

Vozes

Amem. Amem.

Marianna,
apontando o desconhecido que reapparece

Ah!... Ah!... (*desmaia*).

João da Eira

Parece-me que se foi d'esta vez, sr. padre.

Padre

Vamos vêr. Espirito ruim! Demonio tentador das creaturas! Ella não se meche?

João da Eira

E' que nada.

Manoel do Portêllo, *largando-a*

Não vê, sr. padre... Ella ahi está mansa como um borrêgo...

Padre

Podeis ir com Deus. Esta rapariga já não tem espirito.

João da Eira

Deus lhe dê saude (*mette-lhe dinheiro na mão*) e perdoará!...

(*O padre sahe*).

SCENA IV

MARIANNA, JOÃO DA EIRA, MANOEL DO PORTÊLLO, RAPAZES, RAPARIGAS

(*O grupo desconjuncta-se. Marianna está nos braços de Miquelina*).

João da Eira

Agora, vá a beber... Isto *d'inzorcismos* é como se quer... O' raparigas! não ouvistes o diabo a rir-se duas vezes aqui p'ra traz?

Vozes

Vimos, vimos...

João da Eira

Venha de lá esse vinho.

Manoel do Portêllo, *com um copo de canada*

Lá vai á nossa... Comece por ahi *(dando a João da Eira)* é mão de *samear*...

João da Eira

Está em boa mão.

Manoel do Portéllo

Vossemecê é mais velho (*bebem*).

Marianna

Sr. pae...

As raparigas

—Estás melhorsinha?
—Vamos p'ra casa?
—Já não tens cousa má no corpo?

João da Eira

Ella já veio a si?

Marianna

Sr. pae...

João da Eira

Que queres, que queres, rapariga?

Marianna

Vamos embora?

João da Eira

Como estás lá no interior?

Marianna

Estou muito cansada...

João da Eira

Pudera não...

Manoel do Portêllo

Tu conheces-me, Marianna?

Marianna

Conheço...

Manoel do Portêllo

Olha que suei a agarrar-te ahi pelas costas... Vá lá uma pinga, e que leve o diabo o *esprilo*...

Marianna

Não quero... estou em jejum... deixai-me... Jesus! sancto nome! deixai-me, raparigas...

João da Eira

Então isso está fino, hein? ó rapaziada, vá agora aqui de rópia uma cantiga, e vamos jantar depois até não levar mais a barriga...

As raparigas

Está dito.

(*Em quanto ellas cantam, Marianna não aparta os olhos penetrantes do arraial, como quem procura alguem com anciedade*).

Canto

Raparigas
O demonio quiz tirar-nos
Esta nossa companheira.
O maldito ia fazendo
Que ella morresse solteira.

Rapazes...
Inda bem! foi-se o demonio,
Solteira não morrrerá;
Cá estou eu, ou se ha quem queira
Se é homem, venha p'ra cá!

(*Repetem todos a primeira*).

(*Ouve-se uma terceira risada. A cantiga pára. Marianna de salto agarra o desconhecido*).

Marianna

Aqui está... elle aqui está (*grande agitação no arraial.*)

SCENA V

OS MESMOS *e o* DESCONHECIDO

João da Eira, *agarrando-o*

Que é lá isso?

O desconhecido

Deixe-me, quando não, chamo a patrulha.

João da Eira, *largando-o*

Deixa o home, rapariga.

Marianna

Não deixo, não, ha de cumprir o que me prometteu... disse-me que casava commigo...

Manoel do Portêllo

Que é lá isso? ó sr. amigo? Vossê quem é?

(*Tira-lhe o lenço do rosto*).

João da Eira, *aterrado*

Deixem-n'o! deixem-n'o!

Manoel do Portêllo

E' o lubis-home! E' o lubis-home!

João da Eira

Calla-te, que não sabes o que dizes... Deixa esse homem, que é... que é... não sei o que me disse a alma...—é um homem muito grande, muito grande!...

Marianna

Não deixo... Enganou-me, e deixou-me... Quero que case comigo...

Carlos, *áparte*

Que taes são as escospias, hein?

(*A patrulha agarra-o*).

Patrulha

Que diabo de barulho é este?

Marianna

Sr. pai... Este senhor disse-me que casava comigo e fez-se lubis-home para assustar a mãe...

João da Eira

Que é? que é?—diz, diz... eu estou banzado!

Marianna

Para assustar a mãe, e depois... (*Cobre a cara com as mãos*).

Patrulha

Está o sr. preso!

João da Eira

Tu que dizes, mulher, pois este estudante?...

Marianna

Sim, sim, foi elle que...

Uma das moças

O' gentes! vós não ouvis isto? diz que fôra elle que...

Manoel do Portêllo

O' *sôres* soldados! deixem-me escavacar a cabeça a esse maroto...

Patrulha

Arrede p'ra lá... um preso é sagrado...

Carlos

Sim, sr., estou preso!

(*Cresce o tumulto. Vozes: Mata! Mata! Fóra os casacas! A patrulha é ensarilhada nos páos*).

Marianna

Não, não lhe batam... Manoel (*botando-se-lhe de joelhos*). Eu é que tive a culpa... batam-me antes em mim...

João da Eira

O' su maroto! Vossê teve alma de...

Manoel do Portêllo,
apontando-lhe uma paulada á cabeça

Leva lá a primeira, meu lubis-home!

SCENA VI

OS MESMOS *e o* VIGARIO

Vigario, *no centro dos amotinadores*

Que é isto? rapazes!

(*Applacam-se subitamente*).

João da Eira, *lagrimejando*

Bem dizia v. s.ª que este estudante era a nossa desgraça em pessoa. Olhe aqui... (*fala-lhe ao ouvido*) a minha filha, sr. reverendo *vigairo!*...

Vigario

Ouçam-me todos. Sr. Carlos, venho aqui livral-o de um justo furor popular, lembrando-me que é ainda possivel lavar as suas nodoas com um acto de caridade e

de virtude. O sr. deve casamento á filha d'este honrado lavrador?

Carlos

Sim, sr.

Marianna, *para as raparigas*

Vêem como elle confessa?

Vigario

Ou o senhor casa com ella, e tem a contar com a minha amisade e com a d'esta boa gente, ou não casa, e então, já que as leis não punem crimes d'este genero, eu entrego-o á punição d'este povo justamente indignado... Escolha...

Carlos

Casarei.

Marianna, *abraçando-o*

Ah! Bem me dizia o coração que me não tinhas esquecido, meu Carlos...

João da Eira

Homem, a falar a verdade, sempre succedem *causos!*

Manoel do Portêllo, *áparte*

Não sei ainda como isto será.

Vigario

Pois bem... seremos todos felizes. Eu comprometto-me a alcançar indulgencia do sr. Arcebispo. O casamento deve ser hoje mesmo alli na capella... Convem, sr. Carlos?

Carlos

Sim, senhor, hoje mesmo... porque não? essa é boa...

Vigario

Pois então vá cumprir o preceito. Confesse-se, que Marianna (e logo será a sr.ª D. Marianna) vou ouvil-a de confissão... Podem ainda commungar, não é verdade?

Marianna

Eu estou ainda em jejum.

Carlos

E eu tambem.

Vigario

Então, d'aqui a uma hora, aqui estamos outra vez...

João da Eira

Não... elle não se perde... O *casaco* é bem conhecido... não anda cá outro tão engelhado nas costas como este... Nós o chamaremos...

Carlos

Athé logo, meus amigos. Adeus, Marianna. Nós alguma vez haviamos de casar... Emfim o que se hade fazer...

Marianna

Ao tarde, faça-se ao cedo, não é assim?

Carlos

E' verdade... athé logo...

Vozes

Viva o sr. *vigairo!!* Viva!

SCENA VII

CARLOS D'ATHAYDE *e o* CRIADO

A multião vae para o fundo, folgando na sua esturdia. *Dansam e cantam a* chula. *Carlos fica aceonando com o criado que já conhecemos na* encamisada, *e com o 2.º fantasma. Quando cessam as dansas, e as cantigas, ouve-se Carlos.*

Carlos

Sim, não, não, sim, entendes?

Criado

Entendo, sim, senhor.

Carlos

Nem mais, nem menos—sim, não, sim, não, não, sim, entendes?

Criado

Sim, senhor. (*Desapparecem*).

SCENA VIII

A PATRULHA, RAPAZES, MANOEL DO PORTÊLLO

Continuam as esturdias *a passar umas após outras. Alguns môços fazem suas partidas de páo; o povo, que julga começada a scena da pancadaria, principia a fugir com grande gritaria pela montanha acima. A patrulha, de bayoneta calada, intromette-se, gritando: Abaixo os páos.*

Manoel do Portêllo

Não é nada, camaradas... Nós estavamos a rir... não é nada, e *vito-serio!*

Patrulha

Não queremos saber de brincadeiras... Se tornam a alvoraçar o povo, são presos. (*Os dos páos riem-se*). Ah! vossês riem-se, *sus* brutos!

Manoel do Portêllo

Então sempre hão de saber que toparam com o seu homem. E' lá, rapazes, a elles... Acaba-se aqui hoje o mundo!... (*A patrulha ameaça atacar de bayoneta callada*).

SCENA IX

OS MESMOS E O VIGARIO

Vigario, *intervindo*

Então que é isto, rapazes!?

Manoel do Portêllo

E' que queriamos mostrar a estes soldados que os homens ainda se não acabaram...

Vigario

O' camaradas!... vossemecês bem sabem o que são romarias... Estes rapazes, fartos de trabalho, vêm aqui espairecer, bebem a sua pinga, e depois... Ora vão

na graça do Senhor... E vós... accommodai-vos em nome de Deus!...

Manoel do Portêllo, *lançando-lhe o páo aos pés*

Está bom, sr. *vigairo,* o meu páo ahi está por bem.

Outros rapazes

—E o meu.
—E o meu.
—E o meu.

Vigario

Está bom. Peguem nos seus páos, mas não façam brigas...

SCENA X

OS MESMOS *e* JOÃO DA EIRA

(*Começa a descer a gente das montanhas que estivera em observação*).

João da Eira,
trazendo um grande copo de vinho

Bêbam lá, camaradas! soldados e povo, são tudo irmãos... Viva a bella companhia!

Patrulha, *bebendo*

A' sua saude!

João da Eira

Que lhe faça bom *proficio*—e é p'r' terra!... quem paga é o João da Eira da Reboriça. Se por lá passarem alguma vez, não têm que preguntar... Vossemecês mettem pela rua arriba, carregam sobre a sua esquerda, não fazem caso do quelho que vai dar á tapada do Manoel da Moita, e batem de cara na porta do meu quin teiro, que não ha lá outra pintada de vermelho...

Patrulha

Não faltará occasião... Adeus, sr. lavrador.

(*Sahem*).

João da Eira

E viva a sucia! Então, sr. *vigairo,* a rapariga está desobrigada?

Vigario

Deus é que o sabe... Agora resta que venha quem falta.

João da Eira

Eu vou dar uma volta a ver se o vejo... O *casaco* é bem conhecido...

(*Sahe*).

SCENA XI

MARIANNA *e* MIQUELINA, *separadas do grubo*

Miquelina

Então vaes casar c'um fidalgo?

Marianna

Bem me importa a mim que elle seja ou não fidalgo!... O que eu quero é que elle me não faça passar por vergonhas do mundo.

Miquelina

Tu tambem deixaste-te enganar assim com tão pouco... Que viesse p'ra cá!...

Marianna

Se tu lhe tivesses amôr como eu...

Miquelina

Isso sim!... que viesse p'ra cá!... Se te tinha amôr, que casasse comtigo... Mas casa agora, que é o mesmo, e fica tudo esquecido...

Marianna

E tu não eras minha amiga se soubesses que eu... ?

Miquelina

Tua amiga, isso era eu, mas meu pai não me deixava andar á tua beira nas segadas, e nas bessadas.. Deus nos livre!... nem pensar n'isso é bom... E tu vaes p'ra Villa Real com o teu homem ?

Marianna

Eu não sei... Vou p'ra onde elle quizer que eu vá... Sou sua mulher...

Vozes

Elle lá vem... Elle lá vem.

SCENA XII

OS MESMOS, JOÃO DA EIRA *e o supposto* ESPOSADO, *vestindo como Carlos,*
e com o mesmo lenço apertado a meia cara

João da Eira, *muito contente*

O nosso esposado vem a resar a penitencia... Elle não diz nada...

Vigario, *que tem vindo com a multidão*

Eu cá vou preparar isto á capella.

(*Sahe*).

Vozes no arraial

E' um casamento! E' um casamento!...

João da Eira, *para o esposado*

Então que é isso? Doem-lhe os queixos?

Esposado

Sim.

João da Eira

Foi da agua fria quando commungou... Quer um golo de licôr?

Esposado

Não.

Manoel do Portêllo

Parece que está a não querer fallar, ó sr. estudante!

Esposado

Sim.

Marianna, *aproximando-se com receio*

Estás doente dos dentes?

Esposado

Não; sim.

Marianna, *abraçando Miquelina*

Não sei que adivinho!...

João da Eira

Sim, ou não?

Esposado

Não, sim, sim, não, não, sim...

Manoel do Portêllo

Este diabo está a fazer-se maluco!... se não fosse ser cousa do sr. João, tamanha lombada lhe escorregava pelas costellas...

Vigario, *vindo da capella*

Está tudo prompto; vamos, sr. Carlos d'Athayde...

Esposado

Sim, não, não, sim.

Vigario

Esta voz não é a d'elle!... Tire lá esse lenço...

Esposado

Sim, não, não, sim, sim, não.

Manoel do Portêllo

Qual não, nem sim! (*Arranca-lhe o lenço. Grito geral de surpresa. O criado ri-se*). E' o Manoel da Pitosga!

Vozes

Sem tirar nem pôr.

Criado, *rindo muito*

E' como diz. Sou o Manoel da Pitosga com a roupa de meu amo.

Vigario

Oh meu Deus! que afflicção!... que vergonha!... Que é de teu amo?

Criado

Eu sei cá d'elle!... Vestiu o meu fato, e galdiu-se...

Vigario

Que vergonha! que infamia!

Marianna, *abraçando Miquelina*

Miquelina... não sejas minha inimiga...

(As outras começam a retirar-se d'ellà com visagens de despreso).

João da Eira, *chorando*

Que grande desgraça!... o que não será fallado isto!... Rapariga! eu não te tratarei mal... O que eu tenho teu é... Terás sempre que comer ao menos... já que não tens... honra...

SCENA ULTIMA

OS MESMOS *e* CARLOS D'ATHAYDE,
com trajo de criado

Carlos, *abraçando Marianna*

Tem honra, sim, senhores, que é minha mulher. (*Grito de surpresa*).

Marianna

O' meu Carlos! filho do meu coração!

João da Eira, *abraçando-o*

Eu sempre disse que vossemecê era homem de palavra.

Vigario

Depois de dar graças a Deus, por me livrar de tamanha vergonha, dar-lhe-hei um abraço, sr. Carlos. (*Entra na capella*).

Carlos

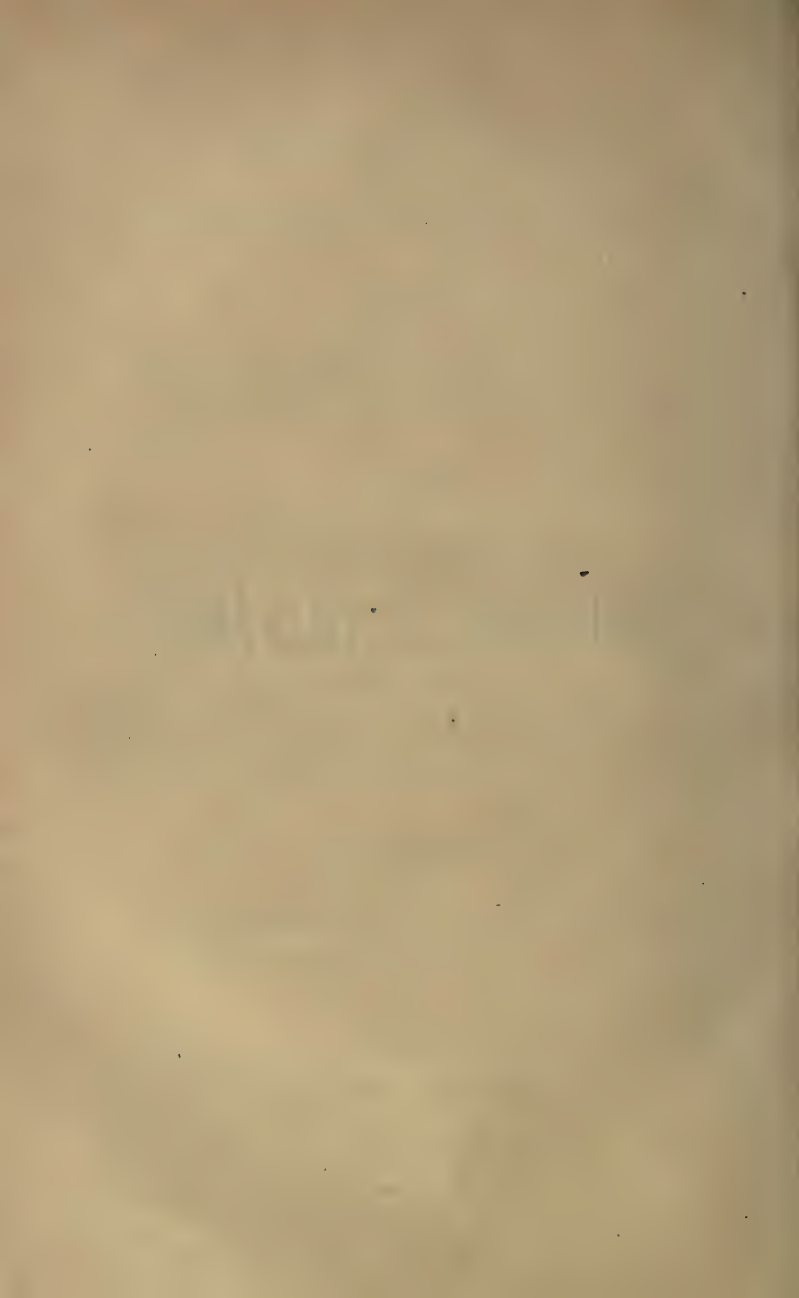
Meus amigos! nunca me lembrei que o sentimento da compaixão me obrigaria a casar. Era preciso acabar com isto. Primeiro fui lubis-homem, depois alma penada, depois Manoel Pitosga e resta-me ser *homem casado*. O homem casado tem maior fadario a cumprir que o lubis-homem; anda mais sombrio que uma alma penada; torna-se mais aparvalhado que um Manoel Pitosga... Está dito; quero reunir tudo—vou casar comtigo!

João da Eira

E viva quem tem *carátele!* A minha Maria ha de ficar espantadinha quando nos lá vir... Eu vos abençôo.

(Dirigem-se para a capella, e corre o panno com grande estrondo d'esturdias, que devem harmonisar no seu tanger alegre).

FIM

A MORGADINHA DE VAL-D'AMORES

ADVERTENCIA

Da parte musical d'esta comedia se encarregou o distincto maestro Francisco de Sá Noronha, quando a comedia se escreveu com destino a ser representada em Lisboa. Sendo importantissimo para o bom exito theatral o subsidio da musica n'esta composição, e sobrevindo razões que desviaram o nosso amigo Noronha de collaborar comnosco em tamanha futilidade, não pôde por isso a comedia ser submettida á opinião das platêas. Quem a lêr agora tem de benevolamente disfarçar o seu fastio de leitura de versos, feitos ou copiados das canções populares, para se cantarem. Por via de regra, taes trovas são sempre asperas ou dissaboridas na declamação, mórmente as

que formam o *Auto do nascimento do menino Jesus,* consoante elle se figura nas aldêas do Minho ainda hoje.

Com referencia á farça não temos que pedir desculpa. Seria desvanecimento irrisorio recearmos nós que a ponderosa e grave critica se descesse até coisa tão pequena.

PERSONAGENS

D. JOANNA COGOMINHO DE ENCERRABODES, morgada de Val-d'Amores, filha de
PANTALEÃO COGOMINHO DE ENCERRABODES.
FREDERICO ARTHUR DA COSTA, escrivão de Fazenda de Santo Thyrso.
COSME JORDÃO, deputado por Guimarães.
MACARIO MENDES, boticario de Santo Thyrso.
JOÃO Lopes, lacaio e confidente da morgada.
FIGURAS DO AUTO DOS TREZ REIS MAGOS.

Criados, cantadeiras, camponezes, musicos e outros personagens.

Scenas da actualidade

ACTO I

Ao fundo, portão de quinta com sua enorme pedra de armas e ameias lateraes. O restante do palco figura uma alameda e estrada.

SCENA I

FREDERICO *(só)*

(Frederico é um homem entre 28 e 33 annos que traja quinzena e calças pretas apertadissimas em corpo de extrema magreza e aprumo. O chapéo é de fórma ingleza e alto para tornar mais aguçada a figura. A cabelleira bironniana em crespas ondulações. Bigodes encerados e picantes nas guias retezadas. A luneta d'um vidro sem aro obriga-o a caretear, abrindo a bocca de esguêlha quando fixa mais attentamente a morgada. Os seus movimentos, quando lhe fôr necessario fugir, hão de ter tal velocidade que simulem o rapido perpassar d'um duende. A agilidade da rotação do pescoço deve dar-lhe o que quer que seja de authomatico e fantasmagorico).

A razão diz-me que eu estou em perigo de ser moído por estes selvagens do Minho; mas o coração, este intestino onde o amor e a coragem habitam, diz-me que não vacille. A razão argumenta-me que eu, escrivão

de fazenda no concelho de S. Thyrso, não devo arrojar as minhas desenfreadas ambições até á mão da morgadinha de Val-d'Amores; mas o coração, esta republica intima que me esbraveja no peito, impelle-me para ella, mandando-me lêr n'aquelle brazão (*apontando*) o epitaphio da fidalguia de raça, e o monumento levantado não ás tradições ineptas, mas á restauração da dignigade humana. Além d'isto, eu, homem de aspirações gigantes, eu, poeta de audacicsos raptos d'alma, eu, que junto á poesia elevada a poesia profunda, preciso de me arranjar. Sou escrivão de fazenda; mas esta posição não quadra aos meus instinctos. A's vezes como que sinto escaldarem-se-me as arterias com sangue de principe, e me quer parecer que algum de meus avós foi mais ou menos illudido por alguma das minhas avós. Reconheço, como filho d'este seculo, que a democracia matou a nobreza mascarando-se ella de fidalga; assim é; porém, ao mesmo tempo, não sei que filtros me circulam no intimo peito, quando vejo esta morgada e lhe entrevejo na fronte o sangue azul das veias. Sobre tudo, o que mais me incita a querer-lhe com a adoração dos Paulos e dos Romeus é a precisão que tenho de me arranjar.

Eu já manobrei por mares tempestuosos. Um dia consultei a minha vocação; e, como me sentisse um dos muitos desventurados que cáem n'este mundo sem vocação, fiz-me litterato. Os litteratos fazem-se a si proprios, por serem cousa que a Biblia não diz que o Creador fizesse nos sete dias de creação. Um sujeito olha para si como Deus para as trevas, e diz «*fiat lux*» faça-se o litterato; »*et lux facta est*», e o litterato fez-se. Eu prometto não dizer mais nada em latim, por que tambem não sei mais do que isto.

Feito litterato, escrevi como toda a gente que quer

escrever. Preparava-me para coordenar ama Historia Universal em 25 volumes com 26 de supplemento, quando se me offereceu um logar de noticiarista n'um diario de Lisboa. A minha reputação estava quasi estabelecida, quando a empreza me despediu por semsaborão, como se fosse obrigatorio ser engraçado no paiz mais desgraçado do mundo. Voltei o meu espirito para a historia universal, e cheguei até a procurar n'um Almanak onde era a Torre do Tombo com tenção de lá ir consultar os pergaminhos. N'este proposito estava eu, sentindo já os calores da gloria, quando me encarregaram de traduzir uma comedia franceza para o Gymnasio. Puz de parte a Historia Universal, e traduzi a comedia com um esmero indigno do resultado, porque ella foi pateada visto que tinha, segundo disseram os criticos, uns gallicismos que lhe corrompiam a virgindade elegante do texto. Ora eu então fiz-me critico, animado pela grande cópia de sandices que se escreveram contra a minha traducção. N'este modo de vida achei vantagens extraordinarias, sendo a primeira a dispensa de saber alguma coisa. Um critico, no jardim das lettras, representa uma toupeira em jardim de flôres; é temivel porque remexe e estraga tudo; levanta impólas de terra, e suja quando não desvasta a mimosa vegetação. Eu fiz destroços grandes e escalavrei muitas raputações litterarias, já por amor da arte, já por amor do estomago, esta coisa onde um homem de genio não póde crear a luz, porque isto aqui *(indicando o estomago)* é um abysmo que só recebe a luz pela bocca. Mas afinal, as obras litterarias que appareciam eram já de natureza que o arpéo da critica não lhes ferrava a unha. Entreguei-me ao genero chamado *reclame,* e comecei a chamar a attenção do paiz para toda a coisa impressa, poema ou

tragedia, romance ou farça. Este officio, posto que o mais aviltante da vida d'um escriptor, é o mais lucrativo no mundo patarata, em que eu me atasquei. A consciencia pesava-me pouco, se o estomago sahia pesado de casa do emprezario do theatro ou do editor do romance. Afoguei muitos escrupulos em sôpa de camarão. Mas o sangue de principe, este não sei quê que me faz cócegas nos miolos, mostrou-me a indignidade da minha missão na terra, e desde logo atirei um vôo atrevido ás regiões aquilinas da politica. Estudei trez dias as questões de fazenda em Portugal, e entendi-as tão claramente como se fossem questões da minha fazenda. Percebi que o paiz estava como eu tal e qual: foi-me facil escrever uma serie de artigos nos quaes provava que a maneira de matar o *deficit* era... sim eu provava que a maneira de matar o *deficit*, esse cancro roedor das entranhas do meu paiz, era... sim eu provava... não me lembra agora o que provei... o certo é que me despacharam escrivão de fazenda de Santo Thyrso, provavelmente para matar o *deficit*. Eis que chego, e vejo a Morgadinha... *(Ouvem-se os tamborileiros)*. Não convem que estes barbaros me vejam parado em frente do portão da mulher amada... *(Sahe)*

SCENA II

PANTALEÃO, *dois* CRIADOS, *e os* TAMBORILEIROS

Entram ao terreiro e param tocando em frente da porta trez tamborileiros, um de bombo, e os outros com caixas de rufo. Pouco depois abre-se a porta, e sahe Pantaleão, com dois criados de lavoura, um dos quaes distribue canecas de vinho, que despeja d'um pichel vermelho, pelos tamborileiros, que se descobrem.

1.º Tamborileiro, *o do Zabumha*

Biba o incelentissimo morgado a mai'la snr.ª morgadinha!

Os trez

Biba por muitos annos, biba!

Pantaleão

Olé! rapazes! Com que vossês já se vão chegando ao arraial?...

1.º Tamborileiro

O' promeiro, vamos tocar ós mordomos do Snr. San Joon, que tem festa d'arromba este anno; e ós despois lá bamos pr'ó arraial com Deus. (*Ouve-se ao longe a toada das cantadeiras que cantam o S. João.*

Pantaleão

Bebam; mas não se encarraspanem como no anno passado.

2.º **Tamborileiro**, *rindo alvarmente*

E' berdade, fedalgo! Aquillo é que foi perua! Indas m'alembra!

Pantaleão

Pois vê lá se arranjas outra que te faça esquecer a do anno passado.

3.º **Tamborileiro**, *bebendo*

Enton la bai á saude de Vossenhoria, a mais da snr.ª morgadinha.

1.º e 2.º Tamborileiro

A mesma.

Pantaleão

Querem mais? bebam.

1.º Tamborileiro

Non faz minga.

Pantaleão

Então, rapazes, adeus. Lá nos veremos na romaria.

Os tres tamborileiros

Biba o fedalgo, e mai la obrigaçon. (*Sahe rufando estrondosamente: cessa o estrondo pouco depois*).

SCENA III

PANTALEÃO *e dois* CRIADOS, *que pousam as vasilhas*

Pantaleão

Ora venham cá vossês, tomem tino no que eu vou dizer, e abram-me esses olhos. Vossês tem obrigação de zelar a honra d'esta casa, por que nasceram n'ella, cá se crearam, e cá hão de morrer, se me servirem bem. Aquillo que souberem a respeito do que vou perguntar hão de dizer-m'o. Aqui quem governa sou eu, percebem? Vossês tem visto de noite alguma vez por debaixo das janellas d'esta casa o escrivão de fazenda? um homem muito magro que cá vinha d'antes?

1.º Criado

Bem sei quem é o escribon das fazendas de Santo Thyrso... Olhe, fedalgo, eu jurar non juro que era elle; mas aqui atraz ha tres noutes, vinha eu de regar a cortinha das Chans, e ao sahir da carbalheira, rebentando sobre a direita, vi uma coisa a escoar-se por por entre os carbalhos que parecia um abentesma...

2.º Criado

Eu tambem já bi esse abentesma, salbo seja, ahi ós pois da mêa noute; mas aquillo, meu amo, non podia ser o escribon das fazendas por que Vossenhoria faça de conta que elle por este caminho alem lebaba-se assim têzo e hirtego que não bolia c'os pezes. Havéra de ser o mesmo que tu enxergaste, Antonho!

Pantaleão

Pois creiam vossês que não era outro senão o escrivão de fazenda. N'estes arredores não ha homem d'aquelle feitio senão elle... Sabem o que eu quero, rapazes? é que lhe dêem uma boa sova de estadulho.

1.º Criado

Só se for a tiro; que non ha home que o pilhe na carreira.

2.º Criado

E p'ra lh'acertar c'uma bala faz minga saber atirar ás lebres. (*Ouvem-se risadas de mulheres já perto*).

Pantaleão

Por ora, nada de tiros; o que mando é que lhe arrumem quatro bordoadas, sem lhe dizer isto nem aquillo. Vossês zupem-lhe e escamem-se, que eu com a justiça não quero testilhas; mas não lhe batam, sem o apa-

nharem cá á volta da casa... Vamos conversar aqui p'ra carvalheira que vem ahi as raparigas da freguezia. *(Sahem pela esquerda).*

SCENA IV

(Rancho de raparigas vestidas de saias de chita com muita roda de saias e saiotes, capotilhas encarnadas, chinela e meia branca, acompanhadas d'um tocador de rebeca e outro de violão, que lhes acompanham as cantigas. Entram pulando alegremente, e pucham por a estridula sineta do portão).

O rabequista

Biba a snr.ª morgadinha de Val-d'Amores!

Todos

Bibi! Biba! (*Cantam o S. João*).

COPLAS

Son Joon adromeceu
Nas escadas do collejo;
Deron nas frêras co'elle,
Son Joon tem porbolejo.
Que é aquillo, que é aquillo, que é aquillo?
Soon Joon a caçar um grilo.

O' meu son Joon da Ponte
O' meu bello patusquinho,
Dá nos anno de bon pon,
Dá-nos anno de bom binho.
Non é nada, non é nada, non é nada,
Son Joon a comer pescada.

(Abre-se o portão de par em par. Sahe a Morgadinha, trajada com luxo, mas fóra da moda. Vestido de ancas exaggeradas, cabello á Stuart, e um grosso grilhão ao peito. Segue-a um criado velho, de niza, com uma cadeira de braços á cabeça, e uma pichorra e caneca na mão).

SCENA V

MORGADINHA, JOÃO LOPES, *e as* CANTADEIRAS

Vozes

Biba a snr.ª morgadinha! Biba! Biba!

Morgadinha, *sentando-se na cadeira*

Adeus, raparigas. Como estás tu, Maria do Quinchoso! e tu, Benta do Cazal? Olha a Marianna da Egreja como está gorda com o casamento! O' João Lopes, dá vinho a essa raparigada toda.

Uma das moças

Vossenhoria bai ao arraial?

Morgadinha

Podéra não! Já estou preparada, e vou assim que a tarde refrescar, que quero ver o fogo preso.

Outra

E mai lo auto do Natal, que vem lá os d'Arnôzo co'elle.

Outra

E como a fidalga está pimponaça! Parece mêmo a Madanela da porcisson de Passos!

Outra

Benza-a Deus, que palminho de cara assim não se topa outro no mundo! Faz agora um anno que os cassacas do Porto andabon todos enbeiçados atraz da snr.ª morgadinha no arraial; e enton aquelle goberno que está em S. Thirso esse é que andava mêmo azoratado!

Morgadinha, *rindo*

Qual governo?!

A mesma

Aquelle que lhe chamon o das fazendas, ou non sei que deanho...

Morgadinha

Ah!... (*suspirando*) Já sei...

O do violão

Má rais o parton, que me mandou citar indas hontem!

O rabequista

Eu onde le poder ser bon heide medirle o costado de pá a pá c'um fueiro...

Morgadinha

Ora não sejas bruto, José da Eira! Elle faz a sua obrigação; faz tu a tua que é pagar o que deves ao rei.

O mesmo

Ao rei! Bem me fio eu n'isso... Enton a fidalga pensa que o rei aveza uma de X do dinheiro que nós demos!! Pois non avezastes! Os governos de S. Thirso repartem uns c'os outros no fim do anno o dinheiro que don os lavradores.

O outro

E' como diz.

Morgadinha

Sois uns selvagens. Deixemo'-nos de tolices. Cantem lá alguma coisa vossês.

Uma das moças

Quer a *Marianinha,* fedalga?

Morgadinha

Pois sim; cantem lá a *Marianinha.*

COPLAS

(Tudo mulheres)

Uma voz

Já fui canario do rei,
Já lhe fugi da gaiola.

Côro

Sim, sim, eu vou lá
O' Marianinha,
Sim, sim, eu lá vou
O' pequerruchinha.

Uma voz

Agora sou pintassilgo
Destas meninas d'agora.

Côro

Sim, sim, eu vou lá, etc.

Uma voz

Pintassilgo está no bosque,
A andorinha no telhado,

Côro

Sim, sim, etc.

Uma voz

Só eu não sei onde estou,
Quando não estou ao teu lado.

Côro

Sim, sim, etc.

Voz

A andorinha quando chove
Vai metter-se á escuridon

Coro

Sim, sim, etc.

Voz

E eu quando o norte é rijo
Metto-me ó teu coraçon.

Coro

Sim, sim, etc.

Todos

Biba a snr.ª Morgadinha! Biba!

Morgadinha

Então vossês vão já para a romaria?

Uma d'ellas

Ainda bamos buscar as cazeiras de Vossenhoria que estão á espera de nós, e ós pois voltemos por qui.

Morgadinha

Pois vão, e voltem. (*Sahem cantando o S. João. A morgadinha fica pensativa e melancolica, encostando o rosto á mão, em quanto se ouve e se vai perdendo a toada da cantiga*).

SCENA VI

MORGADINHA *e* JOÃO LOPES

Morgadinha

Como estes brutos são felizes!... E eu sempre apoquentada por causa d'este coração! Ai! eu antes de sa-

ber o que era amor tambem cantava... Lembras-te, ó João Lopes?

João Lopes

Ora se lembro! E cantava que nem uma calhandra a fidalga!

Morgadinha

Olha se te lembras, João! Eu ia ás espadeladas, ás descamisadas, ás malhas, brincava, saltava...

João Lopes

Até dançava a cana verde, e a chula que era um gosto vêl-a!. . E quando a menina quiz que eu lhe ensinasse a jogar o páo...

Morgadinha, *com alegria*

E' verdade...

João Lopes

E o caso é que vosselencia ahi com duas duzias de lições já me chegava com o páo.

Morgadinha, *erguendo-se enthusiasmada*

E d'aquella vez que eu me vesti de rapaz, e puz fóra da eira do Manoel Tamanqueiro, com quatro partidas de páo, mais de seis mascarados que lá andavam a beliscar as minhas cazeiras!

João Lopes

Por signal que a menina deu uma tapôna no Zé Torto, que ficou tôrto de todo... O' fidalga, vosselencia hoje já não era capaz de romper ahi com um marmeleiro p'ra frente d'um homem qualquer!...

Morgadinha

Estás enganado... se me chegassem a mostarda ao nariz... Mas, ai!... *(Torna a sentar-se triste)*. A minha alegria foi-se desde que eu soube o que era amor!... Olha lá, João... não o viste hoje? não viste o meu amado Frederico?

João Lopes

Falle baixinho, menina. Olhe que o snr. morgado ainda ha todonada me esteve dizendo que desconfia que elle anda por aqui de noute. A fidalga acautele-o; que não vão os criados chegar-lhe ao fôrro da camisa...

Morgadinha, *erguendo-se colerica*

Façam isso, que os esgano! Que lhe ponham um dêdo, e verão quem é a morgada de Val-d'Amores!

João Lopes

Não grite assim, que seu pai, se a ouve, quem as paga sou eu. A fallar a verdade, eu não desgosto do snr. Frederico; mas, em fim, esta aquella de ser escrivão, é ruim modo de vida para poder casar com a snr.ª morgadinha...

Morgadinha

Isso que tem!? Todos somos eguaes; e o coração, quando ama, não quer saber de contos. Uma pessoa não está lá a averiguar se o objecto amado é fidalgo ou plebeu. Tem se visto rainhas casarem com pastores, e casarem reis com pastoras.

João Lopes

Cá no concelho de Santo Thirso não me consta, hade perdoar.

Morgadinha

Mas lá por esse mundo fóra acontece isso a cada passo. Tu é porque não lês os livros das historias. Eu te lerei casos que aconteceram... E então que tinha que eu casasse com um escrivão?

João Lopes

Em fim, em fim, o paisinho da fidalga foi capitão-mór, seu avô foi desembargador, e seu bisavô foi sargento-mór de batalha no Roussilhon...

Morgadinha

Vai dizendo até chegar a Adão e Eva, vai dizendo, e eu depois te direi de quem eu e mais tu somos netos.

João Lopes

Isso assim é, não ha duvida; mas, diz lá o ditado, lé como lé, e cré com cré.

Morgadinha

Não quero saber de ditados! *(Com força)* Este amor só m'o ha de arrancar do peito a morte!

João Lopes, *apontando para o brazão*

Fidalga, ponha os olhos nas armas reaes dos seus antepassados.

Morgadinha

Ora! não tenho mais que fazer... Cuidas que eu não sei que meu avô casou com uma criada? Mostra-me onde estão alli as armas da criada. Bem se importou elle das armas, nem do brezabu que as leve! E' o que faltava... estar-me eu aqui a definhar p'ra'mor da pedra! As armas são de pedra, e eu sou de carne e osso, ouviste?

João Lopes

A fidalga responde a tudo, e não ha remedio senão callar-se um homem, que a trouxe nos braços desde os tres annos, e sou capaz de me metter no inferno vestido e calçado por causa da minha menina. (*Sensibilisa-se*).

Morgadinha

Sei o que tenho em ti, meu João Lopes... Vais tu ahi ao cimo do pinhal a vêr se o vês pela estrada?... Elle disse-me que havia de passar para a romaria ás

seis da tarde. Se o encontrares, diz-lhe que o meu pai se está a vestir para ir tambem, e que elle póde demorar-se a conversar comigo um bocadinho.

João Lopes

Vou vêr se o avisto; mas, menina do meu coração, olhe que seu pai anda á espreita e traz espias... Nós temos grande desgraça pela porta...

Morgadinha, *energicamente*

Não morro de mêdo, já te disse. A mulher que ama não tem medo de nada!

João Lopes

Seja assim; mas, se lhe quebram o espinhaço a elle! Coitado do homem, é tão delgadito que, se o apanha o vento d'um páo, elle vai a terra...

Morgadinha

Quem lhe ha de bater?! Cuidas que elle não anda armado? Que se atrevam sómente a ameaçal-o!...

João Lopes

Cá vou, cá vou, não se desespere. (*Sahe*).

SCENA VII

Morgadinha, *sentando-se quebrantada e triste*

Ai! quem me dera casar!... quem me dera casar com Frederico Arthur!.. (*Musica de surdina*). Como eu gosto d'elle! Ha mais de dous annos que este meu coração padece! Não ha noite em que eu não sonhe duas vezes com a sua imagem... Quando acordo, e o não vejo, a minha vontade é chorar, chorar, chorar! Perdi a vontade de comer! Tudo me faz fastio. Os cirurgiões mandam-me tomar aguas ferreas!... e só eu sei o que tenho! O meu mal é aqui! .. (*a mão sobre o coração*). Oh ceus! quanto eu sou desgraçada sem o meu Frederico! (*Ergue-se e falla com muito sentimento. Musica plangente*). Quando eu o vi, pela primeira vez, foi na hospedaria das Caldas de Vizella, onde meu pai tratava do seu rheumatico. Estavamos a jantar quando elle entrou, e meu pai offereceu-lhe frango com ervilhas. Elle agradeceu, mas não comeu, dizendo que o seu jantar era um ôvo quente. E d'ahi a pouco trouxeram-lhe um ôvo quente n'uma tigella; e elle comeu o ôvo, bebeu um copo d'agua fresca, e disse que tinha jantado. Como eu fiquei triste e pensativa a olhar para elle, e elle para mim! Perguntei-lhe, sem o pai ouvir, se podia viver só com um ôvo, e elle respondeu que a sua alma se sustentava com a esperança de ser amado por mim .. e com tres óvos por dia. Oh! que lem-

branças estas, que lembranças estas! (*Chora*) E vai depois, disse-lhe eu: «O senhor está assim magro porque come muito pouquinho; se gosta d'ovos, coma uma duzia d'elles de cada vez»; e elle pregou-me os seus lindos olhos, e respondeu a suspirar: «Que me importa o corpo? a mim o que me importa é o coração que é grande; e se o corpo é magro, mais depressa me reduzirei a cinzas se v. exc.ª me desprezar». Isto fez-me no peito móssa! fiquei presa d'este dito; senti por aqui acima uma fogueira que me pôz a cara em brazas vivas, e não lhe disse coisa de geito porque fiquei um pedaço intallada. Depois, ao despedirmo-nos, com muita vergonha, sempre pude dizer-lhe: «amo-vos, meu bem!» Ora aqui está como começou isto. Desde então para cá apenas lhe tenho fallado umas tres duzias de vezes da janella para o caminho... Sinto-me muito acabada; e, se isto assim dura, não vou longe. Elle tambem está no osso, o meu pobre Frederico!... Antes de começar estes amores, eu pezava cinco arrobas e seis arrateis pela medida antiga; pois aqui ha oito dias pezei-me de novo, e tinha minguado duas arrobas. Assim não podemos viver, nem eu nem elle. (*Com força, que a musica imita*). E' preciso acabar com isto d'uma maneira ou d'outra. Se meu pai quer, quer; se não quer, quero eu. Uma mulher não póde ser escrava da sua fidalguia. Antes quero ser esposa d'um escrivão, e viver contente, que ser a morgadinha de Val-d'Amores, e estár-me aqui a pôr na espinha. (*Ouve-se rumor de vozes fóra*). E' o meu pai!... (*Senta-se*). Vem-me empatar as vazas...

SCENA VIII

PANTALEÃO, MACARIO *e a* MORGADINHA

(*Macario é um sujeito de oculos e casaca de briche, já de annos, e ar circumspecto*)

Pantaleão, *áparte ao boticario*

Veja lá como lhe falla... Olhe que ella é finoria... (*Á filha*) Cá me vou preparar, Joaninha. Aqui te deixo o snr. Macario para não ficares sósinha. (*Sahe*).

SCENA IX

MACARIO *e a* MORGADINHA

Macario

Tenha v. exc.ª muito boas tardes.

Morgadinha, *enfastiada*

Viva, snr. Macario, as mesmas.

Macario

Tem-lhe passado o fastio? Aquelle emplasto confortativo que eu lhe mandei fez-lhe bem?

Morgadinha

Não o puz: cheirava a pez.

Macario

De pez de vergonha era; fui eu mesmo que o manipulei... Então, a snr.ª morgadinha vae ao arraial?

Morgadinha

Vou.

Macario

Faz muito bem; que lá ha de encontrar pessoa que muito interessa a v. exc.ª... enganei-me... pessoa que muito se interessa em vêr v. exc.ª, queria eu dizer.

Morgadinha

Como é isso? não percebi.

Macario

Eu me vou explicar. Eu cheguei hontem de Guimarães, onde estive com o snr. deputado Cosme Jordão, um sabio que tem votado grandes fallas no parlamento... Ha de ter ouvido fallar v. exc.ª...

Morgadinha

Não sei nada de parlamentos, não leio periodicos.

Macario

Pois, minha senhora, o doutor Cosme Jordão é um sujeito conhecido em todo o mundo, e lá na côrte até vae ao palacio do rei e come lá...

Morgadinha

Deixal-o comer, que tenho eu com isso?

Macario, *á parte*

Não faço nada! está hoje levadinha dos diabos.

Morgadinha

Vamos, diga lá, snr. Macario.

Macario

Pois este deputado vae hoje á romaria do S. João.

Morgadinha

Deixal-o ir; que se divirta. Então é esse o homem que me quer vêr?

Macario

Eu me explico. O snr. deputado Cosme diz que vira v. exc.ª...

Morgadinha

Ainda bem; é signal que não é cego. E que mais?

Macario

E que ficou muito agradado de v. exc.ª...

Morgadinha

Pois tem máo gosto e perde o tempo. Que mais?

Macario

V. exc.ª, se o vir, não ha de fallar assim. E' ainda homem de boa edade, cheio de corpo, com uns oculos que lhe dão muito respeito á cara...

Morgadinha

Ora! oculos de respeito! que me importa cá a mim os oculos do homem? sabe que mais, snr. Macario? (*Põe-se a bambear uma perna sobre a outra, e a trautear o «Pretinho que vem d'Angola»*).

Macario

Finalmente, snr.ª morgadinha, como v. exc.ª quizer; mas lembre-se de que seu pae deve á fazenda nacional uns seis contos de réis, e que o snr. doutor Cosme, casando n'esta casa, ha de fazer com que seu pae não pague nada, e mesmo no futuro lhe não lancem impostos.

Morgadinha

Não me seque, snr. Macario. Vocemecê queria que meu pae pagasse commigo ao tal Cosme o que deve á

fazenda? Pois que pague com o que é d'elle, e que me deixe com menos dote. Tenho dito, e deixemo-nos de lerias. Metta-se lá na sua botica e não se faça casamenteiro. Vá fazer charopes.

Macario, *á parte, retirando-se*

Apre com a cabra!

Morgadinha

Que tal está o sacripanta!

SCENA X

JOÃO LOPES, *espreitando a* MORGADINHA, *e depois* FREDERICO

João Lopes

Psiu, psiu!

Morgadinha, *sobresaltada*

Viste-o?

João Lopes

Elle ahi vem... Eu vou espreitar, e assim que eu tossir que fuja para a carvalheira.

Frederico

Anjo! milagre de belleza, Joanna querida, não sentes n'estas mãos o vibrar da alma ?

Morgadinha, *muito terna*

Como estás tu ? passaste bem desd'hontem ?

Frederico

Pergunta ao lirio do valle o que lhe pende a fronte quando o orvalho do céo lhe não esfria os queimores do sol estivo.

Morgadinha

Olha lá, Frederico, tenho a avisar-te, antes de mais nada, que é preciso andares prevenido...

Frederico

Temos sicarios? Ha aqui vampírcs? A vindicta paterna tem sêde do meu sangue? Eis aqui o peito. Que m'o farpem, que m'o fendam, que m'o alanceem, que m'o lancetem. Tudo por ti, tudo por ti, ó estrella, ó loira visão dos meus sonhos! (*Rumor fóra*).

Morgadinha

Foge... esconde-te entre as arvores... (*Frederico sóme-se*).

SCENA XI

MORGADINHA, *os dois* CAMPONIOS *que vão passando e depois* FREDERICO

(*Um camponio tange flautim e outro viola. Duas moças á frente batendo palmas ao compasso do canto, e saltando*).

Um camponio, *cantando*

Muito bem seja apparecido
Seja apparecido
N'esta funcção. (Batendo palmas).

Côro

Bate as palmas co' seu pexinho
Co' seu pexinho
Co' seu pexão. (Repete).

(*Assim que elles passam, a Morgadinha sahe do portão, e logo Frederico do esconderijo*).

Frederico

Mas dizias tu, pomba?

Morgadinha

Que te acautelasses dos meus creados quando vens de noute. Deves vir bem armado.

Frederico

Armado! para quê? Tu não sabes que o teu amor é talisman que prostra gigantes! As minhas armas são os raios de fogo que bebo de teus olhos; tenho vesuvios na alma capazes de abrazar cidades!

Morgadinha

Isto não é chalaça, meu amado Frederico! Peço-te que tenhas cuidado, muito cuidado. Se eu podesse estar sempre ao teu lado, não temeria ninguem... Tu verias o que é a morgada de Val-d'Amores... Mas eu não sei como isto hade ser... Bem sabes que meu pae tem a mania de fidalgo...

Frederico, *interrompendo-a com exaltação*

Fidalgo! que é fidalgo?! palavra obsoleta em 1871! Que é fidalgo? a sola velha e inutil d'um borzeguim do seculo XV! Oh! então é certo que teu pae ignora, que o baptismo de sangue da revolução franceza lavou todas as manchas da desigualdade entre homem e homem! Oh! a revolução! o segundo christianismo! Que é fidalgo? teu pae não sabe que aquelle brasão d'armas (*apontando*) está alli como a pedra sepulcral das cinzas feudaes! Teu pae está debaixo do sol e não sente o calor da fermentação social! Ouve o estrondear da democracia reinante, e volta a face para os phantasmas dos avoengos que se somem lá em baixo no abysmo da historia!

Morgadinha

Não sei lá d'essas historias; o que te peço é que não te exponhas a levar alguma paulada á falsa fé. Olha que os meus criados são uns patifes, e meu pae não é boa rez, quando se arrenega. Pensa no que se ha de fazer, porque elle não nos dá consentimento para nos casarmos.

Frederico

Hei de movêl-o com a eloquencia d'um homem aquecido no sol moderno. Hei de convencêl-o, enchendo-lhe o espirito de luz e o coração de ideias novas.

Morgadinha

Não te mettas n'essa asneira, que não fazes nada. (*Tem-se já ouvido toada de musica de chula, e depois a tosse rija de João Lopes. Frederico some-se sem ser preciso mandal-o. A morgadinha fica*).

SCENA XII

MORGADINHA

(*Chega uma chulata que vae de passagem para a Romaria. Bando de raparigas que precedem, bailando; tocadores de rebeca, viola, clarinete, ferrinhos e requinta. A esturdia pára defronte da morgadinha, e continúa dançando cada rapariga com seu parceiro*).

COPLAS DE DESAFIO

(*Em quanto o cantador deita a cantiga, tange sómente a viola. Entre os dois primeiros versos e os dois ultimos de cada quadra ha um espaço que dá logar a que toquem por alguns segundos todos os instrumentos*).

Cantador

Agora que eu vou passando,
Faço aqui minha parada;
Para saber da saude
Da incelentissima morgada.

Cantadeira

Da incelentissima morgada
Tambem eu quero saber,
Que mais linda creatura
Não póde o mundo ter.

Cantador

Não na póde o mundo ter
Nem terá até ao fim;
Os seus olhos são d'amóras,
Os seus dentes de marfim.

Cantadeira

Se tem dentes de marfim,
O seu rosto é uma rosa;
E viva sua incelencia
Que não na ha mais fermosa.

Cantador

Quero dar a despedida
A' senhora Morgadinha;
Que não ha por estás terras
Mais bonita fidalguinha.

Cantadeira

Eu tamem vou espedir-me,
Despedida quero dar;
Adeus, senhora morgada,
Sirva-se de perdoar.

(*A morgadinha agradece lhes com um acêno de lenço. O bando sahe tocando e dançando. Assim que o descante se ouve froixamente, volta Frederico*).

SCENA XIII

MORGADINHA *e* FREDERICO

Frederico

Tenho odio a estes selvagens que me roubaram horas de vida! Quando sahirão os lôrpas da face da terra?

Morgadinha

E' verdade, Frederico! Trouxeste-me os figurinos?

Frederico

Eil-os chegados hoje de Lisboa.

Morgadinha, *examinando-os*

Ai! que demonio de mulheres! Pois ellas trazem estes vestidos assim incozipados nas pernas!?

Frederico

Oh! isto é a elegancia circassiana! é a fórma na sua diafeneidade sublime; ha aqui a poesia do fino, a mulher parece toda nervosa, é o lyrismo da plastica...

Morgadinha, *rindo*

Se eu te percebo, cebo! Boa cataplasma me parece este molho de clinas e sacarrolhas que ellas tem na cabeça.

Frederico

Não blasfemes! O' Joaninha, veste-te assim; realça, sobredoura a tua belleza com estes adornos que angelisam a mulher de compleição robusta, e transformam a mimosa em cousa ideal vestida de vapores. A mulher assim involta em roupagens etherias é um madrigal de setim que cahiu das lyras dos anjos.

Morgadinha

Pois sim, faço-te a vontade. Vou mandar comprar no Porto esta trapalhice toda...

SCENA XIV

OS MESMOS *e* PANTALEÃO

(*Abre-se o portão repentinamente e apparece subito Pantaleão. Frederico ainda faz um impeto de fuga, mas contem-se, e corteja mui urbanamente o fidalgo*).

Frederico

Passava para a romaria, e, como visse s. exc.ª, (*indicando a morgadinha*) vim depôr a seus pés os meus respeitosos cumprimentos, e informar-me da saude de v. exc.ª.

Pantaleão

Estou bom, muito obrigado. Onde está o João Lopes?

Morgadinha

Foi apparelhar a burra.

Pantaleão

Vae tu preparar-te, que são horas.

Morgadinha

Quer vêr como agora são as modas, papá? olhe. O snr. Frederico vae levar estes figurinos ás nossas primas de Ruivães.

Pantaleão

Pois faz-me o snr. muito favor se me cá não trouxer bonecos a casa. Nós cá não somos de modas.

Frederico

Direi a v. exc.ª, ser. morgado, que as modas tem certa relação com o espirito das gerações e das épocas. Agora que o entendimento humano se adelgaça, o involucro material tambem se subtiliza nas raças finas...

Pantaleão, *medindo-o d'alto a baixo com ironia*

Bem se vê que o snr. escrivão é d'uma raça muito fina... pelo muito adelgaçado que está...

Frederico

Não me jacto de prosapia heraldica; mas, na jerarchia dos espiritos, preso-me de pertencer ao bando mais illuminado. Respeito muito o brazão; mas curvo-me diante da aristocracia do genio e do talento.

Pantaleão

Sim, o snr. tem muito talento, bem sei... Já te disse, Joanna, que te vás arranjar.

Morgadinha

Adeus, snr. Frederico, muito obrigada. (*Sahe*).

SCENA XV

PANTALEÃO *e* FREDERICO

Frederico

Criado de v. exc.ª. (*Vae a sahir; mas Pantaleão detem-o*).

Pantaleão

Faça favor.

Frederico

Escuto as suas ordens.

Pantaleão

O senhor anda muito mal encaminhado. Minha filha é a morgada de Val-d'Amores; o senhor é o escrivão de fazenda de Santo Thirso. Estão um do outro tão longe como aquella pedra d'armas do rebôlo d'um sapateiro, entendeu?

Frederico

Entendi, que v. exc.ª tem um estylo bastante chato. Entendi, posto que v. exc.ª falle uma lingoagem assás gothica em pleno seculo XIX.

Pantaleão

Pois se entendeu, tire o seu atrevido pensamento de minha filha, e procure a fôrma do seu pé. Não me obri gue a usar dos usos e costumes dos meus avós. Quer que lh'os diga?

Frederico

Heroismos dos seus ascendentes? Essas Odissêas da aldêa são hoje impraticaveis. Eu sei em que tempos vivemos, snr. morgado.

Pantaleão

Sabe? pois olhe que não sabe em que terra vive. O senhor veio lá de Lisboa, onde qualquer bigorrilhas, que põe gravata, entende que é egual a todo o homem que põe gravata; o que o bigorrilhas não quer é ser egual a todo o homem que não tem gravata.

Frederico

Ahi ha certa sublimidade de idêa, de que lhe dou os parabens. V. Exc.ª ia quasi escrevendo d'um traço a historia philosophica da democracia moderna.

Pantaleão

Eu não escrevo historia nenhuma; o que eu lhe digo é que isto cá nas montanhas é outra cousa. Os morgados são morgados; os escrivães são escrivães; e os sapateiros são sapateiros. Ora, quando acontece alguem

querer sahir da sua classe, primeiro avisa-se; depois quebram-se-lhe as costellas. O senhor sabia isto?

Frederico

Eu não sabia que estava na Cafrária. Cuidei que este concelho era um retalho do Portugal civilisado; cuidei que a luz do grande fóco radiara uma flecha de luz até ao coração de v. exc.ª, que me parece ser uma pessoa de bons costumes, e não um esquimó. Cuidei finalmente que o Evangelho e a Carta Constitucional livellavam a dignidade humana... (*Ouve-se o cantar das raparigas, que se avisinha*).

Pantaleão

Enganou-se comigo. Eu sou Pantaleão Cogominho de Encerrabódes, décimo oitavo senhor do morgadio de Val-d'Amores. Quem houver de casar com minha filha ha de poder deixar apellidos nobres ao vigesimo senhor d'esta casa. Tenho dito, e acabou-se o cavaco. Saude e juizo. (*Volta-lhe as costas. Frederico bambôa a cabeça altivamente e retira-se*).

SCENA XVI

MORGADINHA, PANTALEÃO,
e o bando das moças e tocadores que appareceram na terceira scena

(*A Morgadinha sahe sentada sobre a jumenta. Vem vestida de Amazôna. João Lopes, de farda azul, com*

vivos vermelhos, bota de orelha e prateleira, colete encarnado, e chapéo embreado, tudo á antiga e grutesco, vem trazendo a burra pela rédea. As raparigas estão cantando as seguintes):

COPLAS

Uma voz

D'onde vens ó velha?
Eu venho da feira.

Coro

Que trazes na cesta?
Crá, crá, crá,
Sardinha vareira,
Cri, cri, cri,
Por a retangueira;
Cró, cró, cró,
Se o galo cantou.

Uma voz

Se o galo cantou
Deixal-o cantar.

Coro

Minha rica prenda
Crá, crá, crá,
Lá da beira mar
Cri, cri, cri,

Pela retangueira,
  Cró, cró, cró,
Se o galo cantou.

Uma voz

D'onde vens ó velha?
Eu venho d'ali.

Coro

Que trazes na cesta?
  Crá, crá, crá,
Que te importa a ti,
  Cri, cri, cri,
Pela retangueira,
  Cró, cró, cró,
Se o galo cantou.

(*Continúa o canto ao descer do panno*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

Vista de arraial. E' noute. Festões de lampadas de papel variegado pendem dos ramalhos das arvores. Mulheres a frigir, ao lado das pipas cobertas de ramos de folhagem. Barracas com botequins. Multidão de povo a beber á volta das pipas. Sinos repicando, e estouros de foguetes. D'ambos os lados da scena, mas fóra, se canta o «S. João» com vozes alternadas. Frederico passeia por entre o povo, mirando as raparigas. Os dois já conhecidos criados de Pantaleão, com as pernas encruzadas nos varapáos, medem d'alto a baixo Frederico, e rompem a jogal-os um com outro. Frederico, por uma das suas evoluções maravilhosas de rapidez, desapparece. O povo ri-se, e elle reapparece logo, seguido por trez cabos armados. Os cabos usam bonet com debrum azul. Cessam as cantilenas, e rompe a banda musical de Santo Thyrso, estrondosa em trompões, a qual entra em scena tocando uma marcha. Os musicos uniformes, de calça branca, casaco azul com vivos amarellos, o bonet avivado da mesma côr. As figuras podem caracterisar-se caprichosamente. Em seguida, entra a Morgadinha, com o pae, Macario, Cosme Giraldes, e João Lopes. Cosme Giraldes é um sugeito gordo, aspeito sério, com os seus oculos, um todo de summa gravidade. Os circumstantes cedem o logar aos recem-chegados, que formam grupos.

SCENA I

TODOS OS DESCRIPTOS *(grupo de Morgadinha e Cosme Giraldes)*

Cosme, *com gesto de orador e com grandes pausas, á Morgadinha*

A festa animou-se com a auspiciosa chegada de v. exc.ª. O sol do empyreo e uma senhora bella, que é o sol dos corações sensiveis, onde brilham, tudo reanimam. Assaz ditoso me julgo em ser o mais feliz dos mortaes que se sentem influenciados e enthusiasmados pelos lumes encantadores de v. exc.ª. Falta, todavia, á minha completa dita a certeza de que os meus affectuosos requebros acham graça nos seus olhos.

Morgadinha, *com desdem*

Eu não lhe acho graça nenhuma.

Cosme

Como assim, divina ingrata?

Morgadinha

Já disse ao boticario o que tinha a dizer.

Cosme

Pois o seu coração...

Morgadinha

Está dado. Eu cá sou franca. Não perca tempo.

Cosme

Não ha duvida que ouvi dizer que v. exc.ª, victima d'uma allucinação, acceitava a côrte d'um esgrouvinhado arcaboiço que exerce as ladras funcções de escrivão da fazenda! Hei de eu, ó ceus! acreditar que...

Morgadinha

Sim, senhor, acredite e faça favor de me não incommodar, que eu vim á romaria para me divertir. (*Volta-lhe as costas*). O' papá, quando se faz o Auto do Natal? (*Ouve-se a musica tocando uma marcha*).

Pantaleão

E' já. Mandei vir as figuras para aqui. Vae começar. O' amigos, desempachem o terreiro que chêga o espectaculo. (*O povo retira e apinha-se entre scenas*).

SCENA II

OS MESMOS, *e as figuras abaixo descriptas em logar competente*

(A musica entra a passo muito cadenciado com grandes pernadas. Chegada á bocca do palco, alinha a um lado para dar o passo aos dois primeiros personagens do auto):

Scena I do Auto

ADONIS *e* MANASSÉS

(Adonis traja de principe de carnaval; Manassés veste de propheta de procissão; mas toda a fatiota é muito usada e desbotada. Adonis traz um cavaquinho).

Adonis, *com declamação muito boçal*

Canta, Manassés, que eu te acompanho; para isso com esta harpa vanho.

Manassés, *cantando com ar inspirado e gesticulando estupidamente*

O céo estrellado,
Sereno e propicio,
Será pois indicio
Do sol desejado.

Córo de pastores

(Vozes femininas dentro)

Quem o habitará?
Quem o gozará?

Manassés, *cantando*

Vêde a paz serena d'esta noute;
Nascerá a estrella de Jacó?
O gado socegado adivinha;
Não se bole no ninho a avesinha.

Côro

Quem o habitará?
Quem o gozará?

Adonis,
declamando, e passeando com grandes passos

Oh! que terno, caro Manassés, cantastes! O conceito da tua cançoneta amorosa me traz dôces lembranças. Ainda em nossos dias, veremos realisadas as porfecias? Não caibo na pelle de estifeito; dá-me pancadas o coração n'este peito! (*Frederico despede um impulso de riso. Espantam-se os circumstantes*).

Macario

O senhor está a mangar d'estes actos sérios?!

Frederico

Pois isto é sério! então não ha nada ridiculo n'este mundo senão o snr. boticario.

Macario

O senhor é muito mal criado, é um incivil, é... é... um escrivão!

Morgadinha

Snr. Macario, não esteja a interromper o auto. Deixe lá rir quem quer rir; chore vocemessê se tem vontade.

Pantaleão

Continuem lá vocês co'isso.

Scena II do Auto

Voz d'uma pastora, *cantando dentro*

O' Deus do céo, e da terra,
O' vós que podeis tanto,
Ouvide nossos clamores,
Sêde propicio, ó Deus sancto!

Coro dos pastores

Do povo amado
Mandae o desejado.

(*Os que estão no palco fazem scenas mudas de ternura muito lorpas*).

Manassés

Escuta! Não foi Ruiva, a pastôra que cantou?

Adonis

Foi. E os pastores tambem, que nenhum dorme.

Scena III do Auto

O VELHO SIMEÃO *e* RUIVA

(*O velho vestido de pelles de carneiro. Ruiva de pastorinha, com um cordeiro branco nos braços*).

Simeão, *com os olhos no firmamento*

Incelso, interno rei sobrano, que sobre os crebins tens assento, oubide os nossos lamentos.

Coro

Do povo amado,
Mandae o desejado.

Manassés

Agora creio no mysterio occulto d'esta noite. Rebella que todos os pastores tem um só pensamento.

Simeão

Vinde pastores aqui todos; n'este campo contemplaremos o silencio da noite, que o auctor d'altos mysterios annuncia.

Frederico, *escancarando a bocca*

Que semsaboria!

Macario *e* **Cosme**

Sio! (*prolongado*).

Scena IV do Auto

PASTORINHOS *e* PASTORINHAS

Ruiva, *declamando*

Aqui vimos, meus senhores,
Adorar nós o menino;
No seu sancto nascimento
Com grande contentamento.

Coro

Se o menino é nascido,
Nós o bamos précurar;
Aparcei, senhor menino,
Que vos queremos adorar

(*Sahem por diversos lados*).

Scena V dos Autos

UM REI TURCO, *e outros figurões*

Rei turco

(*Com uma cara horripilante, e trejeitos assustadores*)

Sou o turco rei, que é
Valoroso na arrogancia;
Por ser filho da fortuna
E neto da extravagancia!

(*Corre brandindo a espada d'um lado ao outro*).

De moiriscos reis nasci,
Sou seu filho alentado,
O meu braço furibundo
Deixa tudo escangalhado.

C'o esta espada sou capaz
De entrar pelo inferno dentro
E pôr tudo em mil pedaços
Que eu sou um rei sanguenolento!

(*Risada de Frederico*).

Cosme

Já é pertinacia de espirito-forte e atheu estar ahi o senhor a gargalhar em tão solemne passo!

Frederico

Solemne passo, diz o nobre deputado! chamar *solemne passo* á prostituição da arte!

Macario

O senhor é que é uma prostituição! Bem disse aqui s. ex.ª que o senhor é um atheu! um impio que zomba dos mysterios dogmaticos!

Vozes, *dentro*

Quebra-se-lhe a cabeça!—Bordoada rija!—Vamos a elle!

Morgadinha, *erguendo-se colerica*

Essa canalha que se calle! O' João Lopes, onde está o regedor?

João Lopes

Saberá v. ex.ª que o regedor tomou tamanha turca que está a cozel-a no palheiro d'um lavrador.

Cosme, *com enfaze*

Um regedor crapuloso desacredita o funccionalismo e perverte a ordem social. A auctoridade que dá o exemplo da relaxação dos costumes não póde educar as massas. E' necessario que não se desvirtue e desprestigie o o funccionalismo, com a embriaguez dos regedores. Parece que estamos chegados á desmoralisação do Baixo-Imperio!

Macario

Apoiado!

Morgadinha

Então os senhores fazem favor de deixar continuar o auto?

Pantaleão, *ao Rei turco*

O' Zé da Custodia, diz lá o que tinhas a dizer.

Rei turco

Se isto não leva rumor, acaba-se a pandega.

Frederico

Magnificamente! Está a coisa definida: isto é uma pandega, e querem os moralões que a gente se desfaça em lagrimas! Faça favor de continuar, senhor rei turco, que eu estou sério, e talvez chore.

Rei turco

Agora não sou eu que boto a falla, é o outro rei. Entra, ó Manel Zarôlho! (*Chamando para dentro*). O Manel Zarôlho é o rei christão. (*Explicando*).

Scena VI do Auto

(*Entra um Rei christão com muitos pastores e pastoras*)

Rei christão

Eu trago os meus companheiros
Fieis á minha nação,
Para te convencer, ó turco,
E para te fazer christão.

Rei turco

Para onde ides, romanos,
Que tão alegres vos vejo?

Rei christão

Festejar o menino nado
Que é todo o nosso desejo

Rei turco

Que é do passaporte?

Rei christão

Passaporte não trazemos,
Se nos não deixas passar
Para traz nós tornaremos.

Rei turco

Para traz não heisde tornar;
Que eu vou buscar algemas,
Que vos quero algemar.

Pastores e pastoras, *cantando*

Milagroso Deus menino,
Esta obra vossa é;
Ajudai-o a vencer
O turco inimigo da fé.

Rei christão

Saca lá da tua espada!

Rei turco, *arrancando para elle*

O' cão, que sova tu levas!

Scena VII do Auto

OS MESMOS *e um* ANJO, *que se mette em meio dos dois reis*

Canta:

Detem-te, barbaro turco!
Cessa a tua infeliz sorte;
Faz-te christão, que não tarda
Que te apanhe a feia morte.

Côro, *dos pastores*

Faz-te christão que não tarda
Que te apanhe a feia morte.

Rei turco, *declama*

Eu sou o rei Almeirante
Lá do reino da Turquia;
Nunca fui prezoneiro,
Só do rei da Lixandria!

O Anjo, *canta*

Detem-te barbaro turco, etc.

Côro, *dos pastores*

Faz-te christão que não tarda
Que te apanhe a feia morte.

Rei turco, *afflicto*

Que é isto? que sinto? que tenho eu aqui? (*Com a mão sobre o estomago*). Que tenho eu aqui?

Frederico

Hade ser vinho. (*A Morgadinha ri-se ás escancaras*).

Macario, *sobremodo indignado*

Não ha noticia de tamanho escandalo!... O senhor

escrivão está mostrando que é um homem de sentimentos muito herejes!...

Cosme

E eu assaz me espanto que a senhora morgadinha applauda com a sua hilaridade estas interrupções indecentes!

Rei turco, *zangado*

Eu cá é que não estou p'ra chalaças!... Passem por cá muito bem. Por aqui me esgueiro. O' rapasiada, vamos embora. Manda tocar a marcha, ó Antonho da Pêga. (*Sahe com os personagens do auto, atraz da Musica, que vae tocanho a marcha.*)

SCENA III

OS MESMOS, *excepto os personagens do auto*

(*Grande movimento e rapido. Macario gesticula com Jordão, e Pantaleão com a filha. Alguns camponios de varapáo fazem cêrco a Frederico. A morgadinha passa por meio d'elles, bamboando a cabeça e vibrando o chicotinho. Frederico passeia com os cabos. Os camponios retiram-se, relançando olhos ameaçadorcs ao escrivão*).

Morgadinha

Isto já me aborrece, papá...

Pantaleão

Vamos embora, menina?

Morgadinha

Por em quanto não: quero vêr o fôgo preso; mas vou descançar um pouquinho a casa dos caseiros.

Pantaleão

Vae, que eu vou buscar-te assim que principiar o fogo.

Morgadinha

O' João Lopes, vem comigo. (*Sahem. Frederico retira-se pelo outro lado com os cabos*).

SCENA IV

MACARIO, COSME *e* PANTALEÃO

(*Formam um grupo á parte, do povo que gira no fundo*)

Macario

O' senhor morgado, pois v. ex.ª deixa fugir esta occasião de fazer quebrar o espinhaço ao maroto?

Pantaleão

A occasião boa é; mas é que eu não quero que minha filha assista, porque ella é capaz de se metter no meio da desordem.

Cosme

Pelo que observo, esta sua filha é uma heroina grega ou romana, snr. morgado! Ella faz lembrar a Pantasilea do Virgilio, e outras façanhudas mulheres da historia antiga! Nos tempos presentes, sou a dizer a v. ex.ª que a mulher quer-se fragil, meiga e timorata; e por tanto permitta que eu censure a educação que deu a sua filha!

Pantaleão, *docil*

Que quer v. ex.ª? E' filha unica, ficou sem mãe muito cedo, e foi creada á laia de rapaz, a trepar ás arvores, a atirar aos passaros, e a jogar o páo; em fim, confesso que andei mal avisado. Eu então achava-lhe muita graça; hoje não lhe acho nenhuma; mas já não posso emendar a mão. E' tarde; minha filha tem vinte e seis annos; hade ser difficil corrigir-se, só se o casamento fizer a mudança, e espero que faça.

Cosme

Se o casamento fizer a mudança! Ora essa! Pobre marido que não tem os focinhos direitos vinte e quatro horas! Eu cá por mim, senhor morgado, confesso que tive certos intentos matrimoniaes com ella; á vista, po-

rém, das suas informações, declaro que desisto e renuncio, porque me não sinto com forças e habilidade para domesticar uma cobra-cascavel...

Pantaleão, *formalisado*

Não consinto que o snr. Cosme chame cobra á minha filha!

Cosme

Isto é uma comparação rethorica, litterariamente fallando.

Macario

E' rethorica... não se offenda v. ex.ª;... talvez ignore que a rethorica é uma sciencia que permitte, a respeito de cobras cascaveis...

Pantaleão

Não quero saber de rethoricas: exijo que a filha do Pantaleão Cogominho de Encerrabodes seja respeitada! (*Volta as costas e sahe bufando*).

SCENA V

COSME *e* MACARIO

Cosme

Isto é uma familia de hotentotes! Cheiram ao sertão estes selvagens! Do que eu me escapei! Se caio nas mãos d'estes dois barbaros da edade media! Pareçe-me uma reliquia de ostrogodos esta gente! E vocemecê, snr. Macario, a dizer-me que esta fidalga tinha uma educação fina!

Macario

Fina, não disse: hade perdoar-me, senhor doutor Cosme; eu disse-lhe que ella era finoria; de fina p'ra finoria vae differença, phisicamente fallando.

Cosme

Perdão. Vocemecê disse-me que ella tivera fina educação.

Macario

Isso então foi rethorica...

Cosme

Eu não admitto rethoricas em objecto tão sério como é o casamento! Olhem que educação fina a d'este anjo!

Trepa ás arvores, atira aos passaros, e joga o páo! Que predicados estes tão mimosos para augmentarem as graças virginaes d'uma menina! Não lhe falta senão vestir-se de homem, que é agora o trajar das senhoras innocentes das novellas e dos dramas. Uma menina que enfia os seus pezinhos n'umas botas de canhão, e rompe com elles por umas pantalonas dentro, fica a recender um aroma suave de amores que nem açafétida! E hade a gente persuadir-se que móra uma alma muito candida e muito pura dentro do peito que se albarda com um paletó de homem para arrotar francamente umas phrases de bomba real que nos fazem comichões nos miolos e arrepios na espinha! Arreda! olha o que me estava reservado para os quarenta e seis annos! Uma mulher assim paralisava-me as funcções do intellecto, e lá se me íam as minhas ovações parlamentares! Primeiro que tudo, sou do meu paiz, devo me á regeneração da minha patria, sou homem publico; e um homem publico quando se casa deve fazel-o com dama que o não impeça nem apoquente. A femea natural do homem politico é a politica; a esposa para os homens devotados aos interesses materiaes do seu circulo, significa tão sómente um supplemento vivo e util ás commodidades domesticas. Percebe vocemecê, snr. Macario?

Macario

Ora se percebo! A minha mulher cá para mim tambem é um supplemento ha muitos annos; e mais eu faço-a trabalhar na politica enchendo os bilhetes de votos na eleição. Diz v. ex.ª muito bem, que nós os homens publicos não temos tempo para cuidar de mulheres... (*Reparando em Frederico*). Ahi vem o atheu...

Cosme

Vou-me safando que não quero palestra com este safio. (*Sahe*).

SCENA VI

MACARIO *e* FREDERICO

Frederico, *encarando o outro com a costumada careta*

O douto pharmacopóla está irado contra mim por que fui causa a interromper-se o escandalo do auto...

Macario

Eu não me metto com o senhor... Tenha a bondade de não embarrar cá por mim.

Frederico

A sciencia é sempre orgulhosa. Façamos pazes e alliança, snr. Macario Mendes. Eu, com a minha sciencia das coisas espirituaes e o senhor com a sua sciencia do bazalicão e do oleo de mamona, podemos dominar este concelho, reunidas as duas forças n'uma aspiração unica. Por que me faz guerra inexoravel e crua, snr. Macario? Que lucra em impedir o meu consorcio com a Morgadinha? Por que anda o senhor servindo de alcaiote d'este alarve de Guimarães, que é o trompão

grandioso das maiores asneiras civicas assopradas na charanga parlamentar? O officio do snr. Macario, n'este negocio, desacredita um pharmaceutico, que reune ao conhecimento do gamão, sciencia não vulgar da historia dos doze Pares de França, e tem orvalhado com lagrimas os fastos sanguinosos de *Roncesvalhes*.

Macario

Vá mangar com o diabo que o leve... Eu lhe mostrarei brevemente quem é Macario Mendes... *(Sahe)*.

SCENA VII

FREDERICO, JOÃO LOPES *e cabos*

(*As cantadeiras que no fim do 1.º acto acompanharam a morgada entram a cantar a moda com que se fechou o dito acto:*)

D'onde vens, ó velha,
Eu venho da feira, etc.

(*N'um intervallo da 1.ª á 2.ª trova João Lopes acerca-se de Frederico com disfarce*)

João Lopes

Olhe, se foge, que o senhor vae levar pancada de crear bicho. Estão-se a preparar os valentões. (*Frederico*

apita rijo. Apparecem de differentes sahidas 6 cabos de policia que escutam Frederico, em quanto se repete a cantilena. Finda a cantilena, ouve-se fóra o rumor da desordem, e o estalido dos varapáos. As cantadeiras fogem alvoroçadas a dar gritos.)

SCENA VIII

FREDERICO, *cabos, um desconhecido e camponios*

Frederico, *com intimativa bellica*

Formem em linha. Carregar armas!

Um cabo

Estão carregadas.

Frederico

Vamos ser atacados pelos desordeiros. A' voz de fogo, atirem. (*Vê-se atravessar a scena por entre o povo um Desconhecido de chapéo derrubado, o rosto coberto por um lenço, de caraça, polainas de briche nas pernas e pés, com um grosso páo de choupa. Proximos de Frederico os valentões param, com os páos cruzados nas pernas, gingando em attitude ameaçadora. Frederico, não se desvia dos cabos. De repente, rompem de fóra uns poucos varrendo o campo a pauladas*).

Frederico

Cabos de policia, sentido! Preparar armas! (*Sahe perto da bocca da scena o desconhecido. Encosta-se ao páo observando os movimentos dos valentões, os quaes vem já avançando, já recuando, crescendo sobre Frederico*).

Frederico, *aos cabos*

Aperrar armas! (*Uma paulada faz saltar a clavina das mãos d'um cabo. Os outros fogem. Frederico recúa, apitando rijamente. No maior aperto, o Desconhecido salta para a beira d'elle, descobre a choupa do páo, e arremette com os aggressores. Estes, forçados pela destreza, fogem, logo que o primeiro cahe d'uma paulada. A vozeria cresce no momento em que o palco está despejado. O Desconhecido trava do braço de Frederico, e o traz á bocca da scena*).

Frederico

Quem é o valente homem a quem devo a vida?! quem é?

Morgadinha, *arrancando o lenço do rosto*

Sou eu! salvei-te, Frederico!

Frederico

O' morgadinha de Val-d'Amores! Tu!... oh! tu!... Como és ideal e angelica! (*Ajoelhando*).

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

Salão da casa de Val-d'Amores. Mobilia antiga de couro de Moscovia. Reposteiros já envelhecidos com brazões. Alguns retratos. Um piano moderno.

SCENA I

PANTALEÃO *e* MACARIO

Pantaleão

Como eu lhe vinha contando, amigo e snr. Macario Mendes, minha filha, desde que começou a vestir-se á moda, e a tocar piano, está muito distrahida do troca-tintas do escrivão. Não anda por janellas, não sahe de casa, e gasta alegremente o seu tempo a tocar, a cantar e a vestir-se. Isto custa-me um dinheiro callado; mas dou-o por bem empregado.

Macario

E quem é que ensina a senhora morgadinha a tocar?

Pantaleão

E' a mulher d'um sujeito que se estabeleceu ha pouco em Santo Thyrso com loja de fazendas brancas...

Macario

Bem sei, bem sei.

Pantaleão

Foram lá as primas de Ruivães que fizeram a descoberta; mas o que tem muita graça é que o homem da mestra é tão ciumento que só a deixa ir a casas onde não ha homens...

Macario

Que tal pezêta é ella! ..

Pantaleão

E para vir aqui, pôz por condição que a mulher só viria á noitinha acompanhada pelo marido que a deixa á porta, e vem por ella duas horas depois. Eu estive quasi a não aceitar tal professora por saber que o escrivão de fazenda estava muitas vezes na loja do marido; e receei que ella fosse medianeira d'alguma carta...

Macario

E tem razão, senhor morgado... Veja lá!... Olhe que o mundo é um covil de marotos!

Pantaleão

Não ha receio; que eu tratei de me informar, e soube que o logista pôz fóra da loja o velhaco do Frederico, por desconfiar que elle trazia d'ôlho a consorte.

Macario

Não que sem licença d'elle não ha maior desmoralisação n'este mundo! Aquillo tem mesmo idéas de Sardanapalo! Ainda bem que lhe está por um fio a ladroeira da repartição...

Pantaleão

Conte lá isso então. Em que termos está a bernarda? Rebenta hoje ou ámanhã?

Macario

Hoje. Está tudo alevantado quando fôr nove horas. Os sinos hão-de tocar a rebate nas quatro freguezias mais chegadas, e o povo cahe todo sobre Santo Thyrso, e faz cêrco para que o escrivão não possa escapulir-se; que elle é leve como uma penna, e quando a gente mal se precatar, vê-o fazer vispre, zêpe-zêpe *(expressão sibilante para imitar a rapidez da corrida.)*

Pantaleão

Se elle fugir, amigo Macario, deixal-o ir. Nada de o agarrar, que não vão os meus criados escadeiral-o e eu ter de o pagar por bom. O que eu desejo é que elle não

appareça mais em Santo Thyrso. Lá a respeito da papellada isso é queimal-a toda; que depois o governo, como não tem cadernos para a cobrança dos impostos, não o manda para cá a elle nem a outro.

Macario

Grande idéa é essa, senhor margado! E o governo faz uma economia bem bôa. Se a gente fosse dando cabo dos empregados, ajudava o governo a fazer economias, porque depois não havia quem quizesse servir os empregos. O systema é um bocado violento para os empregados, mas eu não vejo outro meio de os ir acabando...

Pantaleão

Não acho isso humanitario!

Macario

Meu caro amigo e senhor morgado, eu sou homem politico ha trinta annos, leio jornaes, e tenho feito muita somma de deputados; conheço por dentro e por fóra o paiz e as suas necessidades. Fique certo d'isto: em quanto se não der fim a uma casa a que os jornaes chamam *burrocracia,* não se indireita a patria.

Pantaleão

Como se chama isso?

Macario

Burrocracia, que pelos modos é palavra de idioma francez, que vem a dizer empregado publico.

Pantaleão

Snr. Macario, vá indo cá com as minhas idéas moderadas. O melhor systema de se acabar com os escrivães de fazenda é queimar os cartorios. Eu lhe ponho uma comparação. Se eu queimar a palha que tenho, e não comprar outra, que me acontece á minha parelha de machos? Morrem de fome, não é verdade?

Macario

Isso é.

Pantaleão

Pois ahi tem: os escrivães, em se lhe queimando os papeis, não tem que roer.

Macario, *duvidoso*

Nada; a comparação dos machos não me convence, queira v. exc.ª perdoar. *(Com energia)* Matal-os, matal-os, é o grande *desideratum.*

Pantaleão

E os papeis? deixam-se ficar?

Macario

Os papeis queimam-se, queimam-se as casas, queimam-se os escrivães! Nada de cataplasmas emolientes; o paiz o que precisa é causticos e ventosas.

Pantaleão

Ora vocemecê, snr. Macario Mendes, sabe que no cartorio do tal pulha está o processo da execução que a fazenda nacional me move...

Macario

Por seis contos d'uma fiança dos bens dos frades, sei muito bem... Esteja descançado, que não ha de lá ficar papel em que se amortalhe um cigarro.

Pantaleão

Quem é o chefe da revolução?

Macario

A' falta d'homens por hora sou eu; mas não sei o que os commandantes das freguezias decidirão. Já ouvi rosnar que elles querem acclamar v. exc.ª general em chefe.

Pantaleão

Homem, tire isso da cabeça ás freguezias. Vocemecê bem sabe que eu ando muito adoentado dos intestinos, e não posso deixar de tomar o meu banho de canôa á

noute. Dinheiro, sendo preciso, algum darei para a revolução; mas entrar n'ella em pessoa não posso por causa d'esta molestia dos reins, que me não deixa cavalgar; e vocemecê bem entende que um general em chefe a pé não tem geito, nem póde vêr de longe o inimigo, se nos fôr necessario entrar em batalha com o exercito. Dispensem-me, portanto, de tamanha honra.

Macario

Farei as diligencias; mas receio que...

SCENA II

OS MESMOS *e a* MORGADINHA

(*A morgadinha traja na ultima moda, mas exageradamente. Vestido muito curto, sem alguma roda, apanhando-se-lhe cingido ás pernas; grande laço na cintura posteriormente; sapatos de salto dourado; cabelleira com estupendos tufos encaracolados*).

Pantaleão

Vens para o piano, Joanninha?

Morgadinha, *pondo luneta d'oiro*

Sim, papá, vou estudar a minha lição de escala. (*Senta-se ao piano*).

Macario,
á parte, benzendo-se do trajar da morgada

Que desmoralisação! Isto é o peccado em carne e ôsso.

Pantaleão

Está vocemecê admirado d'estas modas, amigo Macario!

Macario, *ironico*

São bonitas... (*Grave*) Mas não acho isto decente para a observancia dos bons costumes.

Morgadinha

Que quer? é moda; andam assim todas as senhoras de tom.

Macario

Do tom? Sem tom nem som. As minhas filhas assim não hão de vestir, se Deus quizer.

Morgadinha,
voltando o rosto com aborrecimento

Então as suas filhas são senhoras?

Macario

D'aquella massa se fazem, senhora morgada...

Morgadinha, *dedilha nervosamente nas teclas*

Adeus, adeus. Temos historia!

Pantaleão,*a meia voz*

Não a zangue... Deixe-a lá... Tomára eu que ella se entretivesse com os vestidos...

Macario

A cabeça... está feito, mas as pernas a vêr-se-lhe, senhora morgada! Assim não se podem observar os bons costumes... (*A Morgadinha canta acompanhando a escala, e desafina quando guincha as noias das oitavas altas. Macario Mendes, offendido pela desharmonia, faz caretas*).

Pantaleão

Ainda não sabes cantar modinha nenhuma, menina?

Morgadinha

A mestra não quer que eu cante modinhas; aprendo a escala que é o essencial. (*Repete a escala, e quando principia a desafinar, Macario despede-se, apertando a mão a Pantaleão*).

Pantaleão

Veja lá os meus papeis, snr. Macario.

SCENA III

OS MESMOS *e* JOÃO LOPES

João Lopes, *trazendo castiçaes com luzes*

Está na sala de espera a senhora mestra pianista e mais o marido.

Morgadinha

Está! Papá, é preciso sahir, tenha paciencia. Bem sabe que ella, se vir homem aqui, não entra.

Pantaleão

Está bom pedaço d'asno o marido! Então elle não sabe que eu sou um homem sério!

Morgadinha

Que quer o papá! Já lhe tenho dito que póde entrar segura de que não ouve palavra que a offenda; ella bem o sabe; mas o marido, se souber que a mestra fallou com um homem, seja elle quem fôr, não a deixa voltar.

Pantaleão

Com certos individuos tem elle razão; mas nem todos são como o devasso escrivão de fazenda, que lhe

andava a fazer a côrte á mulher, e por isso foi posto de lá para fóra. Acho justo que elle se acautele dos tratantes; mas de mim... parece-me bestialidade! Emfim cá vou. (*Sahe*).

SCENA IV

MORGADINHA, JOÃO LOPES *e depois* FREDERICO

Morgadinha

Póde entrar a snr.ª D. Thomazia.

João Lopes,
para dentro, levantando o reposteiro

Póde entrar a snr.ª D. Thomazia. (*João Lopes sahe, assim que entra a supposta mestra. Frederico vestido de mulher, o rosto coberto de véo espesso, e cachos. Chapéo antiquado de orelhas, que lhe ajudem a cobrir a cara. Vae direito ao piano. Vê-se a cabeça de Pantaleão que espreita por uma fimbria do reposteiro. João Lopes tosse*).

Morgadinha, *alto*

Passou bem, snr.ª D. Thomazia!... (*Baixo*). Não me falles que meu pae está espreitando, em quanto João Lopes tossir... (*Tocam e cantam a escala. Frederico canta em falsête a duo. Desharmonia nas vozes*).

João Lopes

O snr. morgado já está no pateo a conversar com o marido do snr. Frederico; estejam á vontade que eu vou para o postigo da escada. Quando eu tossir, vejam lá...

Frederico, *levanta o véo abraçando o velho*

Este João Lopes é um prodigio de dedicação! é o typo genuino do antigo criado portuguez! Se eu realisar os meus sonhos, João Lopes, você ha de progredir na escala das importancias sociaes... Eu hei de arranjar-lhe a você um habito de Christo!

Morgadinha

Deixa-o ir, deixa-o ir... *(João Lopes sahe)*.

Frederico, *tomando as mãos calorosamente*

E os nossos sonhos vão realisar-se, minha fada! Oh! (*contemplando-a absorto*) que deslumbrante! que eclipse estás fazendo nos anjos do céo! Não és só uma bellesa! és um milagre! uma gloria! uma divinisação! Não ouso beijar-te as mãos... Os pés, os pés! Estes pés requerem tapêtes de labios e almofadas decorações! Consente que t'os beije, houri!

Morgadinha, *desviando-se*

Não sejas tôlo! Gostas de me vêr assim?

Frederico

Se gosto!... Sinto delicias que atormentam, amor que me rescalda as fibras intimas do peito! Luz, luz que me cegas, faz-te lavareda, e... devora-me!

Morgadinha

Vamos ao caso... Como estão os negocios?

Frederico

Optimos. Logo que chegarmos a Lisboa, tenho a certeza de que será consagrado nos altares o nosso amor. Poderiamos evitar a fugida, requerendo tu a tua emancipação, visto que já contas vinte e seis annos; mas, como receias que eu seja assassinado logo que requeiras ao juiz, cumpra-se a tua vontade. (*João Lopes tosse. Vão sentar-se rapidamente ao piano, tocando e cantando a escala. Depois, a Morgadinha vae espreitar, em quanto Frederico toca uma valsa voluptuosa que obriga a Morgadinha a fazer alguns passos de dança. Frederico, arrebatado do donaire gracioso d'ella, ergue-se de mãos postas fazendo tregeito de enlevado*).

João Lopes, *metendo a cabeça*

Podem conversar, que elle passou para a tulha.

Frederico, *com transporte*

E's divinamente grande nas minimas bagatellas da humanidade! Se lanças o pé quebradiço e chinez em attitude dançante, sacodes e impelles brazas á minha

alma. O pavimento arde debaixo dos teus pés lindissimos. Tudo que fazes mata e aviventa. Como não serás esbelta, nos salões de Lisboa, princeza dos bailes, a rodopiar vertiginosamente nas valsas, nos cotillons, nos lanceiros, na doidice sublime em que ha um espadanar de felicidade por todos os póros! O' Joaninha, deixa-me sonhar! (*Fixa os olhos espantados no tecto da platêa. Musica surda*). A minha vida vae ser uma etherisação de todas as potencias espirituaes. Embriagado nas taças nectáreas do céo, viverei enlevado nos arrobos da minha embriaguez... Esse rosto em que se espelham as formosuras não vistas de Angelos nem de Raphaeis, será o meu Al-korão, porque o summo artifice escreveu ahi a suprema estrophe do seu poema. Quando os teus olhos se abrirem ao diluculo da manhã, vêr-me-has de joelhos a beijar os teus cabellos; quando os fechares, cansados de serem beijados, e as sedosas palpebras se cerrarem como conchas ciosas de suas perolas, eu me quedarei a teus pés velando que os sylphos amorosos da noite não ousem perturbar o teu dormir. Oh! Joanna, Joanna! (*Ajoelha-se-lhe aos pés. João Lopes tósse com maior força. A morgadinha adverte em vão Frederico, que continúa no seu arrebatamento*:) Abre-me aqui já o sepulchro, se em alguma hora hei de sentir-me orphão dos teus carinhos... (*Pantaleão ao fundo, erguendo o reposteiro*).

Morgadinha

Ah!

Frederico, *sobresaltado*

O' diabo! (*Desce o véo. Canta qualquer aria conhe-*

cida no acto de ajoelhar, e cantando, diz perceptivelmente á Morgadinha:)

Diz a teu pai que a mestra
Para melhor te ensinar,
Te está cantando uma aria
Das que se usa cantar
No Theatro de Lisboa:
Prega-lhe a pêta, que é bôa;
E se esta nos não salva,
Nada nos póde salvar.

SCENA V

OS MESMOS *e* PANTALEÃO

Pantaleão, *ao fundo*

Então que é isso?

Morgadinha

E' a minha mestra que me está ensinando uma aria das que se cantam no theatro de Lisboa.

Pantaleão

Ella tem a voz tão grossa! Não parece voz feminina!

Morgadinha

Ella canta na voz que quer... Então o papá já se esqueceu que o marido d'ella...

Pantaleão

Está bom, está bom; eu vou-me embora. Lá estive conversando com o marido da senhora, e lhe disse que não tivesse ciumes que eu sou um velho!... Aquelle seu marido parece-me um doudo!... (*Rindo*). Ora andem lá, andem lá. (*Sahe*).

SCENA VI

FREDERICO, MORGADINHA *e* JOÃO LOPES
a intervallos

Frederico

Salvei-te ou não? Tu salvaste-me com a força, na romaria; e eu aqui, salvei-te com o genio! Vês como o amor me deu espirito n'um trance difficil? Fazes maravilhas de perspicacia e finura, tu com a magia dos teus olhos, ó formosa! (*Ouve se toque a rebate de sinos, que sôa de diversas longitudes. Rumôr longiquo de vozes*).

Morgadinha

Que será isto!? O' João Lopes!

João Lopes, *dentro*

Que quer, snhora morgadinha?

Morgadinha

Sabes a que tocam os sinos? é fogo?

João Lopes, *dentro*

Fogo não me parece. Acho que é bernarda. Estou cá á janella a vêr se entendo a gritaria.

Morgadinha

Diz que é bernarda...

Frederico, *alvoroçado*

Horrivel! oh! horrivel! Isso bole sériamente comigo, comtigo, comnosco, com o nosso futuro, Joanna!

João Lopes, *dentro*

E' revolução.

Morgadinha

Revolução!

Frederico

Não ouves a fatalidade que esbraveja? Terei eu de perder-te, archanjo?

Morgadinha

Qual perder-me! Importa-me cá a mim a bernarda! Hei de ser tua! Não temas, Frederico, que eu sou forte!...

João Lopes, *na scena*

Já entendi o que elles dizem... Dão morras aos papeis, e que se queime o escrivão da fazenda... E trazem musica... Ouvem?... *(Ouve-se distinctamente, mas ainda longe, o hymno da «Maria da Fonte», á mistura com os «morra!»)*. O snr. morgado está na torre a ouvir. Agora bom será que o snr. Frederico se escape, senão desconfio que o matem, sendo aqui pilhado... *(Frederico apanha as saias na cintura para poder fugir. A Morgadinha agarra-o)*.

Morgadinha

Não te deixo sahir agora, que é perigoso.

Frederico, *muito inquieto*

Morrer aqui, seria uma morte ingloria, Joanninha! Dá-me armas, que eu quero defender-me com uma bravura digna de ti! Armas! armas! um revolver de doze tiros! Quero armar-me até aos dentes, e combater, e morrer gloriosamente ao teu lado!

Morgadinha

Frederico, tu estás maluco!... Olha que elles não vem cá... Não percas o juizo!

Frederico,
muito á tragica alludindo ao estrondo da gritaria

Não vem? Vem! Escuta! escuta! Não houves o bramido do tigre popular? Olha... é o leão que ruge, partidos os grilhões de respeito á lei! E' a Libia e a Hircania a vomitarem féras! Olha o lago sujo como se levanta em vagalhões e como elles roncam!

Morgadinha

Vem então esconder-te, vem esconder-te!

Frederico

Não! Um homem não se esconde quando olhos como os teus são testemunhas de tamanha covardia! E' mister ser heroe!... Mas eu estou vestido ignobilmente! *(Arranca os vestidos mulherís: fica de quinzena; mas conserva o chapéo e os boucles)*. Agora, armas! armas! armas! (*A morgada ri-se apontando-lhe para a cabeça*). Porque ris tu, mulher forte! porque ris tu, se fazes favor?!

Morgadinha

Tira a cartola e os cachos, meu amor.

Vozes, *que sobrelevam o estrondo dos figles*

Morra o escrivão de fazenda! morra! (*Grande catharro de João Lopes*).

Frederico

E' chegada a hora! Dá-me um abraço, querida! Um abraço! e até ao reino eterno! As nossas nupcias são no céo!... (*Aponta para o tecto e fica como extactico; emquanto a Morgadinha vae rapidamente dentro, e sahe com dois bacamartes de bocca de sino*).

Morgadinha

Aqui tens um bacamarte; defende-te, que eu te defenderei tambem! (*Ella aperra o bacamarte*).

SCENA VII

OS MESMOS, PANTALEÃO *e* JOÃO LOPES

Pantaleão, *estupefacto*

Que vejo? que é isto? como entrou este homem aqui?

Frederico, *atirando ao chão o bacamarte*

Venho offerecer-me á vingança de v. exc.ª.

Morgadinha

Meu papá, o snr. Frederico vem pedir-lhe a minha mão de esposa!

Pantaleão

Das duas uma: ou o senhor foge, ou é espatifado pelo povo!

Frederico

Não sei fugir: sei morrer.

Pantaleão

Mas vá morrer a casa do diabo; não quero que o matem aqui.

João Lopes

V. ex.ª tem rasão; matal-o aqui é máo: o melhor é eu ir escondêl-o no meu quarto; por que, se o povo o achasse aqui a estas horas, os creditos da menina não ficavam com muita saude.

Pantaleão

Pois vae escondêl-o... some-o no inferno!

Morgadinha

Meu pae, se Frederico fugir, fujo eu; se elle morrer, morre sua filha, sua filha unica, a sua Joanninha, a luz dos seus olhos! Meu papá (*ajoelha-lhe*) eu já não posso deixar de ser esposa de Frederico, e juro que sou d'elle na vida e na morte! (*Ergue-se; conduz Frederico pela mão, e ajoelha com elle*). Dê-nos a sua benção, querido papá!

Pantaleão

Nunca! nunca! (*Ouvem-se fóra as acclamações*).

Morgadinha, *erguendo-se soberba*

Então, não tenho pae! tenho só marido! Se o povo o matar, ha de vêr morrer-me ao pé d'elle... mas vingada!... (*Lança mão do bacamarte*). Que entre o povo!

Pantaleão

Em que apertos me vejo! Rebenta-me o coração!...

João Lopes, *muito commovido*

Snr. morgado!... Olhe que perdemos a nossa menina!...

Pantaleão, *a Frederico*

Esconda-se n'aquelle quarto, homem... Depressa...

Frederico

Obedeço, por que m'o ordena o pae d'este anjo. (*Sahe com João Lopes*).

SCENA VIII

PANTALEÃO *e a* MORGADINHA

Pantaleão

Perdi a cabeça!.... Estou doudo... não sei o que vinha aqui fazer!... Ah!... onde está a pianista, que está alli fóra o marido á espera...

Morgadinha

A pianista?...

Pantaleão

Sim, a pianista onde está?... (*Olha para o chão, tropeçando no vestido de mulher*). Que é isto? (*levantando o chapéo e os caracoes*). Que é isto?! que é isto, Joanna?...

Morgadinha, *afflicta*

Isso? Ah! meu pae, que eu morro, se me apoquenta muito!...

Pantaleão

Então a pianista era... era o escrivão?!...

Morgadinha, *soluçando*

Era, sim, senhor!

Pantaleão

Que sucia de tratantadas se passam n'esta casa!... e eu a conversar com o patife do logista que se dizia o marido d'esse velhaco!...

Morgadinha

E' meu esposo... perdôe-nos...

Pantaleão

Tu és o demonio, mulher!

Morgadinha

Sou uma infeliz apaixonada... O' meu papá, tenha piedade! Olhe que o Frederico é muito bom moço. Se não é fidalgo hoje, póde sêl-o ámanhã. O papá bem sabe que os fidalgos agora se fazem d'um dia pr'ó outro.

Pantaleão

Ergue-te, ingrata, que déste cabo de teu pae! (*Rompe a musica pelo interior da casa, com grande vozearia, tocando o hymno*).

SCENA IX

JOÃO LOPES, PANTALEÃO MORGADINHA, MACARIO

(*A musica, na vanguarda, ladeia para dar passagem a Macario vestido de official de ordenanças, mas com chapéo embicado. Traz uma espada empunhada, e outra debaixo do braço, seguem-no 12 commandantes subalternos, vestidos a capricho, uns com chapéo redondo e banda e dragonas, outros de barretina e niza. Um d'estes arvora uma bandeira de varias côres*).

Macario

Viva o snr. morgado de Val-d'Amores, general em chefe das forças populares do Minho!

Vozes

Viva! (*Cala-se a musica*).

Macario, *á frente dos revolucionarios com enfaze oratoria*

Snr. morgado! As forças populares de seis freguezias

que ahi estão reunidas fóra no terreiro d'esta illustrissima casa, mandaram-me a mim, á frente dos seus doze commandantes que se acham presentes, declarar a v. ex.ª que por voto geral foi acclamado general em chefe d'esta provincia. Eu lhes fiz um eloquente discurso para os tirar d'essa ideia, allegando com o meu gráo de pharmaceutico que v. ex.ª soffria dos intestinos e d'outros incommodos intestinaes; mas elles não me attenderam e obrigaram-me a vir offerecer a v. ex.ª a espada de general em chefe. Aqui está por consequencia esta valente espada que matou em 1810 muita somma de francez do Junot, e que ha de nas mãos de v. ex.ª limpar este paiz de escrivães de fazenda e outros mariolas que nos desgraçam. Receba v. ex.ª das minhas mãos esta espada e salve com ella a patria do snr. D. Affonso Henriques!

Os commandantes

Viva o senhor boticario! Viva!

Macario

Obrigado, valentes guerreiros! (*A musica executa uma marcha muito compassada. Macario caminha a passo solemne e cadencioso com a espada offerecida segura pela lamina, levando a sua na bainha. O morgado faz signal de querer fallar. Silencio*).

Pantaleão, *commovido*

Snr. Macario Mendes, e mais Senhores! Grande impressão me fizeram as vossas palavras e não pude deixar de me commover... Estou realmente commovido, e sinto-me abalado com tanta honra; mas sinto muito dizer-lhe que as minhas doenças e outras desgraças me

não permittem tomar o commando das valentes forças populares que representaes. Não posso, senhores, não posso. Se a fortuna me tivesse dado um filho, essa espada estaria já nas mãos d'elle.

Morgadinha, *tirando a espada da mão de Macario*

Está nas mãos de sua filha esta espada; e, como infelizmente, sou mulher, ha de haver um homem a quem meu pae chame filho, e elle será digno d'ella! (*Chamando*). Frederico! Frederico!

SCENA ULTIMA

OS MESMOS *e* FREDERICO

Frederico, *ajoelhando deante da morgadinha*

Sim! sim! recebo de vossas mãos, Senhora, a espada que ha de decepar as infinitas cabeças da hydra financeira! (*Espanto geral*).

Macario

Como se entende esta caranguejola, snr. morgado!?

Pantaleão

Snr. Macario, esse... homem... vae ser... Eu desmaio!

João Lopes

Vae ser o marido da menina... (*a Pantaleão*) Faça favor de não desmaiar, por quem é!

Frederico, *com vehemencia e fogo*

E o marido da morgadinha de Val-d'Amores vae con-

duzir-vos á victoria, briosos populares! Eu vos ensinarei a calcar tyrannos! Auxiliado por vós, intrepidos filhos do norte, levantaremos o paiz das palhas pôdres em que o prostraram os comilões. Eu fallo assim, porque cada nação, nas horas criticas, tem o seu Victor Hugo, o seu salvador por meio da rethorica. Vamos a elles, filhos da victoria! As nossas bandeiras desenroladas aos ventos das batalhas, dirão: Riqueza e Moralidade! Em menos de quatro annos de regimen moral, e dieta aos lambões, o paiz não deverá nada, e vós não pagareis um pataco de decima.

Vozes

Apoiado!

Frederico

Cidadãos! Eu tenho estudado profundamente as doenças de Portugal e pude descobrir onde está o cancro que nos roe. Ahi vae o meu programma: O meu systema é dividir o paiz em republicas confederadas; cada republica tem seu presidente de eleição popular, quero dizer, cada concelho governa-se a si, e não quer saber do concelho visinho. Não sei se me percebem...

Macario

Muito bem, entendemos muito bem.

Frederico

Por exemplo: Santo Thyrso fica sendo uma republica que não tem nada com a republica de Famalicão, nem com a republica de Fafe. Nós cá vivemos com o que é nosso, fazemos as nossas despezas, e não damos nem vintem aos de fóra.

Vozes

Apoiado! Apoiado!

Frederico

Aqui está o meu systema que ainda não lembrou a ninguem, e que é o resultado de quinze annos de estudo. Conseguido isto, não temos a sustentar tropas *(apoiados),* nem as estradas por onde andam os outros *(apoiados),* nem theatros onde os outros se divertem *(apoiados),* nem escrivães de fazenda (*apoiados*). E declaro que me dou já por demittido do meu logar, e levanto minha voz auctorisada bradando: Guerra e morte a todos os escrivães de fazenda! (*Os populares desembainham as espadas e bradam: «guerra de morte!»*). E, portanto, senhores, beijo esta espada, e leio na sua lamina os novos destinos que vão alvorecer para Portugal! Recebi-a da mão do anjo protector das nossas tremendas batalhas! E concedei, cidadãos, que essa bandeira seja arvorada nas mãos da Judith lusitana! Não mais cahirá aos pés de vencedor algum o estandarte que foi consagrado pela filha d'este honrado fidalgo! (*Frederico tem passado a bandeira á Morgadinha, a qual se colloca de maneira que o pae fica entre ella e Frederico*). Bravos sycambros de Santo Thyrso! agora, á victoria, á victoria que a patria nos chama! Está inaugurada a republica confederada de Santo Thyrso! Toque o hymno! (*Os musicos executam. Frederico florea a espada com arrebatada bravura. A morgadinha agita a bandeira. Os commandantes fazem tambem seus ademanes de valentões. João Lopes, sentado, com os queixos entre as mãos, contempla tudo aquillo. Corre o panno*).

FIM

J. P. OLIVEIRA MARTINS

OBRAS COMPLETAS

I. Historia nacional:

HISTORIA DA CIVILISAÇÃO IBERICA, 4.ª ed. (1897), 1 vol. br. 700 rs. Enc. 900.
HISTORIA DE PORTUGAL, 7.ª ed. (1908), 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800.
O BRAZIL E AS COLONIAS PORTUGUEZAS, 4.ª ed. (1888), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
PORTUGAL CONTEMPORANEO, 4.ª ed. (1907), 2 vol., br. 2$000 rs. Enc. 2$400.
PORTUGAL NOS MARES, (1889), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
CAMÕES, OS LUSIADAS E A RENASCENÇA EM PORTUGAL (1891), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
NAVEGACIONES Y DESCUBRIMIENTOS DE LOS PORTUGUESES *(ed. do Ateneo de Madrid* 1892), 1 vol. (não entrou no commercio.)
A VIDA DE NUN'ALVARES, 2.ª ed. (1894), 1 vol., br. 2$000 rs. Cart. 2$400. Enc. (folhas doiradas) 3$200.
OS FILHOS DE D. JOÃO I, 2.ª ed., 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800 rs.
O PRINCIPE PERFEITO, (1895) 1 vol., br. 2$000 rs. Encad., folhas doiradas, 3$200

II. Historia geral:

ELEMENTOS DE ANTHROPOLOGIA, 4.ª ed. (1895), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
AS RAÇAS HUMANAS E A CIVILISAÇÃO PRIMITIVA, 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800 rs
SYSTEMA DOS MYTHOS RELIGIOSOS, 2.ª ed. (1895) 1 vol., br. 800 rs. Enc. 1$000.
QUADRO DAS INSTITUIÇÕES PRIMITIVAS, 2.ª ed. (1893) 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
O REGIME DAS RIQUEZAS, 2.ª ed. (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
HISTORIA DA REPUBLICA ROMANA, 2.ª ed., 1897, 2 vol., br. 2$000 rs. Enc. 2$400.
O HELLENISMO E A CIVILISAÇÃO CHRISTÃ, 2.ª ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1$000.
TABOAS DE CHRONOLOGIA E GEOGRAPHIA HISTORICA, (1884), 1 vol., br. 1$000 rs. Encadernado 1$200.

III. Varia:

A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA, 2.ª ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1$000 rs.
A REORGANISAÇÃO DO BANCO DE PORTUGAL, *opusculo*, (1877) br. 150 rs.
O ARTIGO «BANCO» no *Diccionario Universal Portuguez*, (1877), 1 vol., br 500 rs.
POLITICA E ECONOMIA NACIONAL, (1885), 1 vol., br. 700 rs.
PROJECTO DE LEI DE FOMENTO RURAL, *apresentado á camara dos deputados na sessão de 1887*, 1 vol., br. 300 rs.
ELOGIO HISTORICO DE ANSELMO J. BRAAMCAMP, *ed. part.* (1886), 1 vol. (esgotado).
THEOPHILO BRAGA E O CANCIONEIRO, *opusculo*, (1869) esgotado.
O SOCIALISMO, (1872-3), 2 vol., br. 1$200. (Esgotado)
AS ELEIÇÕES, *opusculo*, (1878), br. 200 rs.
CARTEIRA DE UM JORNALISTA: I. *Portugal em Africa*, (1891), 1 vol., br. 400 rs.
A INGLATERRA DE HOJE, CARTAS DE UM VIAJANTE, 2.ª ed., (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
CARTAS PENINSULARES, (1895), 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

Parceria A. M. Pereira — Livraria editora

Rua Augusta, 44 a 54 — LISBOA

Obras de JOSÉ QUINTINO TRAVASSOS LOPES

Nova grammatica elementar da lingua portugueza, redigida segundo as theorias modernas, e contendo quadros synopticos muito uteis, cart. 160 réis.

Compendio de arithmetica e systema metrico, 29.ª edição, contendo 29 gravuras e mais de 2.000 exercicios e problemas, reformado segundo os actuaes programmas, br. 200 réis, cart. 280 réis.

Resumo de arithmetica e systema metrico, 5.ª edição, muito augmentada e contendo 13 gravuras, approvado pelo antigo conselho superior de instrucção publica, br. 100 réis, cart. 180 réis.

Dois mil exercicios e problemas de arithmetica e systema metrico, abrangendo os programmas do ensino elementar e complementar, em br. 160 rs., cart. 240 rs.

Compendio de historia patria, 13.ª edição, reformada, e contendo no fim uma noticia resumida dos factos principaes de cada reinado, br. 160 réis, cart. 240 réis.

Compendio de historia sagrada, 2.ª edição, illustrada com muitas gravuras, approvado pelo antigo conselho superior de instrucção publica, br. 160 réis, cart, 240 rs.

Leituras Correntes e Intuitivas: primeiras lições sobre objectos. — 1.ª parte, 10.ª edição, muito augmentada, ornada com gravuras e vinhetas, dedicada ás creanças de 7 a 9 annos, br. 160 réis, cart. 240 réis; com encad. de luxo para premios e brindes, 360 réis.

Leituras Correntes e Intuitivas: primeiras lições sobre objectos.—2.ª parte, 6.ª edição, ornada com gravuras e vinhetas, dedicada ás creanças de 10 a 12 annos, br. 160 réis, cart. 240 réis; com encad. de luxo, para premios e brindes, 360 réis.

Leituras Correntes e Intuitivas, obra adoptada para o ensino official primario, 300 réis, cart.

Historias de animaes, sua vida, costumes, anecdotas, fabulas, etc. — noções amenas de zoologia para creanças — lições sobre objectos, 3 volumes, obra interessantissima, ornada com 400 gravuras e vinhetas, br. 200 réis cada volume, cart. 280 réis; com encad. de luxo, para premios e brindes, 400 réis.

Os contos da avózinha, collecção illustrada de historias, lendas, fabulas e contos, com 300 gravuras, 3 volumes, br. 160 réis, cart. 240 réis, com encad. de luxo, para premios e brindes, 360 réis cada volume.

Parceria Antonio Maria Pereira — Livraria-editora

Rua Augusta, 44 a 54 — LISBOA

OBRAS DE CARLOS AUGUSTO PINTO FERREIRA

Engenheiro machinista, capitão-tenente graduado da Armada

INDISPENSAVEIS A INDUSTRIAES, OPERARIOS, ENGENHEIROS, ARCHITECTOS, ETC.

Engenheiro (O) **d'algibeira,** livro portatil e utilissimo, especie de *vademecum*, onde se acham compendiadas grande quantidade de formulas e dados praticos com applicação á engenheria nos seus differentes ramos; 3.ª edição muito augmentada. Este livro deve ser o companheiro indispensavel do contra-mestre, do mestre, do architecto e finalmente do engenheiro; para todos tem materia util. Livrinho nitidamente impresso, contendo mais de 150 tabellas. — Preço 800 réis br., 1$000 réis enc.

Guia do fogueiro conductor de machinas de vapor, approvado pela associação dos engenheiros civis portuguezes. Livro escripto expressamente para servir de ensinamento pratico aos fogueiros, e em harmonia com a portaria do ministerio da marinha que obriga esta classe de individuos a serem examinados. Contém 230 paginas em 8.º francez, com bastantes gravuras intercaladas no texto e duas bellas estampas, 2.ª edição.—Preço 800 rs. br. 1$100 réis enc.

Guia de mechanica pratica, precedida de noções elementares de arithmetica, algebra e geometria indispensaveis para facilitar a resolução dos diversos problemas de mechanica. Volume de 558 paginas em oitavo francez, nitidamente impresso, contendo mais de cem gravuras intercaladas no texto e cinco bellas estampas no fim. Livro indispensavel, não só aos industriaes, mas a todos os individuos que desejarem pôr em pratica quaesquer trabalhos mechanicos.—8.ª edição. Preço 1$600 rs. br., 1$900 rs. enc.

Manual elementar e pratico sobre machinas de vapor maritimas antigas e modernas, comprehendendo as de dupla, triplice e quadrupla expansão—Livro utilissimo para quem precisa fazer algum estudo sobre machinas maritimas, construil-as, mandal-as construir, ou dirigil-as. Vol. de 420 pag. em 8.º francez, contendo 40 gravuras intercaladas no texto e 2 magnificas estampas. Os engenheiros machinistas encontrarão n'este livro indicações de grande utilidade para o desempenho da sua difficil missão. Preço 2$000 réis br., 2$400 réis enc.

Opusculo ácerca das machinas mixtas de alta e baixa pressão, applicadas aos navios movidos a vapor, 2.ª edição. Preço 600 réis br., 800 réis enc.

Manual de noções elementares de technologia, Livro utilissimo para todos os que se dedicam á industria, e tratando dos seguintes assumptos: 2.ª Edição. — Madeiras. — Rochas e pedras. — Carvão. — Materias textis. — Metaes. Construcções. Adornado de muitas gravuras explicativas. Preço 500 réis br., 700 réis enc.